



## ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

# GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**  
N.10 - Décimo Levantamento  
Julho/2015

**Monitoramento Agrícola**  
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**



**Presidenta da República**

Dilma Rousseff

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)**

Kátia Abreu

**Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Rubens Rodrigues dos Santos

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

João Marcelo Intini

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

**Equipe Técnica da Geote**

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



## ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

# GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**  
N.10 - Décimo Levantamento  
Julho/2015

**Monitoramento Agrícola**  
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 2 - Safra 2014/15, n. 10 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-109, julho 2015.



Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-6852  
Tiragem: 1.000  
Impresso no Brasil

#### Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)	Leonardo Amazonas (Geole – Soja)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)	Miriam Rodrigues da Silva (Latis – Conab/Inmet)
João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)	Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab – Arroz)	

#### Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Illo Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

#### Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

#### Fotos

Arquivo Geosafas/ Conab, Clauduado Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

#### Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843 e Narda Paula Mendes – CRB-1/562

### Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)  
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013- ) – Brasília : Conab, 2013-  
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007- ).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

## Sumário

1. Resumo executivo .....	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada .....	6
4. Estimativa de produtividade.....	7
5. Estimativa da produção .....	8
6. Crédito rural .....	11
7. Câmbio .....	12
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo .....	13
9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – junho de 2015.....	16
9.1. Condições meteorológicas recentes.....	16
9.2. Temperatura da superfície do mar e o fenômeno El Niño.....	17
9.3. Prognóstico climático para o trimestre junho-julho-agosto/2015 .....	18
9.4. Monitoramento agrometeorológico .....	18
9.5. Monitoramento espectral .....	22
9.5.1. Norte Mato-Grossense .....	23
9.5.2. Sudoeste do Mato Grosso do Sul .....	25
9.5.3. Sul Goiano .....	27
9.5.4. Oeste Paranaense .....	29
9.5.5. Norte Central Paranaense.....	31
9.5.6. Sudoeste Paranaense.....	33
10. Análise das culturas .....	35
10.1. Culturas de verão .....	35
10.1.1. Algodão .....	35
10.1.1.1. Oferta e demanda .....	40
10.1.2. Amendoim .....	44
10.1.2.1. Amendoim primeira safra .....	44
10.1.2.2. Amendoim segunda safra .....	45
10.1.2.3. Amendoim total .....	47
10.1.3. Arroz.....	48
10.1.3.1. Oferta e demanda .....	51
10.1.4. Feijão .....	52
10.1.4.1. Feijão primeira safra .....	52
10.1.4.2. Feijão segunda safra .....	54
10.1.4.3. Feijão terceira safra .....	57
10.1.4.4. Feijão total .....	60
10.1.4.5. Oferta e demanda .....	61
10.1.5. Girassol .....	62
10.1.6. Mamona .....	65
10.1.7. Milho.....	67
10.1.7.1. Milho primeira safra .....	67

10.1.7.2. Milho segunda safra.....	70
10.1.7.3. Milho total.....	74
10.1.7.4. Oferta e demanda .....	75
10.1.8. Soja.....	78
10.1.8.1. Oferta e demanda .....	81
10.1.9. Sorgo.....	84
10.2. Culturas de inverno .....	86
10.2.1. Aveia .....	86
10.2.2. Canola.....	89
10.2.3. Centeio.....	90
10.2.4. Cevada.....	91
10.2.5. Trigo .....	94
10.2.6. Triticale.....	98
11. Anexos .....	99
11.1. Preços agropecuários.....	99

## 1. Resumo executivo

A produção da safra 2014/15 está estimada em 206,34 milhões de toneladas, numa área de 57,52 milhões de hectares.

**Algodão:** as lavouras que estão em fase de frutificação se encontram em boas condições; a maior parte está em maturação e colheita.

**Amendoim segunda safra:** colheita concluída; produção superior à safra passada.

**Arroz:** colheita concluída em 99% da área plantada; produção superior à safra passada.

**Feijão segunda safra:** colheita avançada; estimativa de redução de área; boas produtividades no Centro-Sul e redução no Norte/Nordeste.

**Feijão terceira safra:** plantio avançado; cultura em boas condições.

**Girassol:** colheita iniciada; com expectativa de produção inferior à safra passada.

**Mamona:** boa perspectiva de produção.

**Milho segunda safra:** colheita iniciada; com boas expectativas de produtividade.

**Soja:** colheita concluída; safra recorde.

**Sorgo:** colheita iniciada; cultura em boas condições.

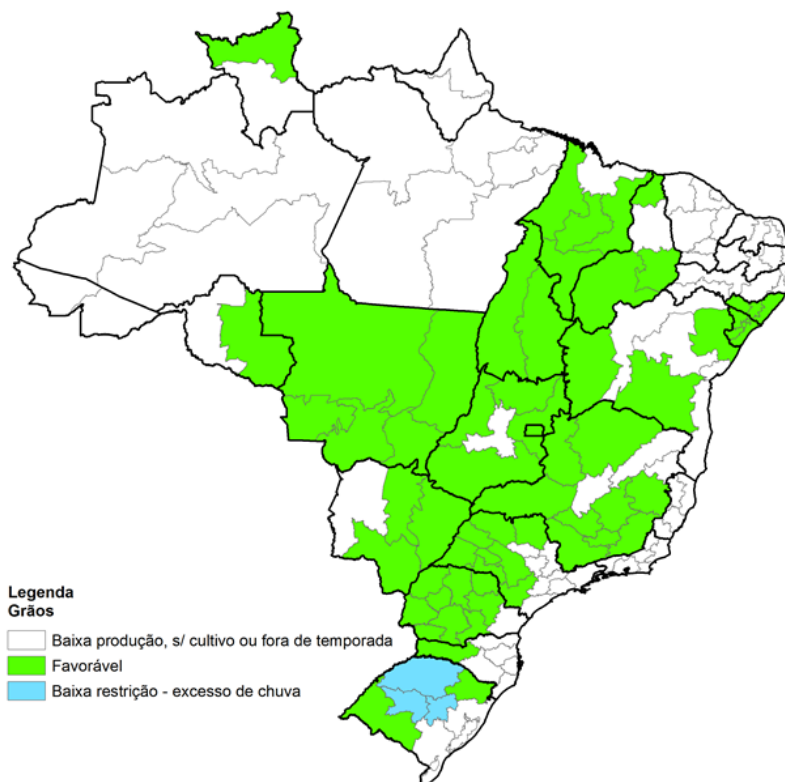
**Aveia:** expectativa de aumento de área; menor custo de implantação em relação ao trigo.

**Canola:** expectativa de redução de área em função da baixa oferta de semente.

**Cevada:** expectativa de área inferior à safra passada; cultivo incentivado pela indústria.

**Trigo:** condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura até o momento.

Figura 1 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

## 2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o décimo levantamento da safra 2014/15, onde indica a colheita das culturas de primeira e segunda safras (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho e soja), o plantio e o desenvolvimento das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste.

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.



### 3. Estimativa da área plantada (57,52 milhões de hectares)

A área cultivada no país, na safra 2014/15, está estimada em 57,52 milhões de hectares, superior em 0,8%, ou 457,7 mil hectares, à safra anterior (Tabela 1).

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

CULTURAS DE VERÃO				(Em 1000 ha)	
	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14	2014/15		Percentual	Absoluta
	(a)	Jun/2015 (b)	Jul/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	1.121,6	977,7	976,2	(13,0)	(145,4)
AMENDOIM TOTAL	105,3	107,4	109,6	4,1	4,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	97,9	97,8	3,8	3,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	9,5	11,8	6,3	0,7
ARROZ	2.372,9	2.312,2	2.292,3	(3,4)	(80,6)
FEIJÃO TOTAL	3.365,6	3.092,9	2.977,5	(11,5)	(388,1)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.040,7	1.052,1	(10,8)	(127,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.506,4	1.365,5	1.321,5	(12,3)	(184,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	686,7	603,9	(11,1)	(75,4)
GIRASSOL	145,7	109,9	92,7	(36,4)	(53,0)
MAMONA	101,3	90,6	86,9	(14,2)	(14,4)
MILHO TOTAL	15.828,9	15.481,8	15.569,6	(1,6)	(259,3)
MILHO 1ª SAFRA	6.617,7	6.154,8	6.059,0	(8,4)	(558,7)
MILHO 2ª SAFRA	9.211,2	9.327,0	9.510,6	3,3	299,4
SOJA	30.173,1	31.902,4	31.908,3	5,8	1.735,2
SORGO	731,0	697,9	695,2	(4,9)	(35,8)
SUBTOTAL	53.945,4	54.772,8	54.708,3	1,4	762,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014	2015		Percentual	Absoluta
	(a)	Jun/2015 (b)	Jul/2015 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	153,7	186,5	177,6	15,5	23,9
CANOLA	44,7	47,1	40,1	(10,3)	(4,6)
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-
CEVADA	117,2	108,3	110,8	(5,5)	(6,4)
TRIGO	2.758,0	2.504,1	2.458,8	(10,8)	(299,2)
TRITICALE	39,1	39,1	20,2	(48,3)	(18,9)
SUBTOTAL	3.114,5	2.886,9	2.809,3	(9,8)	(305,2)
BRASIL	57.059,9	57.659,7	57.517,6	0,8	457,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Dos principais produtos analisados, a soja e o milho segunda safra apresentaram variação positiva de 5,8% e 3,3%, respectivamente, destacando-se a área cultivada com a soja, que apresentou crescimento de 1,74 milhão de hectares. A aveia e o amendoim primeira e segunda safras, somados, também apresentaram crescimento,

correspondendo a um ganho de área de 4,3 mil hectares. As demais culturas apresentam redução de área, com a maior perda observada no milho primeira safra, com menos 8,4% (558,7 mil hectares). Vale observar que os produtores de milho na Região Centro-Sul, sobretudo os do Paraná e de Mato Grosso, com o objetivo de colher duas safras na mesma área, optam pelo plantio da soja e após a colheita nos meses de janeiro a meados de março, entram com o plantio do milho, denominado de segunda safra.

#### 4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

PRODUTO			(Em kg/ha)	
	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.381	2.377	(0,2)	(4,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.543	(0,2)	(3,0)
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.165	5,5	166,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.266	5,5	171,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.320	6,5	140,8
ARROZ	5.108	5.453	6,7	344,5
FEIJÃO TOTAL	1.026	1.058	3,1	32,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.076	0,9	9,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	884	929	5,0	44,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.312	3,2	41,1
GIRASSOL	1.597	1.559	(2,4)	(37,9)
MAMONA	441	600	36,1	159,1
MILHO TOTAL	5.057	5.255	3,9	197,2
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.995	4,4	211,7
MILHO 2ª SAFRA	5.254	5.420	3,2	165,7
SOJA	2.854	3.016	5,7	161,4
SORGO	2.587	2.673	3,3	85,6
SUBTOTAL	3.465	3.627	4,7	162,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.000	2.390	19,5	390,0
CANOLA	812	1.529	88,3	717,0
CENTEIO	1.944	2.056	5,8	112,0
CEVADA	2.606	3.384	29,9	778,0
TRIGO	2.165	2.852	31,7	687,0
TRITICALE	2.450	2.584	5,5	134,0
SUBTOTAL	2.157	2.822	30,8	665,0
BRASIL <sup>(2)</sup>	3.393	3.587	5,7	194,0

Legenda: <sup>(1)</sup> Produtividade de caroço de algodão; <sup>(2)</sup> Exclui a produtividade de algodão em pluma  
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

## 5. Estimativa de produção (206,34 milhões de toneladas)

O resultado do levantamento realizado entre 22 e 26 de junho de 2015 indica para a safra 2014/15 uma produção de 206,34 milhões de toneladas, 6,6%, ou 12,7 milhões de toneladas superior à produção obtida na safra anterior, quando foram produzidas 193,62 milhões de toneladas.

Para as culturas de verão o maior crescimento é observado na soja (10,1 milhões de toneladas), seguida do milho segunda safra (3,1 milhões de toneladas) e do arroz (378,3 mil toneladas). Este crescimento se deve às condições climáticas favoráveis e o aumento na área plantada de soja e milho segunda safra.

Para as culturas de inverno, destaque-se a cultura do trigo, que mesmo com a redução na área de 10,8% (299,2 mil hectares), estima-se uma produção de 7,01 milhões de toneladas, 17,4% (1,04 milhão de toneladas) acima da produção da safra anterior. Tal ganho é justificado pela recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul, que na safra 2014 foi severamente prejudicada pelas condições climáticas adversas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)					
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual	Absoluta
		Jun/2015 (b)	Jul/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.670,6	2.322,8	2.320,4	(13,1)	(350,2)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.507,7	1.505,9	(13,2)	(228,1)
AMENDOIM TOTAL	315,8	337,1	346,9	9,8	31,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	320,1	319,5	9,6	27,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	17,0	27,4	13,2	3,2
ARROZ	12.121,6	12.544,0	12.499,9	3,1	378,3
FEIJÃO TOTAL	3.453,7	3.274,8	3.151,2	(8,8)	(302,5)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.138,3	1.132,1	(10,1)	(126,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.331,8	1.322,2	1.227,0	(7,9)	(104,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	814,5	792,4	(8,2)	(71,0)
GIRASSOL	232,7	170,1	144,5	(37,9)	(88,2)
MAMONA	44,7	61,0	52,1	16,6	7,4
MILHO TOTAL	80.051,7	80.208,4	81.811,4	2,2	1.759,7
MILHO 1ª SAFRA	31.652,6	30.831,0	30.262,9	(4,4)	(1.389,7)
MILHO 2ª SAFRA	48.399,1	49.377,6	51.548,4	6,5	3.149,3
SOJA	86.120,8	96.044,5	96.222,1	11,7	10.101,3
SORGO	1.891,2	1.860,1	1.858,2	(1,7)	(33,0)
SUBTOTAL	186.903,0	196.823,2	198.406,9	6,2	11.503,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual	Absoluta
		Jun/2015 (b)	Jul/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	307,4	421,0	424,5	38,1	117,1
CANOLA	36,3	71,8	61,3	68,9	25,0
CENTEIO	3,5	3,3	3,7	5,7	0,2
CEVADA	305,4	349,9	374,9	22,8	69,5
TRIGO	5.971,1	6.755,0	7.011,6	17,4	1.040,5
TRITICALE	95,8	100,8	52,2	(45,5)	(43,6)
SUBTOTAL	6.719,5	7.701,8	7.928,2	18,0	1.208,7
BRASIL <sup>(2)</sup>	193.622,5	204.525,0	206.335,1	6,6	12.712,6

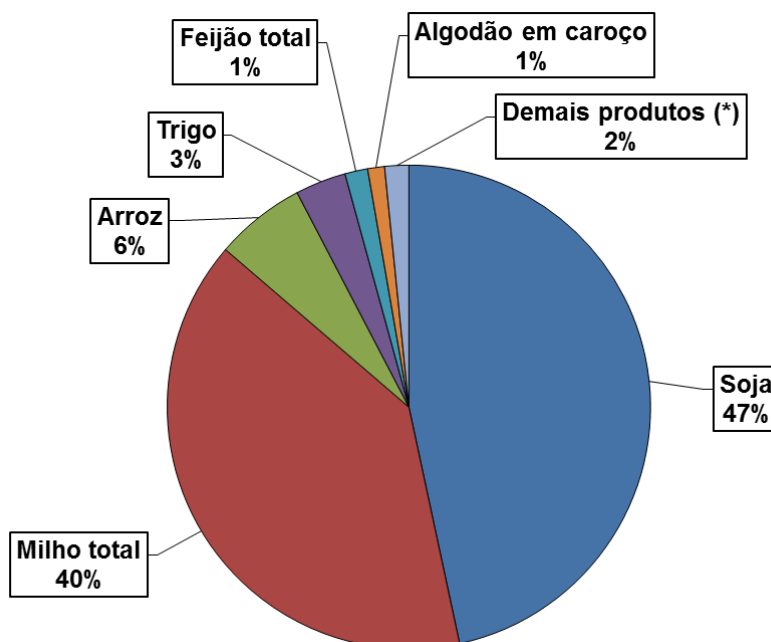
Legenda: <sup>(1)</sup> Produção de caroço de algodão; <sup>(2)</sup> Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Em relação ao levantamento anterior, divulgado em junho de 2015, observa-se um ganho de 1,81 milhão de toneladas, justificado pelo aumento nas produtividades, principalmente, do milho segunda safra e pelo bom desenvolvimento, até então, das lavouras de trigo.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

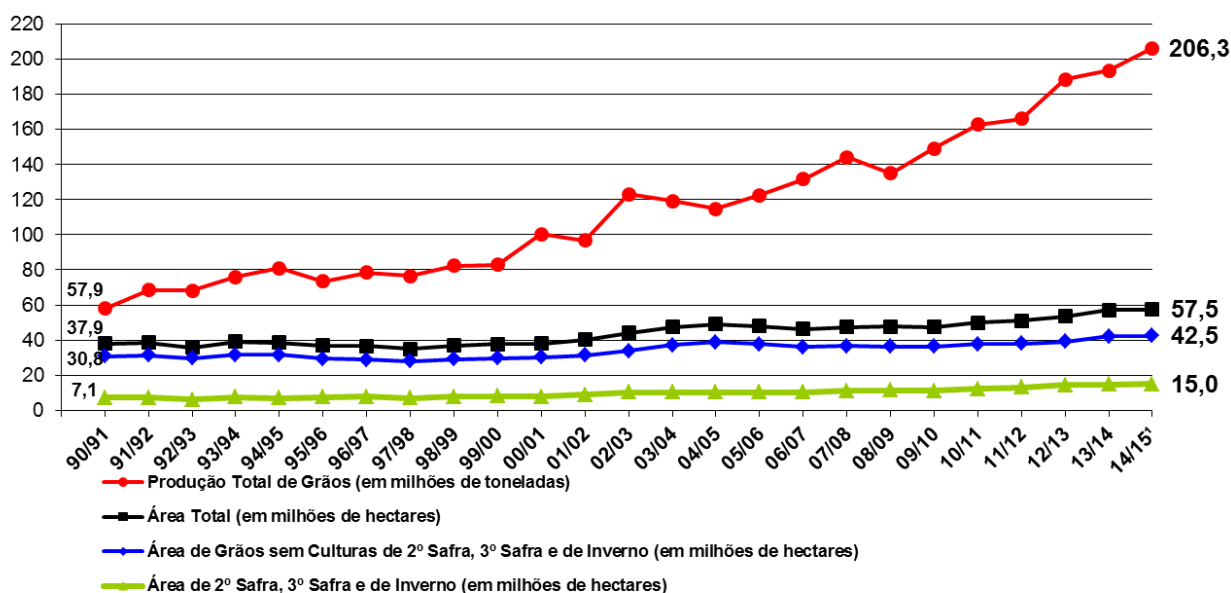


Legenda: (\*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio, cevada e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

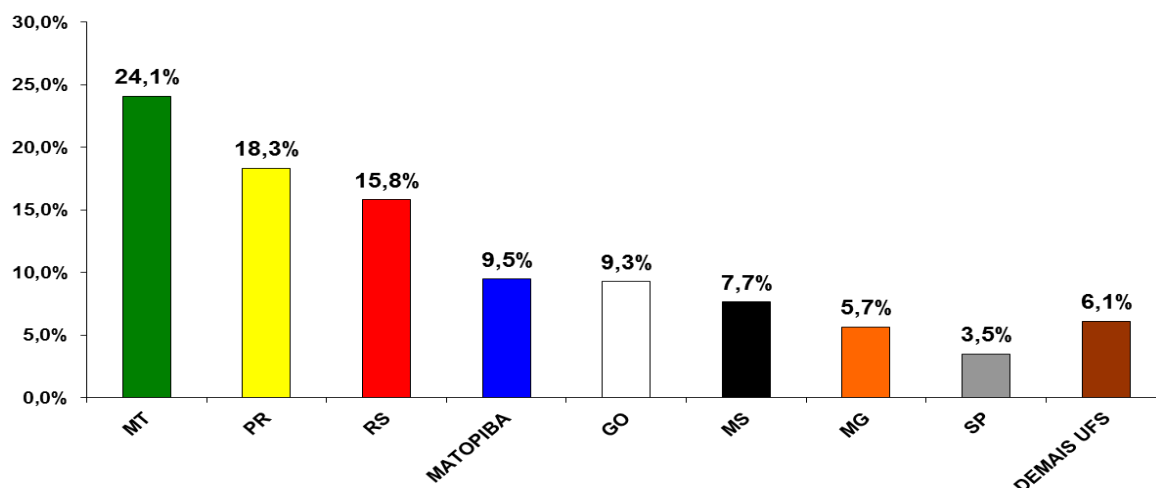
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (\*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>2.126,7</b>	<b>2.437,5</b>	<b>14,6</b>	<b>2.967</b>	<b>3.217</b>	<b>8,4</b>	<b>6.310,3</b>	<b>7.842,6</b>	<b>24,3</b>
RR	38,9	44,9	15,4	3.645	3.886	6,6	141,8	174,5	23,1
RO	421,9	447,3	6,0	2.900	3.347	15,4	1.223,7	1.497,0	22,3
AC	64,3	55,5	(13,7)	1.926	1.959	1,7	123,8	108,7	(12,2)
AM	19,7	17,7	(10,2)	2.132	2.090	(2,0)	42,0	37,0	(11,9)
AP	5,5	5,1	(7,3)	1.018	980	(3,7)	5,6	5,0	(10,7)
PA	515,1	644,4	25,1	2.750	2.906	5,7	1.416,5	1.872,4	32,2
TO	1.061,3	1.222,6	15,2	3.163	3.393	7,3	3.356,9	4.148,0	23,6
<b>NORDESTE</b>	<b>8.287,3</b>	<b>8.110,6</b>	<b>(2,1)</b>	<b>2.027</b>	<b>2.097</b>	<b>3,5</b>	<b>16.800,7</b>	<b>17.009,7</b>	<b>1,2</b>
MA	1.769,1	1.706,3	(3,5)	2.431	2.465	1,4	4.300,6	4.206,3	(2,2)
PI	1.388,1	1.410,7	1,6	2.001	2.226	11,2	2.777,3	3.140,0	13,1
CE	921,5	906,5	(1,6)	621	278	(55,3)	572,6	251,7	(56,0)
RN	69,0	72,3	4,8	555	353	(36,5)	38,3	25,5	(33,4)
PB	155,3	106,5	(31,4)	374	193	(48,3)	58,1	20,6	(64,5)
PE	482,0	361,6	(25,0)	392	278	(29,0)	188,9	100,7	(46,7)
AL	81,2	63,7	(21,6)	828	901	8,8	67,2	57,4	(14,6)
SE	266,5	266,3	(0,1)	4.216	4.232	0,4	1.123,5	1.127,1	0,3
BA	3.154,6	3.216,7	2,0	2.433	2.512	3,2	7.674,2	8.080,4	5,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>22.069,7</b>	<b>22.573,6</b>	<b>2,3</b>	<b>3.704</b>	<b>3.787</b>	<b>2,2</b>	<b>81.742,9</b>	<b>85.482,7</b>	<b>4,6</b>
MT	13.323,0	13.396,4	0,6	3.580	3.711	3,7	47.702,5	49.712,7	4,2
MS	3.797,0	4.007,1	5,5	3.850	3.951	2,6	14.617,0	15.832,6	8,3
GO	4.763,0	5.031,7	5,6	3.841	3.819	(0,6)	18.293,4	19.214,5	5,0
DF	186,7	138,4	(25,9)	6.052	5.223	(13,7)	1.130,0	722,9	(36,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>5.090,4</b>	<b>5.073,5</b>	<b>(0,3)</b>	<b>3.522</b>	<b>3.735</b>	<b>6,0</b>	<b>17.929,4</b>	<b>18.947,4</b>	<b>5,7</b>
MG	3.244,0	3.212,2	(1,0)	3.596	3.636	1,1	11.664,9	11.680,4	0,1
ES	38,1	26,9	(29,4)	1.945	1.416	(27,2)	74,1	38,1	(48,6)
RJ	8,0	4,4	(45,0)	1.988	1.614	(18,8)	15,9	7,1	(55,3)
SP	1.800,3	1.830,0	1,6	3.430	3.946	15,1	6.174,5	7.221,8	17,0
<b>SUL</b>	<b>19.485,8</b>	<b>19.322,4</b>	<b>(0,8)</b>	<b>3.635</b>	<b>3.988</b>	<b>9,7</b>	<b>70.839,2</b>	<b>77.052,8</b>	<b>8,8</b>
PR	9.643,6	9.543,9	(1,0)	3.691	3.965	7,4	35.592,2	37.841,4	6,3
SC	1.326,5	1.300,8	(1,9)	4.952	5.044	1,8	6.568,2	6.560,6	(0,1)
RS	8.515,7	8.477,7	(0,4)	3.368	3.851	14,4	28.678,8	32.650,8	13,8
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>10.414,0</b>	<b>10.548,1</b>	<b>1,3</b>	<b>2.219</b>	<b>2.356</b>	<b>6,2</b>	<b>23.111,0</b>	<b>24.852,3</b>	<b>7,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>46.645,9</b>	<b>46.969,5</b>	<b>0,7</b>	<b>3.655</b>	<b>3.864</b>	<b>5,7</b>	<b>170.511,5</b>	<b>181.482,9</b>	<b>6,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>57.059,9</b>	<b>57.517,6</b>	<b>0,8</b>	<b>3.393</b>	<b>3.587</b>	<b>5,7</b>	<b>193.622,5</b>	<b>206.335,2</b>	<b>6,6</b>

Legenda: (\*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

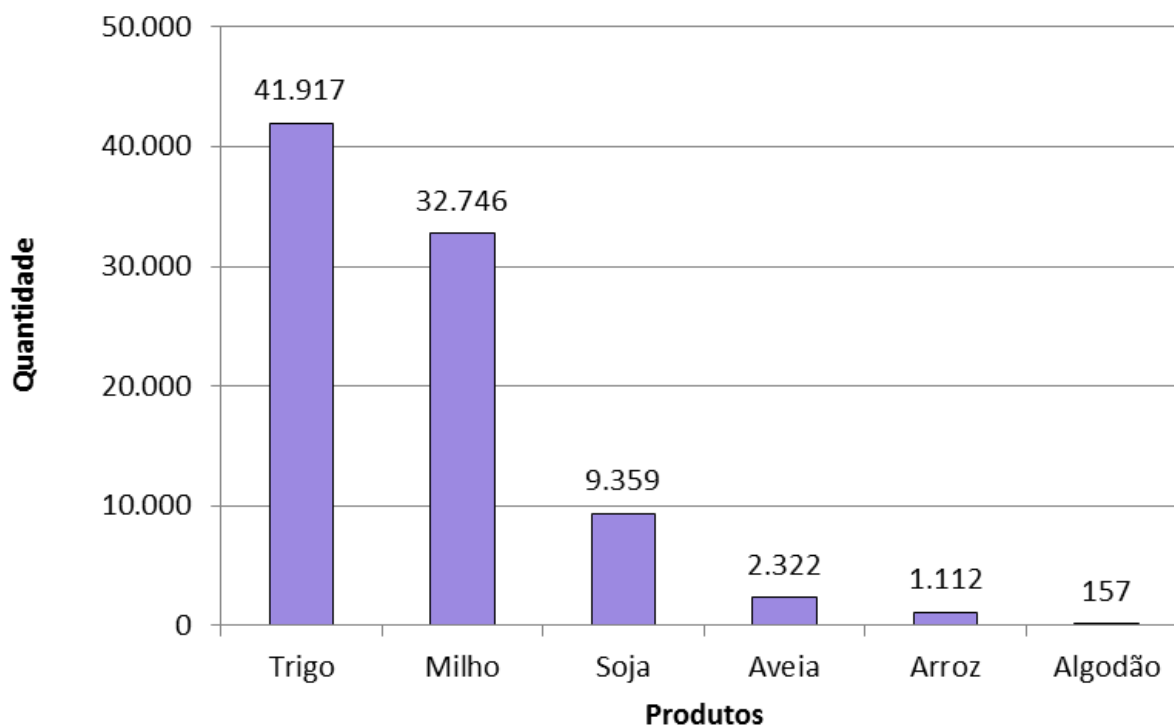
## 6. Crédito rural

Tabela 5 - Financiamento concedido à lavoura por região e programa (janeiro a junho de 2015)

Região	Programa	Qtde de Contratos						Valor I - Contratado						Total Qtde Contratos	Total Valor I - Contratado
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Junho	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Junho		
Centro-Oeste	Pronaf	219	208	480	243	128	162	6.462	5.109	12.306	6.299	5.195	7.077	1.440	42.449
	Pronamp	320	314	219	119	126	206	34.257	34.335	23.823	14.085	19.957	34.613	1.304	161.070
	Sem Vinc. Espec	914	849	600	486	782	1.351	323.973	299.537	290.816	320.124	323.055	926.872	4.982	2.484.377
Nordeste	Pronaf	1.657	1.588	3.108	3.938	4.414	2.031	12.193	12.171	28.142	48.832	53.584	24.620	16.736	179.542
	Pronamp	82	93	153	254	268	201	5.719	9.364	18.575	27.180	24.905	25.923	1.051	111.665
	Sem Vinc. Espec	208	192	470	375	465	776	146.338	101.257	132.953	115.874	186.445	866.226	2.486	1.549.093
Norte	Pronaf	234	167	190	180	176	275	2.851	2.229	2.853	2.347	2.378	3.671	1.222	16.330
	Pronamp	19	38	24	20	9	24	2.034	5.446	3.016	2.870	1.361	5.111	134	19.837
	Sem Vinc. Espec	46	41	48	38	65	181	12.669	13.580	29.625	19.766	54.075	122.774	419	252.490
Sudeste	Pronaf	6.363	4.369	5.114	3.829	4.396	4.003	100.843	78.316	93.554	71.605	87.944	85.507	28.074	517.769
	Pronamp	1.406	903	1.123	807	1.155	1.512	154.658	87.483	95.104	73.719	118.383	165.124	6.906	694.472
	Sem Vinc. Espec	2.666	2.065	2.398	2.713	4.005	5.529	514.866	366.899	392.817	337.707	664.349	1.092.897	19.376	3.369.535
Sul	Pronaf	7.720	7.499	8.162	12.462	13.330	7.209	136.809	148.868	174.333	271.589	298.514	152.684	56.382	1.182.798
	Pronamp	2.052	2.032	2.557	3.120	3.240	7.772	148.308	137.924	178.085	212.901	264.056	346.908	20.773	1.288.182
	Sem Vinc. Espec	930	1.303	1.725	2.329	3.319	10.434	150.725	184.942	295.073	324.011	449.168	634.604	20.040	2.038.522
Total		24.836	21.661	26.371	30.913	35.878	41.666	1.752.705	1.487.460	1.771.077	1.848.909	2.553.368	4.494.611	181.325	13.908.130

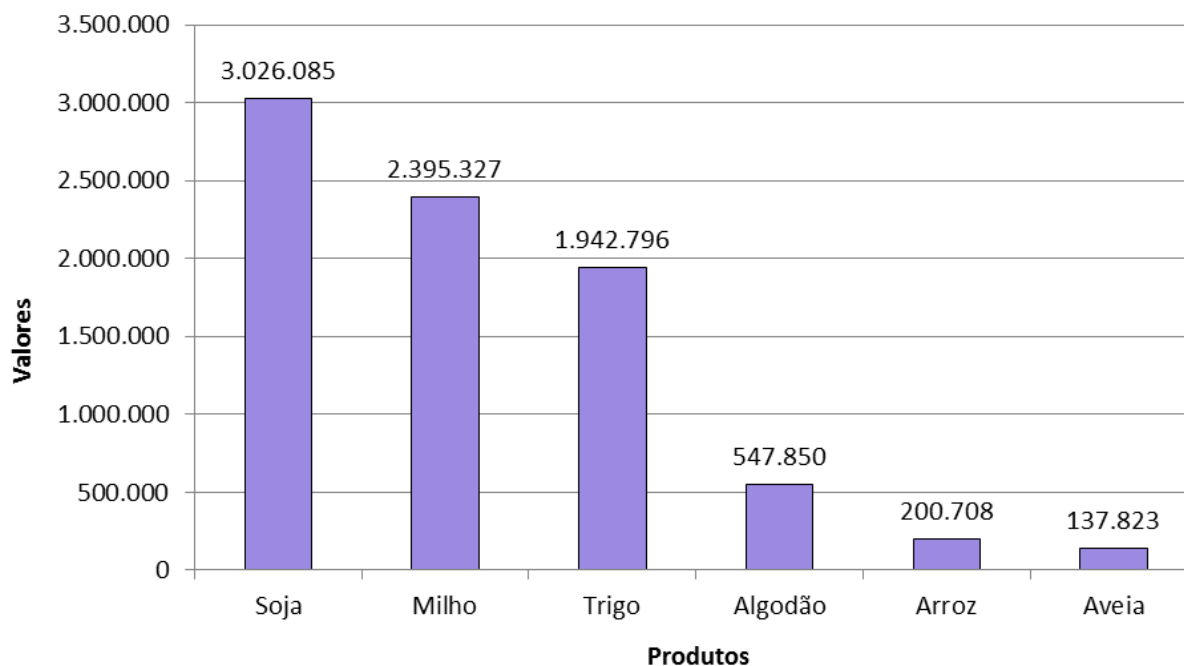
Fonte: Bacen; Conab;\* com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês.

Gráfico 4 – Quantidade de contratos (janeiro a junho de 2015)



Fonte: Bacen; Conab;\* com possíveis alterações contratuais em vl e qtde, dados coletados mês a mês.

Gráfico 5 – Relação de valores de contratos (janeiro a junho de 2015)

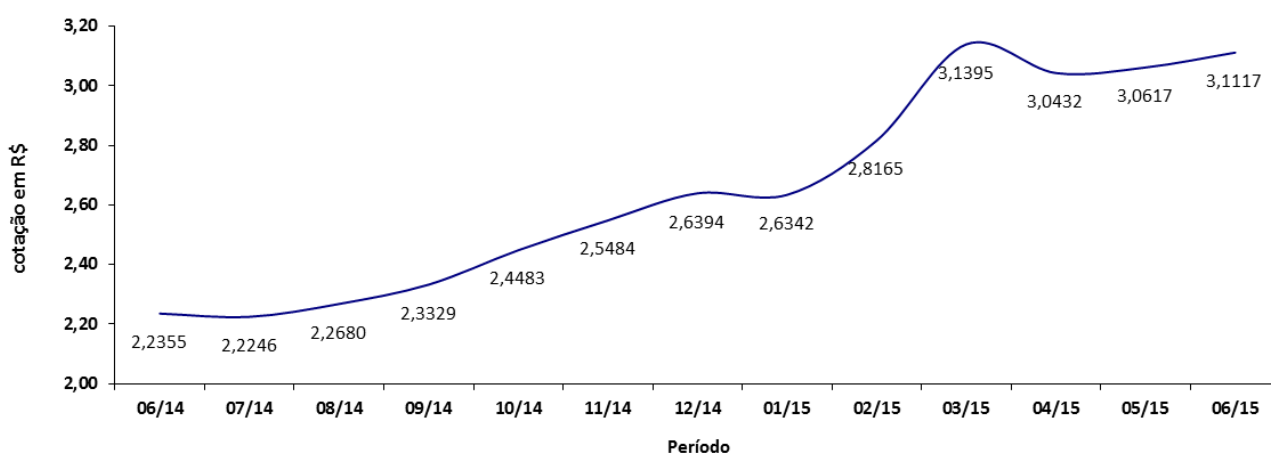


Fonte: Bacen; Conab;\* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.

## 7. Câmbio

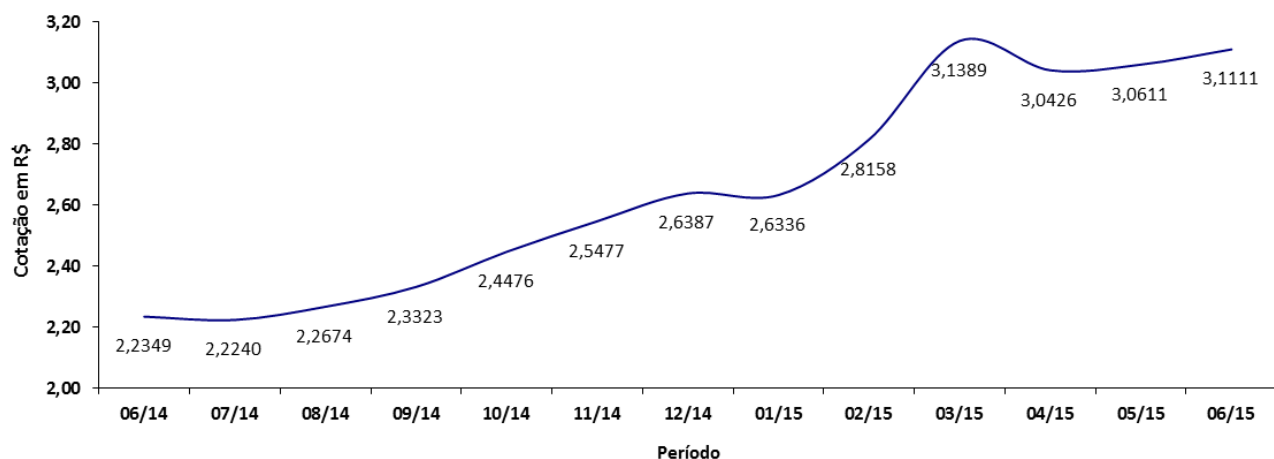
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de junho de 2014 a junho de 2015.

Gráfico 6 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Bacen.

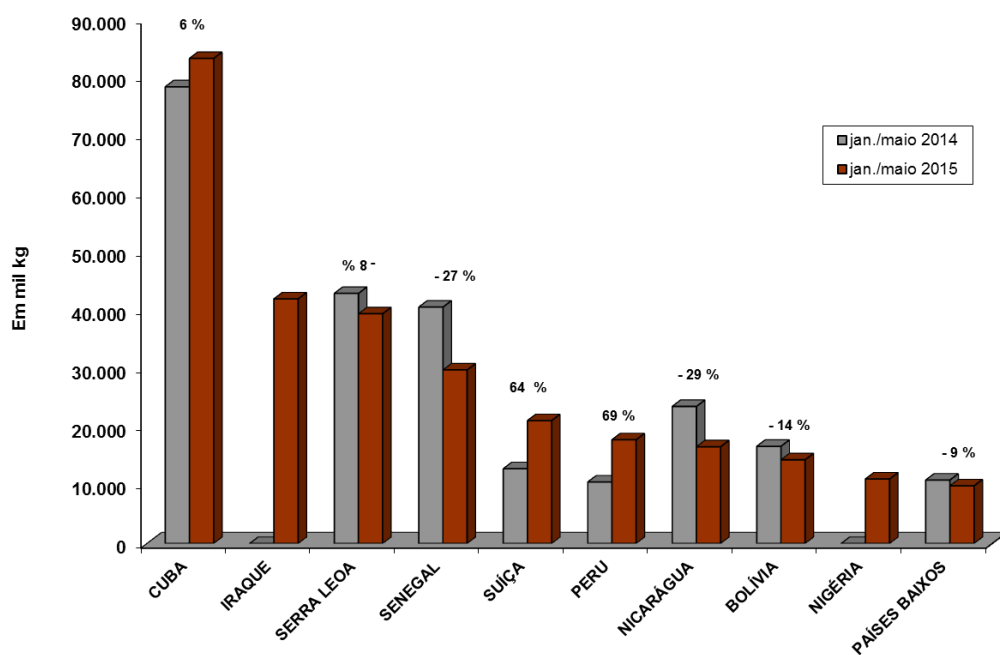
Gráfico 7 – Câmbio dólar – Compra



Fonte: Bacen.

## 8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

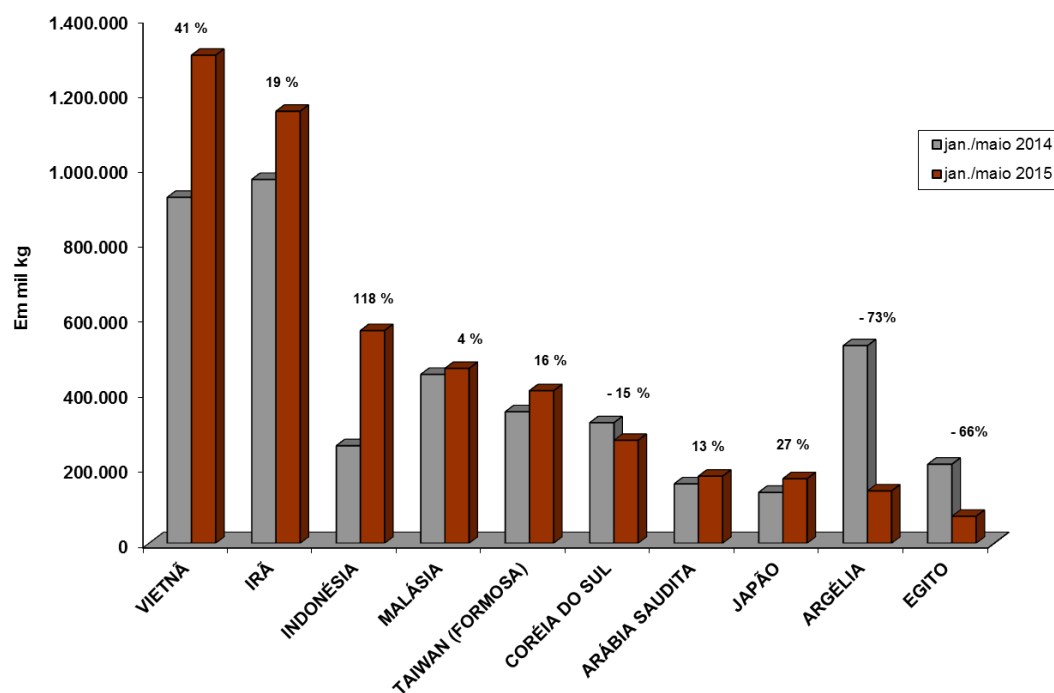
Gráfico 8 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

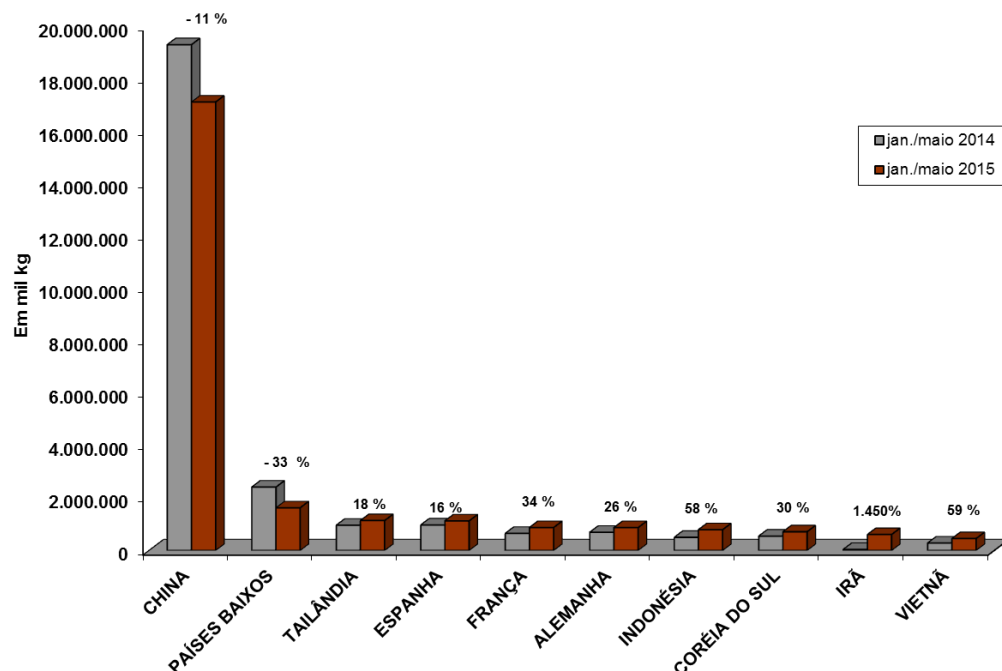


Gráfico 9 - Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



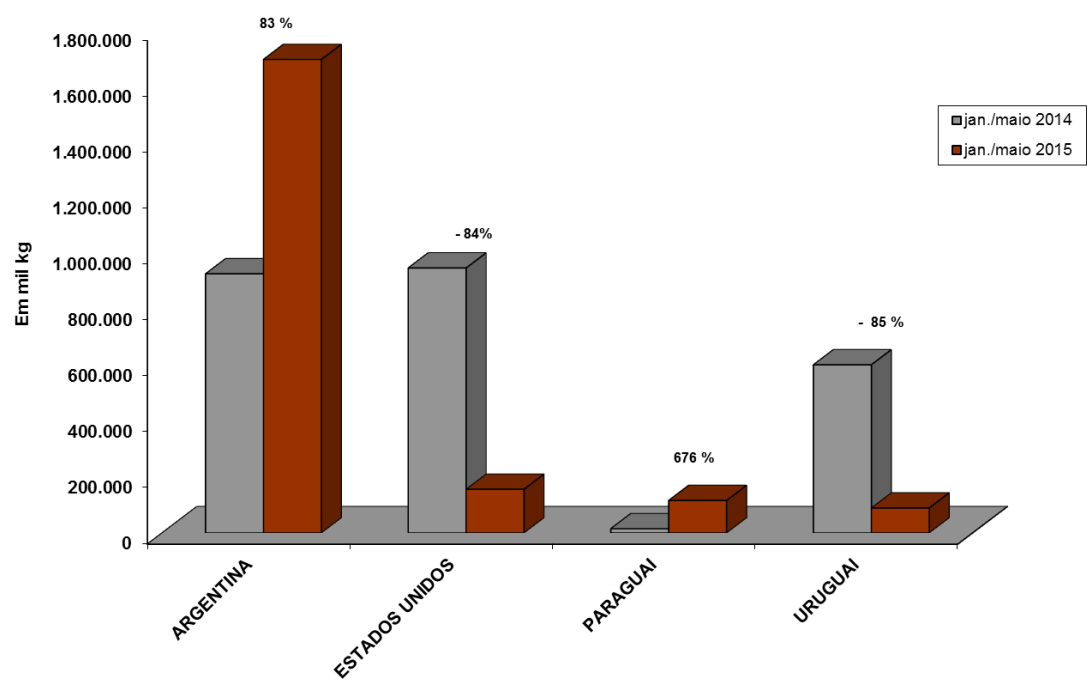
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 10 - Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 11 - Importação brasileira de trigo – Principais países exportadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

## **9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – Junho de 2015**

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)<sup>1</sup> das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, amendoim, feijão, milho, soja, sorgo, girassol, trigo, aveia e cevada.

### **9.1. Condições meteorológicas recentes<sup>2</sup>**

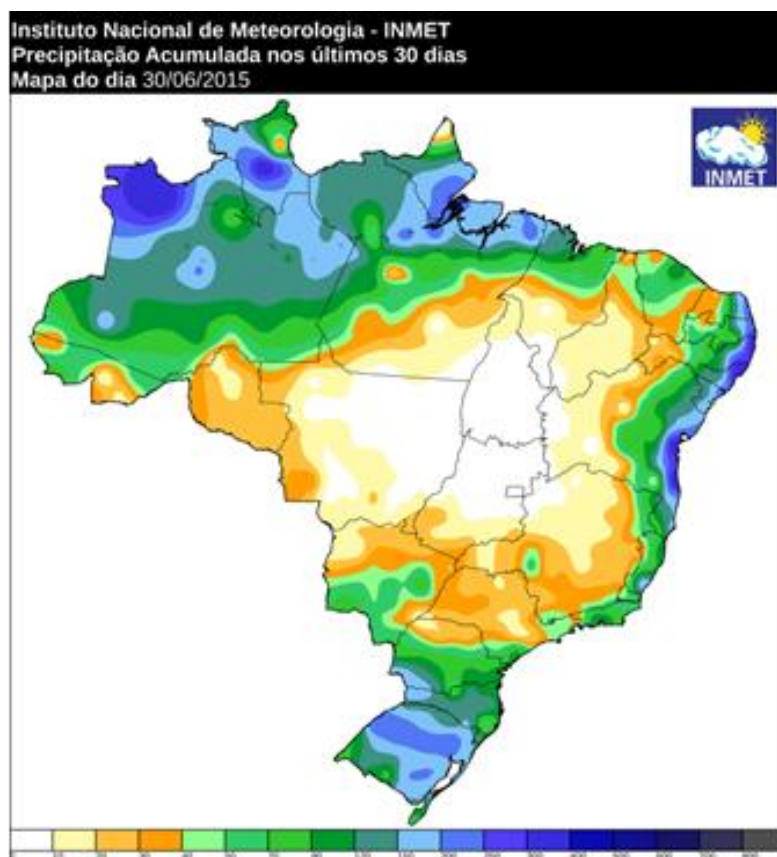
Os volumes de chuva em junho ficaram próximos ou acima da média histórica do mês na maior parte das localidades da Região Sul e na faixa leste do Nordeste. No Sul, onde se desenvolvem as culturas de inverno, os maiores volumes - na faixa entre 100 e 200 mm - foram principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Figura 2). Porém, segundo os dados diários das estações meteorológicas, observou-se que, mesmo nas localidades com precipitação acumulada elevada, o número de dias com chuva acima de 1 mm em junho foi baixo, ficando em uma faixa de 5 a 8 registros.

Na faixa leste da Região Nordeste e na mesorregião nordeste da Bahia, onde o milho segunda safra está em fase de desenvolvimento, a distribuição espacial foi bastante irregular, com volumes variando entre 70 e 250 mm (Figura 2). Contudo, destaca-se o fato de que, ao contrário do Sul do Brasil, nessas áreas do Nordeste, a quantidade de dias com acumulado de chuva superior a 1 mm ficou entre 15 e 20 registrados em junho na maioria das estações meteorológicas do Inmet.

<sup>1</sup> Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica ao final do BMA).

<sup>2</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

Figura 2 - Precipitação acumulada (em mm) em junho de 2015



Fonte: Inmet.

## 9.2. Temperatura da superfície do mar e o fenômeno El Niño <sup>2</sup>

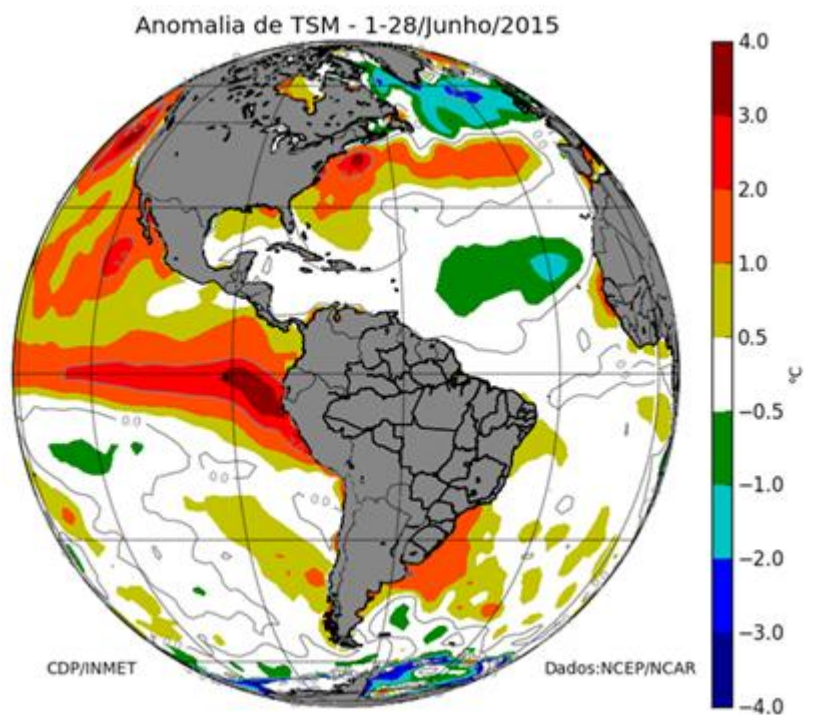
As atuais condições térmicas na região do Oceano Pacífico Tropical indicam que as condições de El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial – se mantêm. Podem ser observadas anomalias positivas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial do Pacífico em praticamente toda a sua extensão, indicando um padrão típico de El Niño. Em junho, os desvios positivos dessa faixa ficaram entre 1 e 3°C (Figura 2).

No Atlântico, observa-se uma área próxima à costa leste da Região Nordeste com anomalia positiva, indicando águas mais quentes. Tal condição pode contribuir para uma maior taxa de evaporação e favorecendo um maior fluxo de umidade do oceano para o continente através dos ventos alísios (ventos constantes no sentido leste-oeste na faixa tropical).

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, indicando que as anomalias positivas podem persistir até o início do próximo verão do hemisfério sul de 2015, porém, os mesmos ainda divergem quanto ao grau de intensidade do fenômeno, sendo pouco provável que fique além da categoria de moderado.

<sup>2</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

Figura 3 – Anomalia de TSM em junho de 2015



Fonte: NCEP/NCAR.

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação, o que pode explicar, em parte, o alto volume acumulado de chuva no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Além das chuvas, o El Niño interfere na média das temperaturas, que ficam em média um pouco mais elevadas, reduzindo o risco de geadas durante o inverno, o que não significa que não possam ocorrer.

### 9.3. Prognóstico climático para o trimestre julho-agosto-setembro /2015<sup>2</sup>

Para a Região Nordeste, na maioria dos modelos climáticos, como o estatístico do Inmet, mantém a maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre deve ficar dentro da faixa normal ou abaixo, inclusive na faixa leste do Nordeste que está no seu período chuvoso.

Ainda segundo os modelos climáticos, para a Região Sul há uma maior probabilidade de que a precipitação acumulada fique acima ou dentro da faixa normal do período. Essas previsões para a região são um reflexo da forte influência que as condições de El Niño exercem em alguns modelos climáticos.

As temperaturas médias devem ficar um pouco acima da média do período, mas isso não descarta a ocorrência de períodos de baixa temperatura por efeito da chegada de massas de ar frio de origem polar, especialmente na Região Sul.

### 9.4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se

<sup>2</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil e no MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia), as chuvas reduzidas em junho favoreceram as culturas de segunda safra em maturação e colheita. O terceiro decêndio foi o período mais seco com a maior parte dessas regiões sem ocorrência de chuvas.

No Paraná, com exceção do norte do estado, houve precipitação com volume significativo no segundo decêndio de junho. Nesse período, houve excedente hídrico no sul do estado. No entanto, nos outros decêndios desse mês, as chuvas foram reduzidas e favoreceram a maturação e a colheita das culturas de segunda safra, além do plantio das culturas de inverno.

Já em relação às culturas de inverno que estavam em desenvolvimento no Paraná, o menor volume de chuvas favoreceu a menor incidência de doenças. Apesar das chuvas reduzidas, a ocorrência de baixas temperaturas favoreceram a manutenção de umidade do solo em níveis suficientes para o bom desenvolvimento das culturas de inverno. Houve apenas problemas pontuais em lavouras localizadas mais ao norte do estado, onde se verificou a maior restrição hídrica.

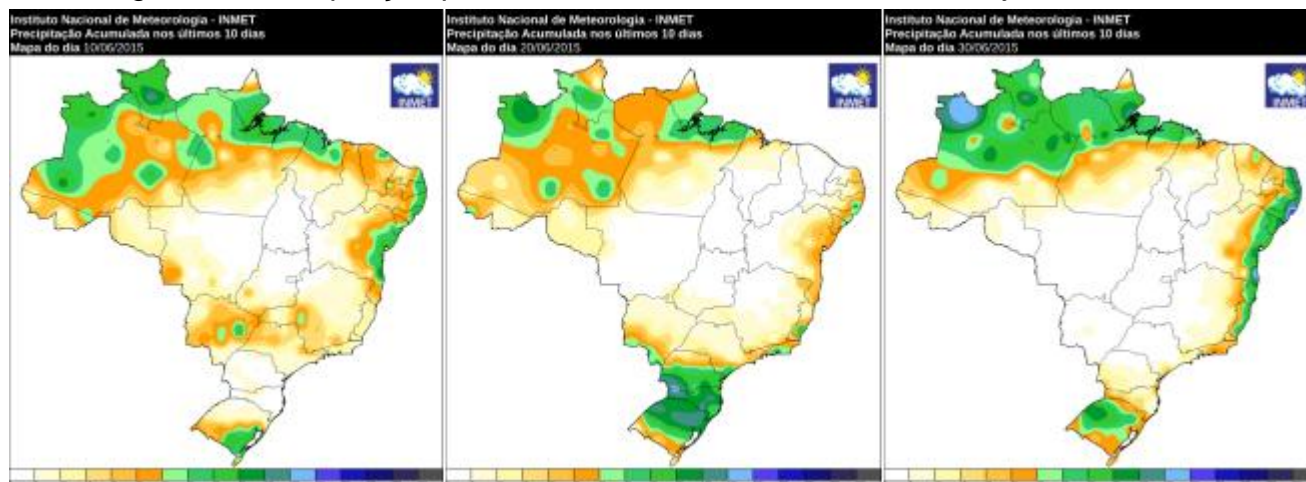
Em Santa Catarina, apesar do alto volume de chuva no segundo decêndio do mês de junho, os outros períodos com chuvas reduzidas permitiram o avanço do plantio das culturas de inverno. As condições hídricas para as lavouras em germinação e desenvolvimento foram favoráveis.

No Rio Grande do Sul, os fortes volumes de chuvas que ocorreram a partir do segundo decêndio nas regiões noroeste e central do estado atrapalharam o plantio das culturas de inverno. Em relação às lavouras já implantadas em germinação ou desenvolvimento vegetativo, houve condição favorável, apesar de haver maior incidência de doenças foliares e dificuldades no manejo como a adubação de cobertura.

Verificaram-se, para o milho segunda safra em desenvolvimento, precipitações bem

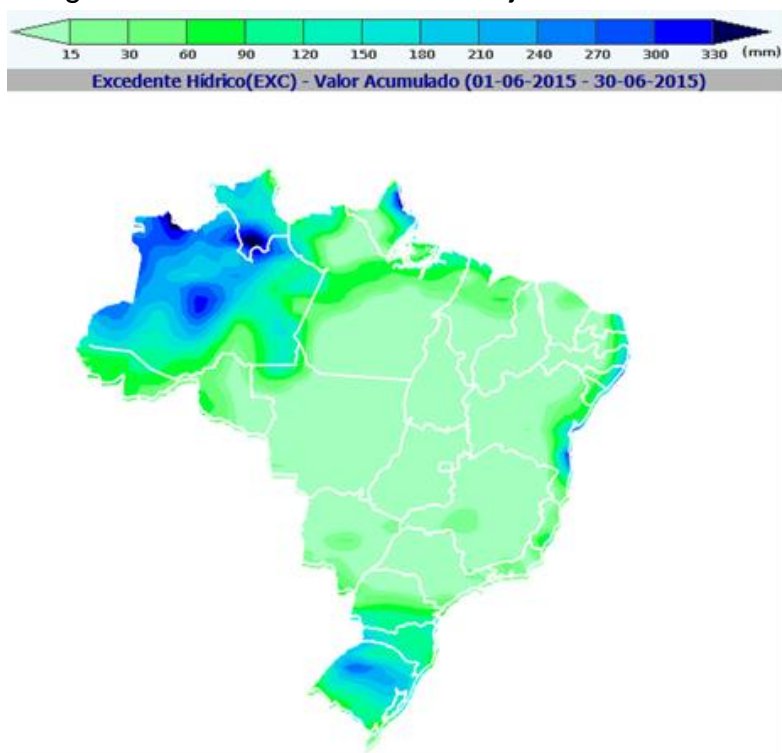
distribuídas e excedente hídrico nas regiões produtoras de Sergipe, nordeste da Bahia e Alagoas. As menores precipitações foram registradas no segundo decêndio, já as maiores, no terceiro.

Figura 4 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em junho/15



Fonte: Inmet.

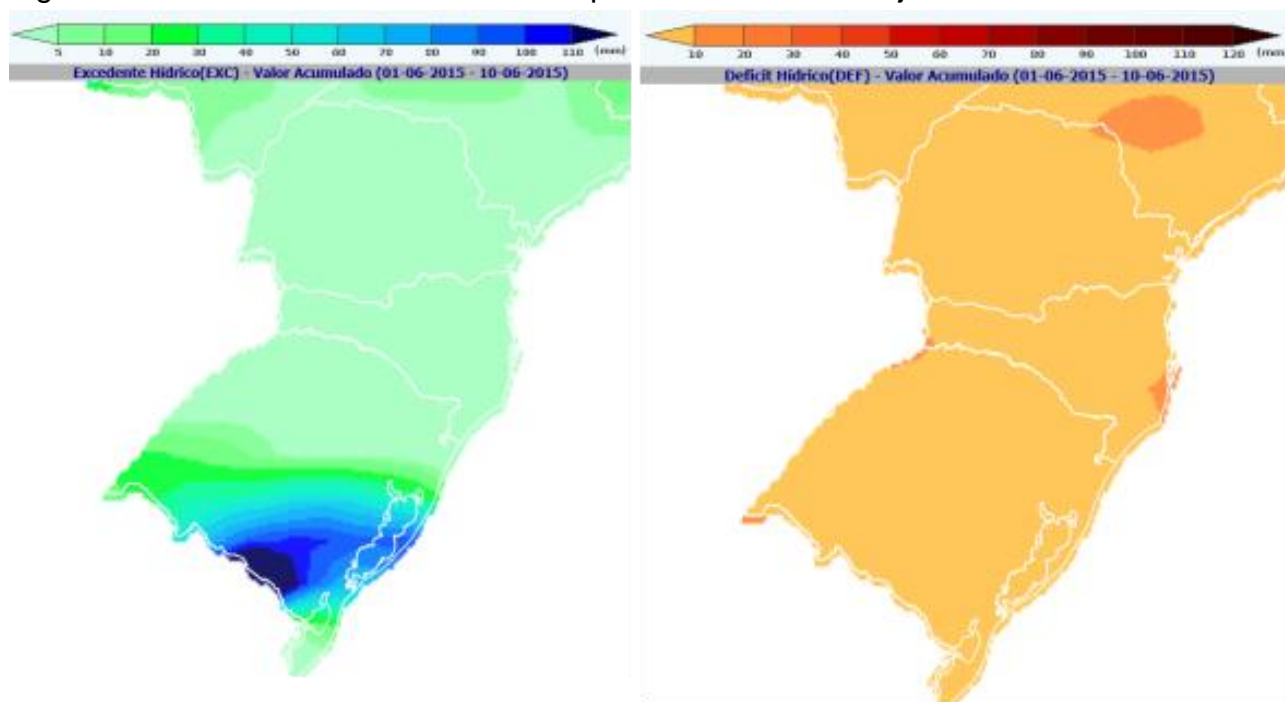
Figura 5 – Excedente hídrico em junho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet.

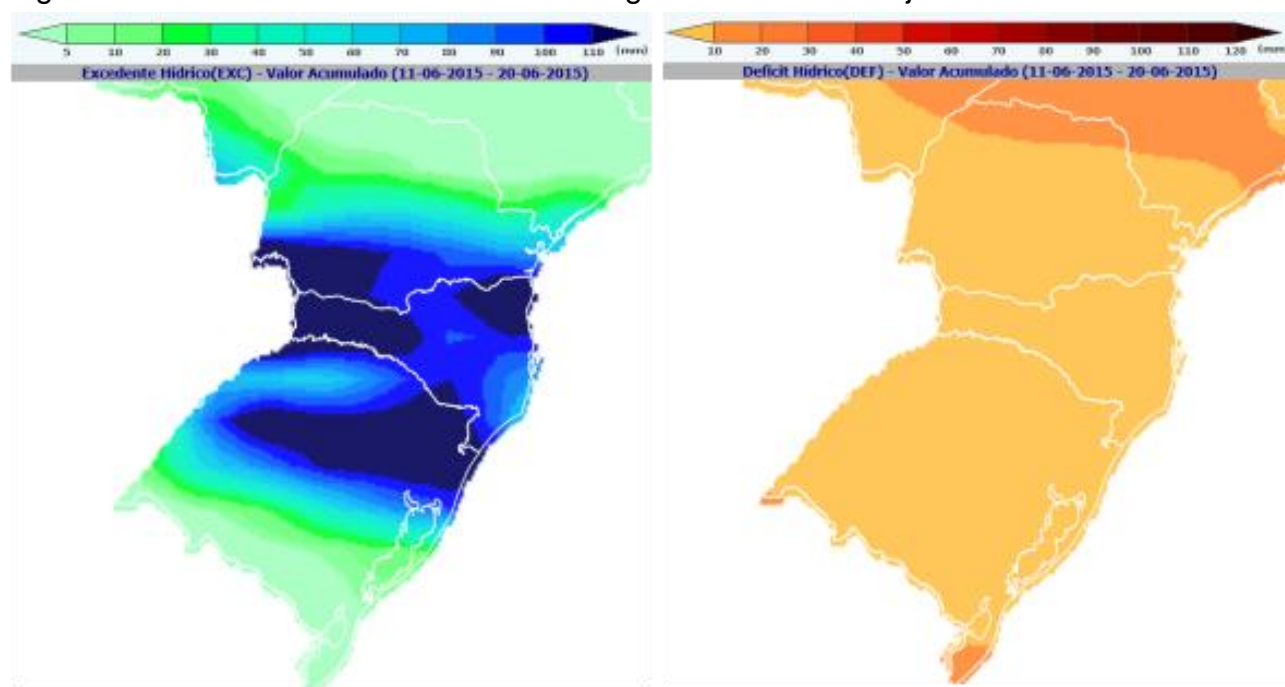


Figura 6 – Excedente e deficit hídrico no primeiro decêndio de junho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet.

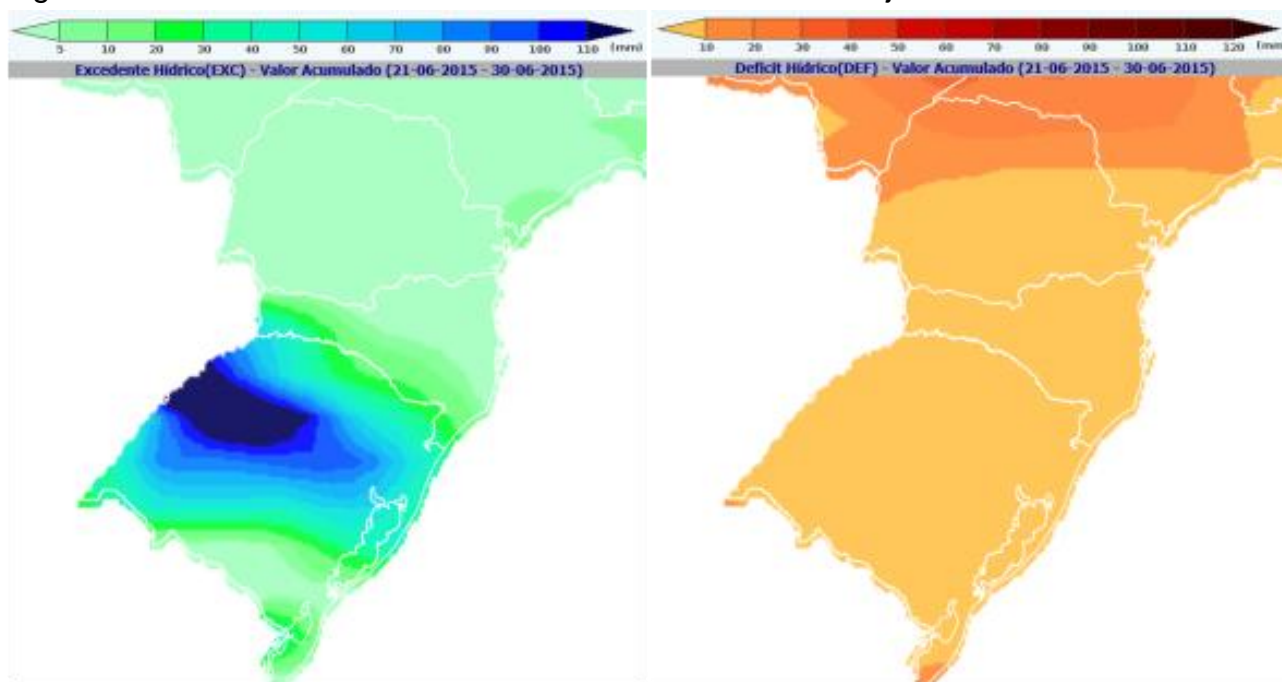
Figura 7 – Excedente e deficit hídrico no segundo decêndio de junho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet.



Figura 8 – Excedente e deficit hídrico no terceiro decêndio de junho/15



Fonte: Sisdagro/Inmet.

## 9.5. Monitoramento espectral

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco são os cultivos de segunda safra que, em grande parte, estão nas fases de maturação e colheita, em especial o milho. Adicionalmente, o monitoramento cobre algumas regiões, onde os cultivos de inverno encontram-se em desenvolvimento.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

**Nota:** Linhas tracejadas nos gráficos de evolução temporal correspondem aos períodos em que o excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite suficientes para o cálculo ponderado do IV e, nestas condições, podem não ser adequados para comparações entre anos-safra nestes períodos.

No total, estão sendo monitoradas seis mesorregiões produtoras que cobrem juntas 62% da área nacional do milho segunda safra e 21% do trigo. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas seis mesorregiões.

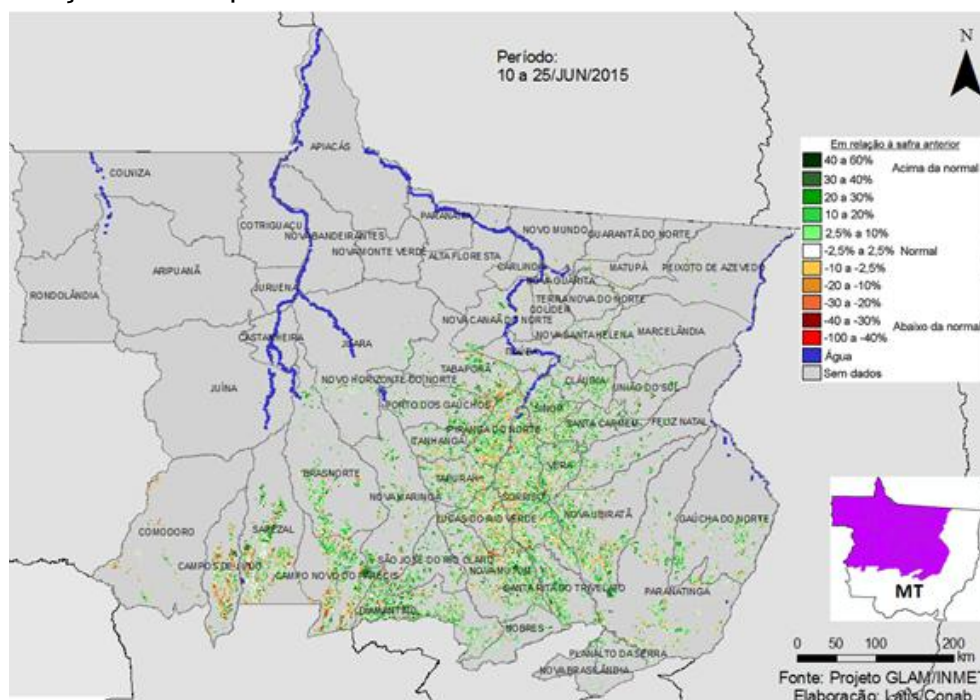
Tabela 6 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares						% (a+b) / Total Brasil (a+b)
	Milho 2ª (a)	% (a) / TotalBrasil (a)	Trigo (b)	% (b) / Total Brasil (b)	(a+b)		
Norte Mato-grossense - MT	2.463.986	26,42%			2.463.986		20,83%
Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.144.945	12,28%	10.347	0,41%	1.155.291		9,76%
Oeste Paranaense - PR	792.618	8,50%	127.369	5,09%	919.987		7,78%
Sul Goiano - GO	816.225	8,75%	1.061	0,04%	817.286		6,91%
Norte Central Paranaense - PR	546.328	5,86%	213.186	8,51%	759.514		6,42%
Sudoeste Paranaense - PR	40.885	0,44%	183.903	7,34%	224.788		1,90%
<b>Total 6 mesorregiões</b>	<b>5.804.987</b>	<b>62,24%</b>	<b>535.865</b>	<b>21,40%</b>	<b>6.340.853</b>		<b>53,59%</b>
<b>Total Brasil</b>	<b>9.327.000</b>	<b>100,00%</b>	<b>2.504.100</b>	<b>100,00%</b>	<b>11.831.100</b>		<b>100,00%</b>

Fonte: IBGE/Conab .

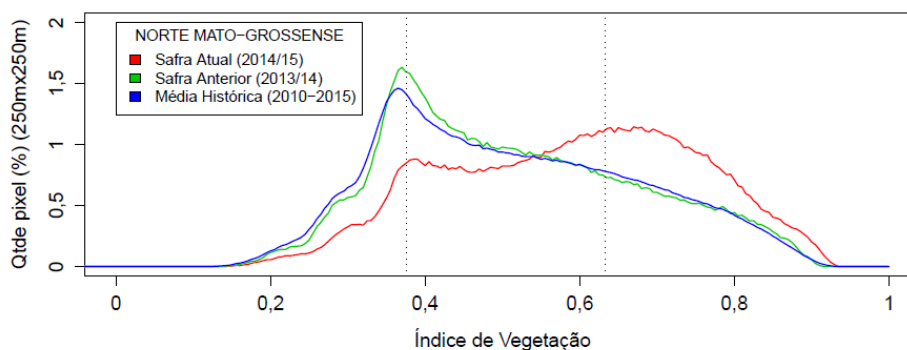
### 9.5.1. Norte Mato-Grossense

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



O mapa acima mostra a diferença de padrões das lavouras da safra 2015 em relação à safra passada. O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem mais áreas que o ano passado, com respostas de IV relativamente altas. Isto se deve ao atraso dos plantios em 2015. Os dados de satélite indicam bom potencial de produtividade dos cultivos de segunda safra para a região.

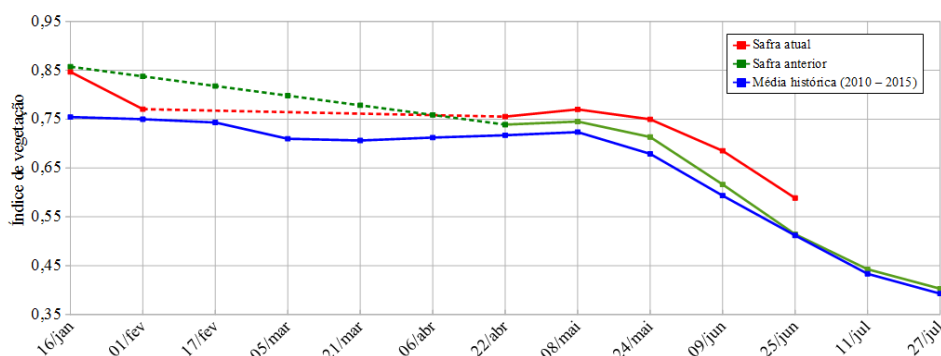
Gráfico 12 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor



Valores de I.V.	0 – 0,3759	0,3759 – 0,6336	0,6336 – 1
Safra Atual (2014/15)	11,47 %	46,19 %	42,34 %
Safra Anterior (2013/14)	23,19 %	52,3 %	24,52 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-13,53 %	-3,81 %	17,34 %

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

Gráfico 13 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Quinzena	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras								
					21/mar	06/abr	22/abr	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul
% Relat. média histórica	12						5	6	10	15	15		
% Relat. safra anterior							2	3	5	11	14		
Fases – 2ª safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

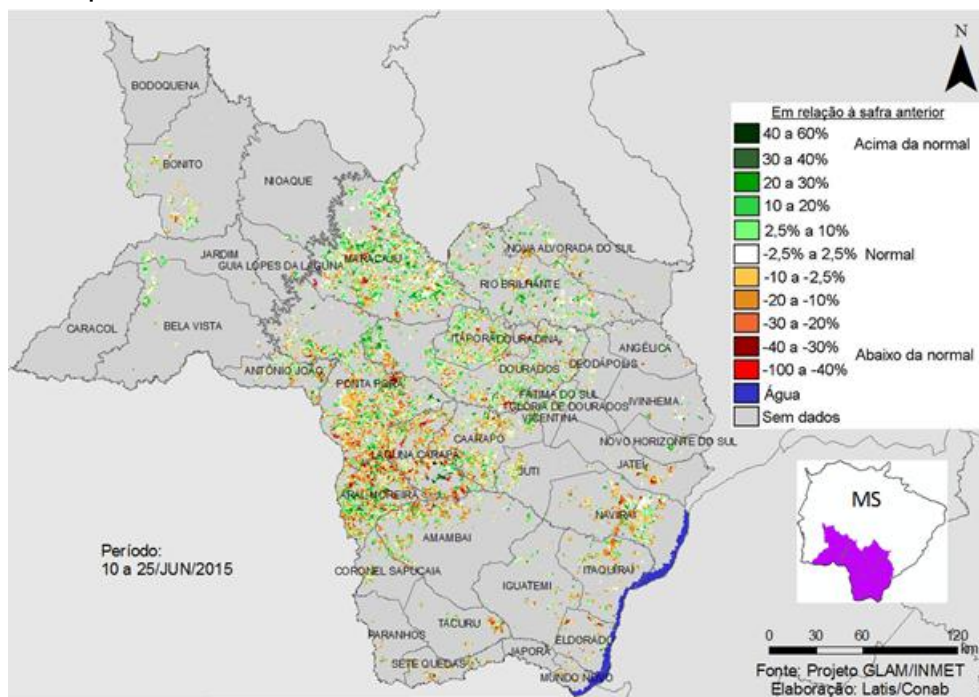
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 89% de suas lavouras com médio e alto padrão de desenvolvimento e apenas 11% com baixas respostas de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de segunda safra inclusive quando comparada à safra passada que teve, nesse mesmo período, 77% das lavouras com médio e alto padrão e 23% com baixos IV. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 10 a 25 de junho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 15% acima da média dos últimos seis anos e 14% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, pontilhada de fevereiro até início de abril, significa que a cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para aquele trecho da linha. Entretanto, no período de 7 de abril a 25 de junho os dados de satélite foram suficientes para os cálculos e indicam bom padrão de desenvolvimento. O pico alcançado no início de maio indica que uma maior quantidade das lavouras estava na fase de enchimento de grãos. Os valores de IV, acima do ano passado, alcançados mais recentemente se devem ao fato de que nesta mesma época, em 2014, os cultivos de segunda safra já estavam em fases de maturação mais adiantada

e, portanto, com menores respostas de IV. O declínio dos últimos trechos indica alto percentual em maturação e início das colheitas.

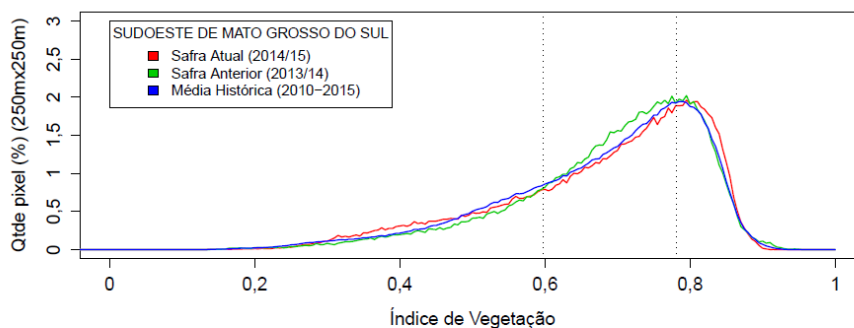
### 9.5.2. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

Figura 10 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



No mapa acima mostra as áreas agrícolas em dois padrões: a) em cor verde são lavouras que em 2015 respondem com IV mais altos que em 2014; b) em amarelo, laranja e marrom são áreas que agora em 2015 estão prontas para a colheita ou recém-colhidas e que em 2014 já tinham sido colhidas e plantadas novamente com algum cultivo de cobertura, como sorgo e milho, que apresentavam bom desenvolvimento foliar e respostas de IV relativamente altas. Bom potencial de produtividade dos cultivos de segunda safra é esperado para a região em 2015.

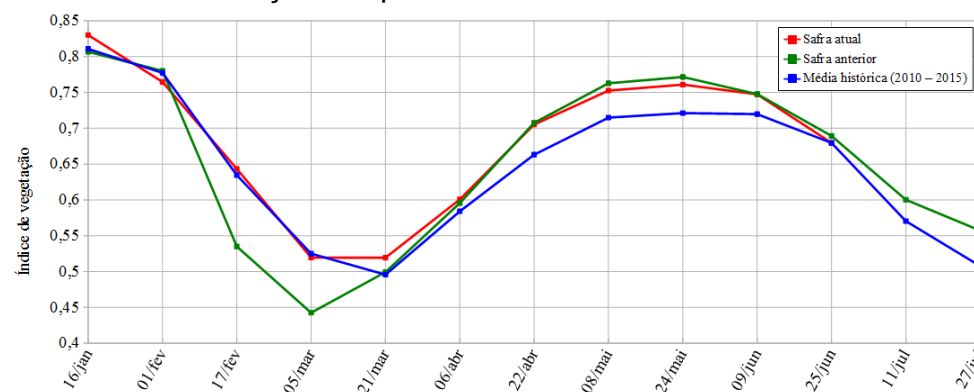
Gráfico 14 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 – 0,5981	0,5981 – 0,7817	0,7817 – 1
Safra Atual (2014/15)	25,45 %	47,5 %	27,05 %
Safra Anterior (2013/14)	20,95 %	53,96 %	25,09 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	0,45 %	-2,5 %	2,05 %

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

Gráfico 15 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	06/abr	22/abr	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul
% Relat. média histórica	2	-2	1	-1	5	3	6	5	6	4	0	
% Relat. safr a anterior	3	-2	20	17	4	1	0	-1	-1	0	-1	
Fases – 2ª safr a		P	G/DV	DV	DV/F	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

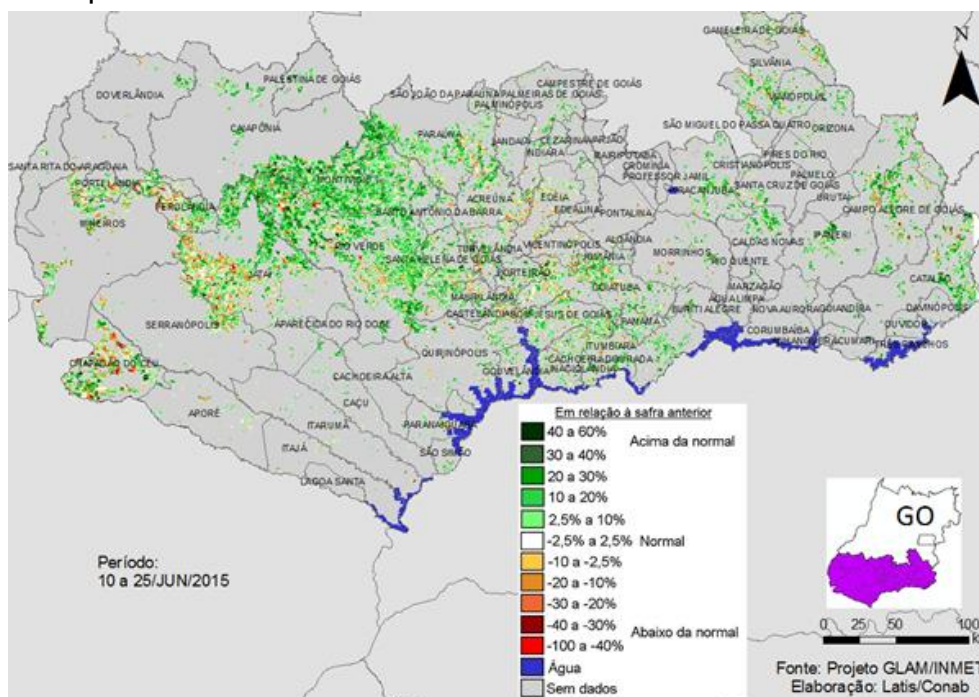
A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safr a tem em torno de 27% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 25% do ano passado. Esta diferença é retratada em verde no mapa. Já na faixa de baixos valores de IV a safr a atual tem 25% contra 21% do ano passado, diferença mostrada na cor amarela, laranja e marrom no mapa. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: equivalência em relação à média dos últimos seis anos e 1% abaixo da safr a anterior.

No gráfico da evolução temporal, o trecho da linha vermelha até 5 de março corresponde à primeira safr a, principalmente soja. A queda acentuada do IV no final de janeiro e início de fevereiro ocorreu principalmente pela maturação, dessecação e colheita da soja. O trecho da linha a partir de 5 de março corresponde aos cultivos de segunda safr a, principalmente milho, plantado com algum atraso em relação à média dos 6 últimos anos. O trecho em ascensão corresponde às fases de desenvolvimento e reprodutivas. O último trecho em declínio representa a resposta das lavouras em maturação e início das colheitas. O traçado da safr a atual é muito parecido ao de 2014. Os dados de satélite indicam normalidade nesta segunda safr a a ser colhida em 2015.



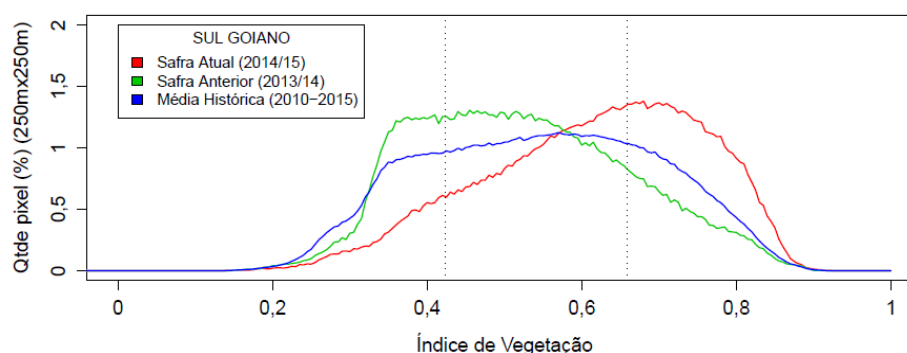
### 9.5.3. Sul Goiano

Figura 11 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



O predomínio das áreas em verde no mapa mostra que a atual safra tem uma maior quantidade de lavouras com respostas de IV acima de 2014, em decorrência dos atrasos do plantio dos cultivos de segunda safra em 2015. As áreas em amarelo e marrom são de lavouras colhidas ou em maturação diferentemente do ano passado que, colhidas mais cedo, tinham cultivos de cobertura como sorgo já com alguma cobertura foliar e respostas de IV. Expectativa de bom potencial de rendimento da safra 2015.

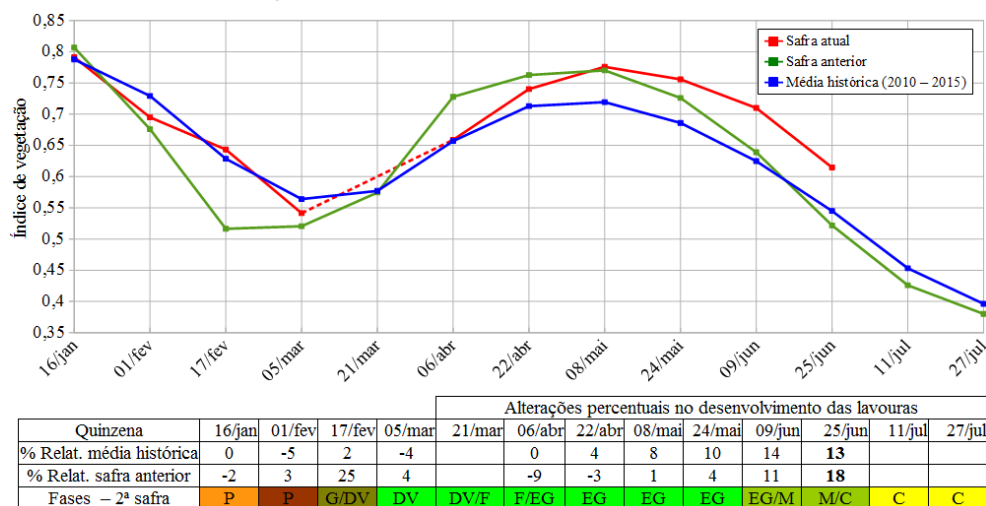
Gráfico 16 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 – 0,4239	0,4239 – 0,6591	0,6591 – 1
Safra Atual (2014/15)	11,36 %	46,82 %	41,82 %
Safra Anterior (2013/14)	28,25 %	54,45 %	17,3 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-13,64 %	-3,18 %	16,82 %

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

Gráfico 17 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



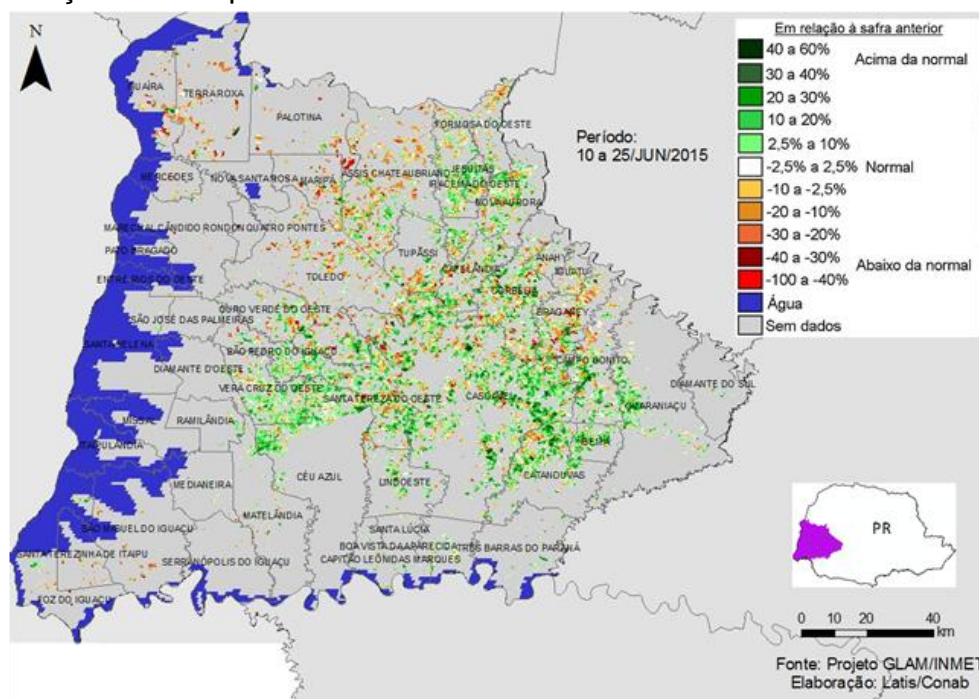
Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

A tabela no gráfico de quantificação de áreas enfatiza os atrasos de plantio dos cultivos de segunda safrat em 2015. São 42% da safrat atual ainda com altas respostas de IV contra 17% do ano passado que nesta época já estavam em plena fase de maturação. Na faixa de baixos valores de IV, que representa lavouras em maturação ou já colhidas, a safrat atual tem 11% contra 28% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 10 a 25 de junho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% acima da média dos últimos seis anos e 18% acima da safrat passada.

O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, deslocado para a direita, também mostra claramente o atraso da atual safrat em relação aos anos passados. De qualquer forma o traçado da linha, com altos valores de IV durante uma boa amplitude temporal, caracteriza bom padrão nas fases reprodutivas. Os últimos trechos em declínio mostram a maturação e início das colheitas. Normalidade da segunda safrat 2014/15 no Sul Goiano.

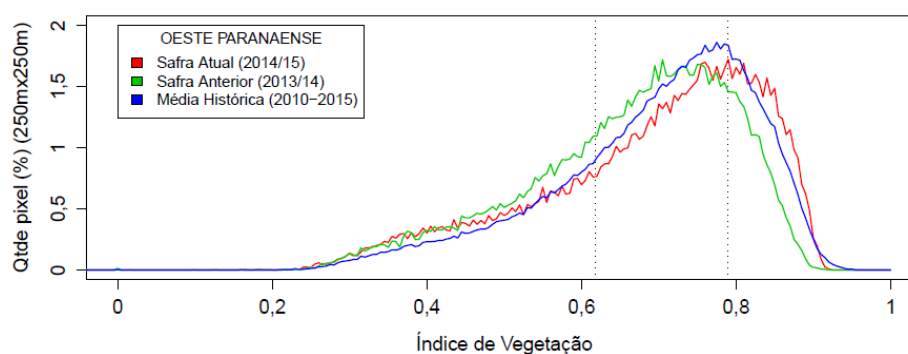
#### 9.5.4. Oeste Paranaense

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



O predomínio das cores em verde no mapa acima mostra que em 2015 os cultivos de milho segunda safra apresentam respostas do IV acima do ano passado, devido a algum atraso no plantio da safra atual. As cores em amarelo e marrom podem ser em decorrência de defasagem de calendário agrícola das culturas de inverno, entre a safra atual e a passada. Expectativa de normalidade do potencial de rendimento agrícola na região para a safra 2015, até o momento.

Gráfico 18 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

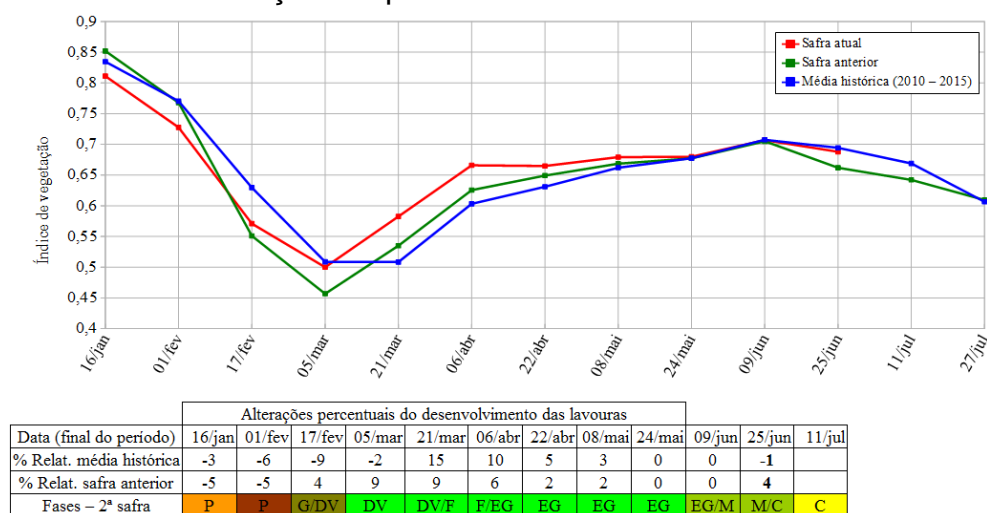


Valores de I.V.	0 – 0,6186	0,6186 – 0,7893	0,7893 – 1
Safra Atual (2014/15)	27,93 %	44,17 %	27,9 %
Safra Anterior (2013/14)	32,81 %	50,83 %	16,37 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	2,93 %	-5,83 %	2,9 %

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.



Gráfico 19 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



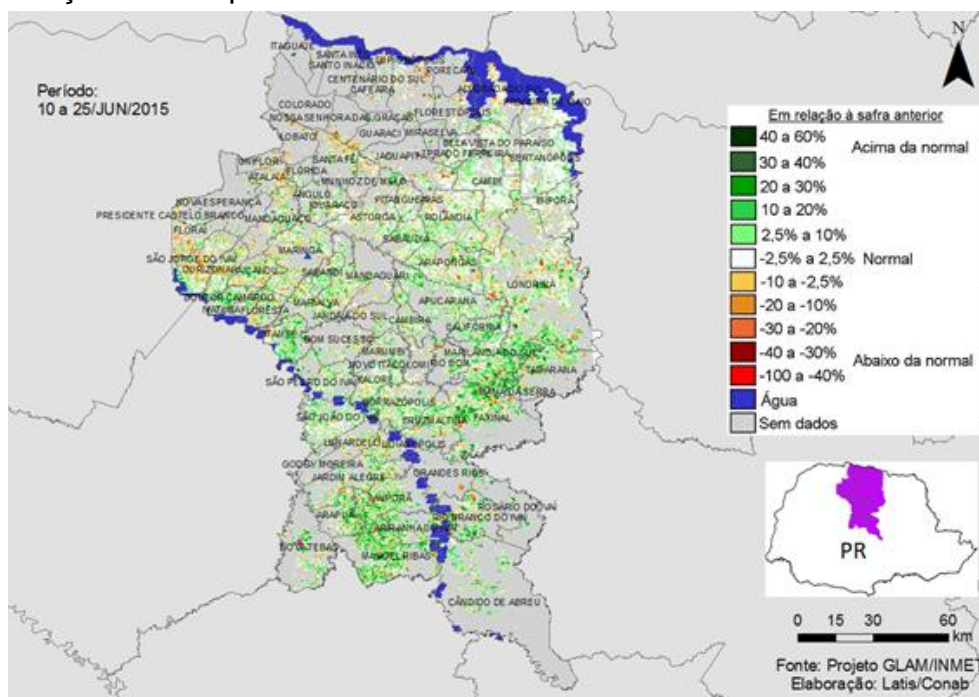
Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safrat tem 28% de suas lavouras com alto padrão de desenvolvimento contra 16% do ano passado e tem também 28% contra 33% da safrat passada na faixa de baixos valores de IV. São números que caracterizam superioridade da safrat 2015 em relação a 2014. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% abaixo da média dos últimos seis anos e 4% acima da safrat passada.

A linha vermelha no gráfico de evolução temporal mostra, no trecho descendente até 5 de março, o período de maturação e colheita da safrat de verão, soja e milho primeira safrat. O trecho em forte ascensão, do início de março ao início de abril, cobriu bom período das fases de desenvolvimento e reprodutiva do milho segunda safrat. A redução da inclinação positiva da linha, mas mantendo em altos valores de IV, a partir de 7 de abril é típica da região nesta época do ano em função da intensificação do plantio dos cultivos de inverno. Último trecho, com altas respostas do IV mostra o bom padrão das atuais lavouras. Os dados de satélite indicam bom potencial de produtividade, nesta região.

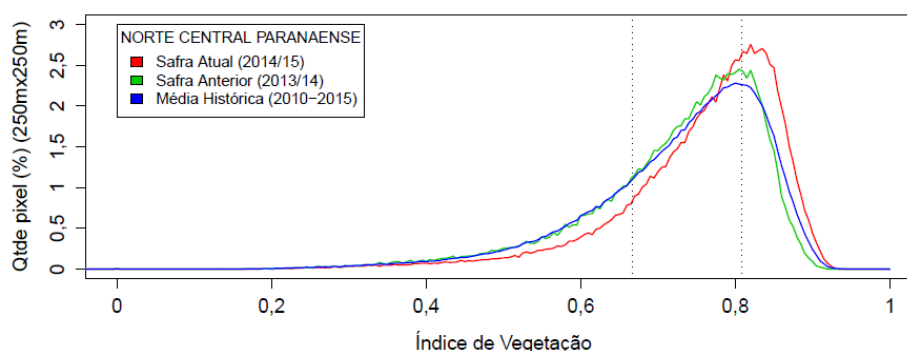
### 9.5.5. Norte Central Paranaense

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



As áreas em verde, no mapa acima, são principalmente lavouras de milho segunda safra plantado com atraso em relação ao ano passado e de trigo em desenvolvimento vegetativo e floração. Este padrão de cores indica superioridade em relação ao ano passado, mas também pode ter se intensificado em razão de algum atraso no plantio deste ano. Parte das áreas em amarelo, laranja e marrom são de cultivos de inverno ainda com pouca cobertura e até mesmo lavouras de milho segunda safra maduras ou em início de colheita. Em média, os dados de satélite indicam, até o momento, boa perspectiva de produtividade de todos os cultivares em 2015, nesta região.

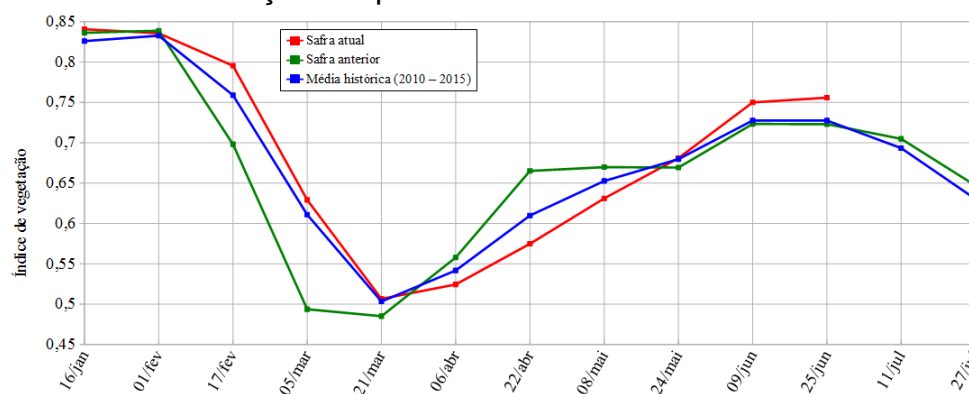
Gráfico 20 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 – 0,6675	0,6675 – 0,8083	0,8083 – 1
Safra Atual (2014/15)	16,37 %	48,4 %	35,23 %
Safra Anterior (2013/14)	25,01 %	52,95 %	22,04 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-8,63 %	-1,6 %	10,23 %

Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

Gráfico 21 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras											
Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	06/abr	22/abr	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul
% Relat. média histórica	2	0	5	3	1	-3	-6	-3	0	3	4	
% Relat. safra anterior	1	0	14	27	4	-6	-14	-6	2	4	5	
Fases – 2ª safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	E/G	E/G	E/G	E/G/M	M/C	C

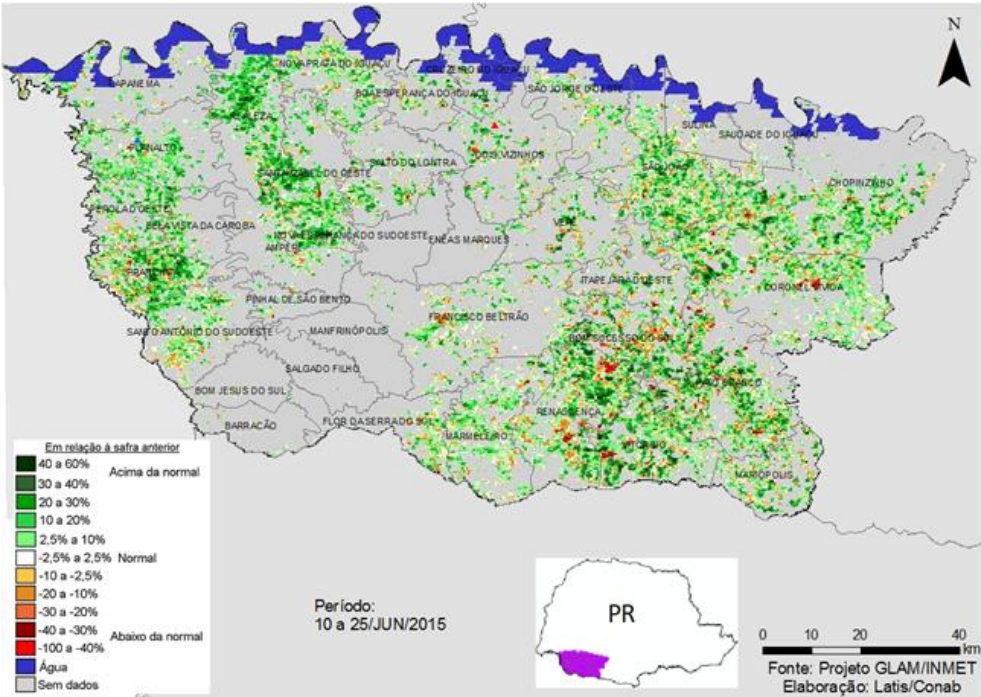
Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

O deslocamento para a direita da linha vermelha no gráfico de quantificação de áreas mostra algum atraso da safrá atual em relação a anos anteriores. A tabela desse gráfico mostra que em 2015 ainda tem 35% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 22% em 2014. Na faixa de baixos valores são 16% da safrá atual contra 25% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4% acima da média dos últimos seis anos e 5% acima da safrá passada.

O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, deslocado para a direita em relação ao ano passado, indica atraso na colheita da safrá de verão, soja e milho primeira safrá, e retardo também no plantio da segunda safrá. No entanto, a ascensão continuada a partir de abril é indicativo de desenvolvimento normal principalmente do milho segunda safrá. Os dados de satélite indicam bom potencial de produtividade em 2015 nesta região, até o momento.

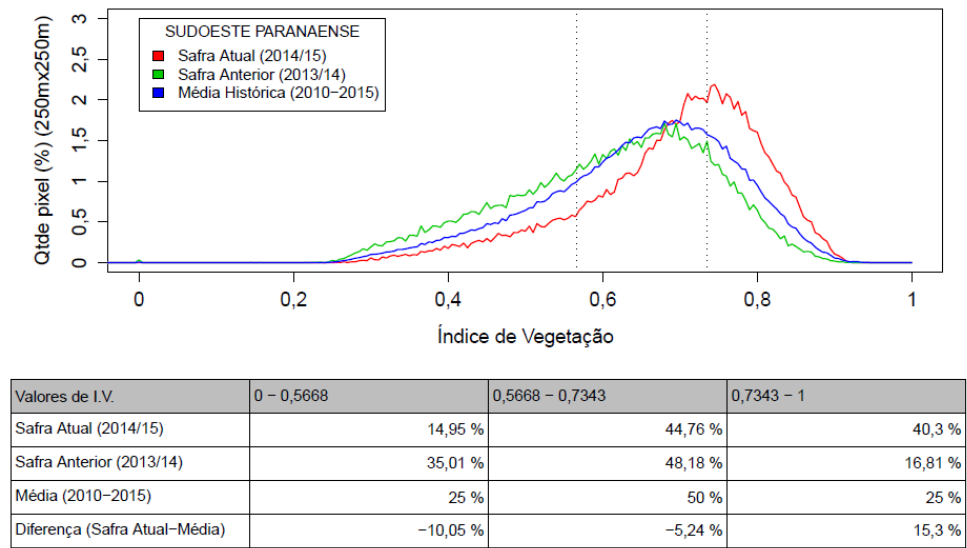
9.5.6. Sudoeste Paranaense

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada



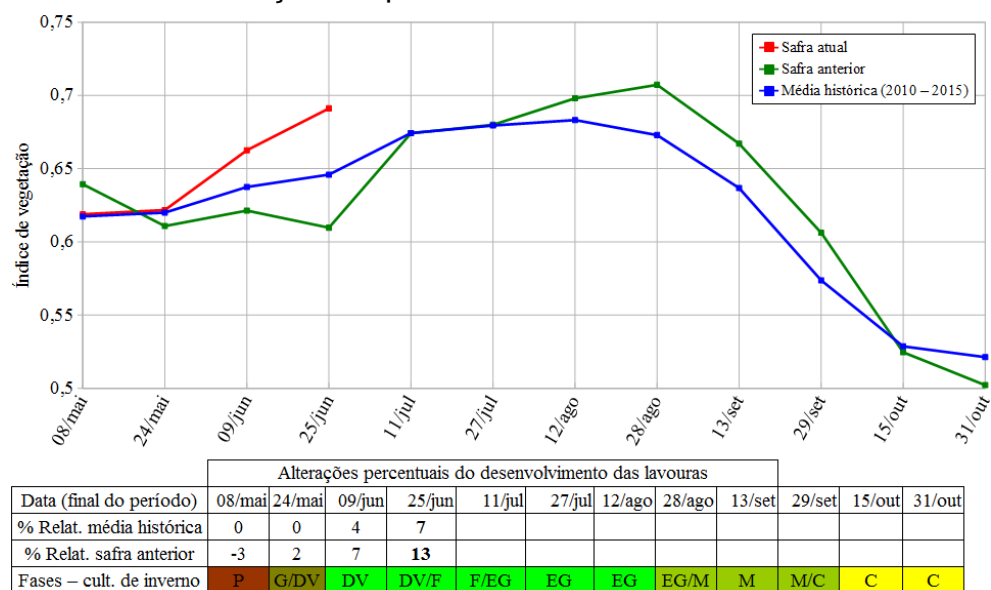
No mapa acima, o predomínio das áreas em verde indica que as lavouras atuais, principalmente cultivos de inverno, apresentam respostas de IV acima de 2014. Situação que indica que este ano o padrão de desenvolvimento das lavouras é superior ao do ano passado, neste período. No entanto, o plantio mais cedo neste ano, com relação ao ano passado, também pode acarretar em uma anomalia positiva do IV neste período. Por enquanto, a expectativa é de bom rendimento agrícola.

Gráfico 22 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

Gráfico 23 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Projeto GLAM/Inmet.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem mais de 85% de suas lavouras com médio e alto padrão de desenvolvimento e menos de 15% com baixas respostas de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos inclusive quando comparada à safra passada que teve, nesse mesmo período, 65% das lavouras com médio e alto padrão e mais de 35% dos cultivos com baixos valores de IV. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 10 a 25 de junho, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos últimos seis anos e 13% acima da safra anterior.

A linha vermelha no gráfico de evolução temporal, em forte ascensão a partir de 25 de maio, mostra o bom padrão de desenvolvimento dos cultivos atuais. Respostas bem acima das safras de anos anteriores. Indicativo de que os cultivos 2015 de inverno estão com boas perspectivas para o período.

## **10. Análise das culturas**

### **10.1. Culturas de verão**

#### **10.1.1. Algodão**

O décimo levantamento de safras realizado pela Conab aponta para uma produção brasileira de algodão em pluma na temporada 2014/15 de 1.505,9 mil toneladas, ocupando uma área de 976,2 mil hectares, 13% menor que a temporada passada. Essa redução ocorre em função dos baixos preços alcançados pela arroba da pluma. O algodão é uma cultura de custo bastante elevado e os produtores operam de forma estratégica, estimando custos de produção e vendas antecipadas do produto, com o intuito de obter margens de lucro que permita comparar com outras alternativas, como por exemplo, o cultivo da soja. A redução observada na área plantada foi influenciada pela atual conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques elevados promovem a queda nos preços da pluma.

A Região Centro - Oeste, principal produtora da fibra, foi a que apresentou a maior redução na área neste exercício – 106,7 mil hectares. Entre os principais estados produtores, Goiás registrou redução de 37%, seguido de Mato Grosso com 12,5% e a Bahia com 12%. Atualmente a cultura, tanto da primeira quanto da segunda safra encontra-se nas fases de frutificação e maturação.

O Mato Grosso, maior produtor regional, teve a área de plantio da primeira safra bastante reduzida, em função do atraso das chuvas, finalizada somente em janeiro. O plantio da segunda safra foi encerrado em fevereiro. Com a normalização do regime climático a cultura passou a apresentar bom desenvolvimento vegetativo, e atualmente, cerca de 35% das lavouras apresentam-se nos estágios de maturação e 65% em desenvolvimento vegetativo. Houve registros de foco de doenças e ataques da praga bicudo, porém, sem trazer sérios comprometimentos na produtividade estimada. É esperado que a colheita se inicie no final da primeira quinzena de julho e se estenda até setembro, com estimativas de produtividade média do algodão em caroço em torno de 3.894 kg/ha. As estimativas apontam para uma forte redução na área de aproximadamente 80,4 mil ha em relação ao exercício anterior, que atingiu 643,1 mil hectares.

Em Goiás a cultura se apresenta com boa sanidade, registrando as fases de abertura de plumas, capulho e floração nas diversas regiões produtoras. As primeiras áreas cultivadas começam a realizar a colheita em julho. A despeito das chuvas mais escassas em junho, em função do estágio em que a maior parte das lavouras se encontrava, não deverá trazer maiores conseqüências, visto que as lavouras já passaram da fase reprodutiva e já estão em sua maioria na fase final. Está previsto o início da colheita no sul de Goiás a partir da primeira quinzena de julho. A produtividade esperada se equipara à alcançada no ano passado e a produção, em função da queda na área, deverá sofrer forte redução neste exercício, 37%.

No Mato Grosso do Sul o controle do bicudo é a principal preocupação nas localidades produtoras de algodão nesse momento. Apesar da presença constante da praga nas lavouras os produtores têm alcançado bons resultados no seu controle e até o momento não há relatos de áreas onde o controle da praga tenha superado os níveis de dano econômico. O algodão primeira safra, plantado entre outubro e novembro de 2014, já foi colhido. A produtividade considerada estimuladora pela maioria dos agricultores – 1.750 kg/ha de algodão em pluma - não resolve o grave problema relacionado à rentabilidade dos produtores em função dos baixos preços praticados atualmente pelo mercado. O algodão colhido ainda está sendo beneficiado, e a destruição de soqueira,

conforme preconiza a legislação, já está praticamente terminada.

Com relação à região noroeste, maior produtora do estado, o algodão da primeira safra encontra-se em sua maior parte na fase de frutificação, ou seja, na fase final do ciclo, quando se dá a abertura das maçãs. As precipitações ocorridas em maio, associadas à queda da temperatura, interferem um pouco na abertura das maçãs, o que condiciona o apodrecimento das mesmas, podendo comprometer os níveis de produtividade.

No centro norte do estado o algodão segunda safra está na sua maior parte na fase reprodutiva (70% frutificação e 30% maturação). A cultura apresenta um bom desenvolvimento e a ocorrência de doenças ainda é baixa. Porém, há uma grande preocupação entre os produtores sobre o controle do pulgão, lagartas e mosca branca. Dentre as citadas, a praga que tem causado maior preocupação é a mosca branca, que libera uma substância açucarada, a qual interfere no processo de fotossíntese das plantas e conseqüentemente na diminuição da produtividade. Na região sudoeste do estado as precipitações intensas que ocorreram durante junho prejudicaram a operação de destruição de soqueira, bem como as curvas de níveis que são construídas nas áreas que vão ser plantadas com a cultura na safra 2015/16.

Na Região Nordeste, segunda maior região produtora do país, o algodão deve sofrer redução de 8,5% na produção geral, em decorrência do forte declínio na área plantada – 9,9%.

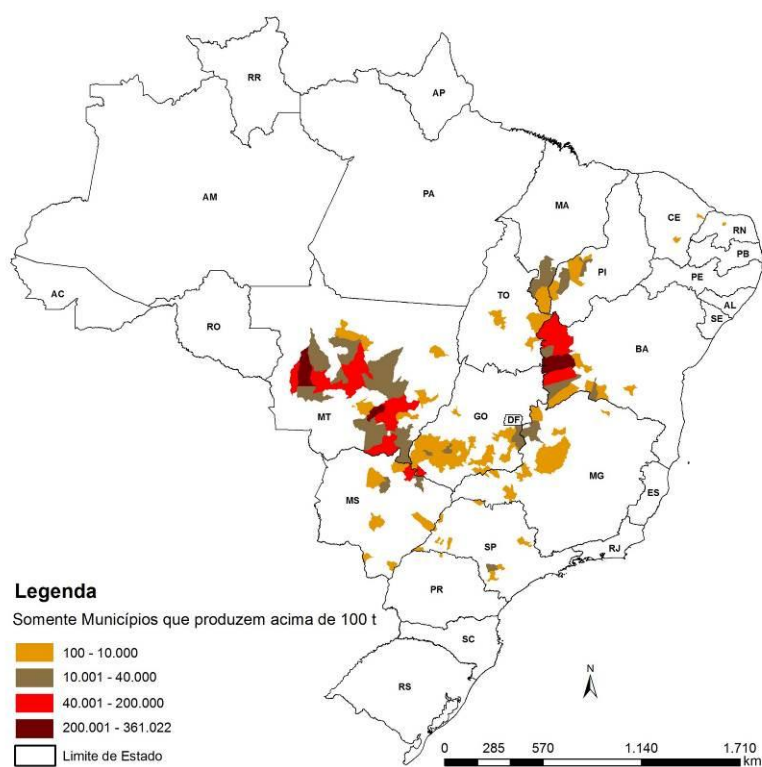
A Bahia é o maior produtor regional e segundo maior produtor nacional. A principal região produtora desta cultura no estado é a região oeste. Estima-se uma queda de 12% na produção desta safra em relação à safra anterior, impulsionada, principalmente pela redução de área plantada, que passou de 319,4 mil para 281,1 mil hectares nessa safra. O motivo da queda foi o alto volume de pluma nos estoques mundiais, impactando negativamente os preços do produto. A expectativa é de aumento na produtividade em torno de 2,1% em relação às safras normais, em decorrência da expectativa de boa produtividade na região de Barreiras.

No Maranhão a área do algodão está estimada em 21,4 mil hectares. A lavoura do algodão se concentra nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos localizados no extremo sul do estado. As lavouras vistoriadas no levantamento encontram-se bem desenvolvidas e no estágio de maturação na sua maior parte. As condições climáticas das lavouras são favoráveis e o levantamento não evidenciou perdas significativas em função da ocorrência de pragas e doenças. Foram registradas chuvas em excesso em março e abril, o que favoreceu o apodrecimento das maçãs, ensejando um maior monitoramento até o encerramento da colheita, para melhor visualização de eventuais perdas.

No Piauí o levantamento apontou aumento na área de 18,4% em relação à safra anterior. Esse incremento ocorreu face a perspectiva, por ocasião do plantio, de preços melhores praticados no Centro-Sul do país, que dariam suporte à comercialização local, fato que não se confirmou. O preço na região produtora do cerrado piauiense está variando entre R\$ 55 e R\$ 61 a arroba da pluma, inferior ao preço esperado pelos produtores na época de plantio que estavam acima de R\$ 70. A cultura encontra-se na fase de pré-colheita e colheita, que deverá se estender até agosto.

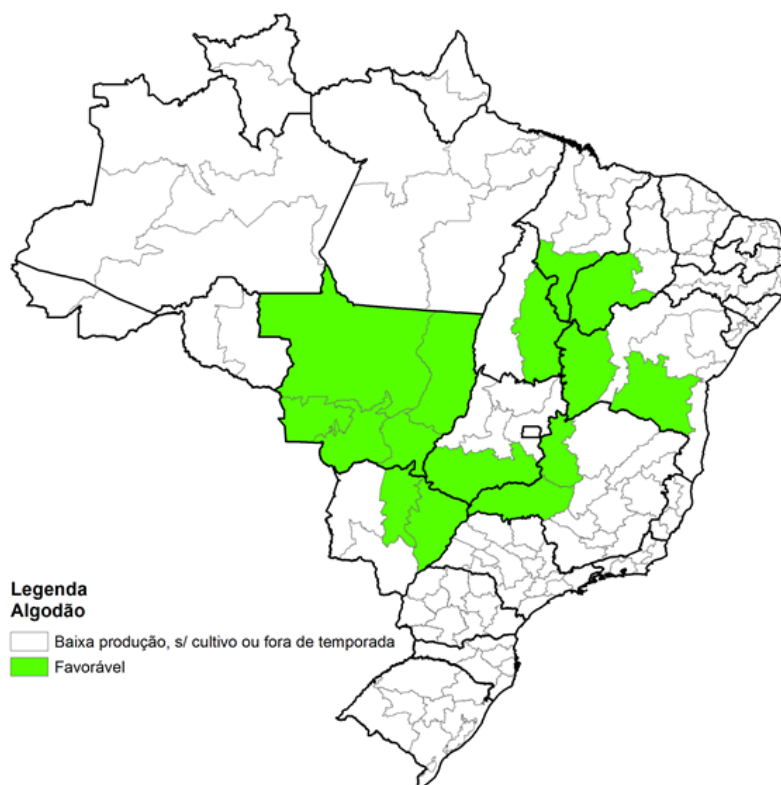


Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 16 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Na Região Sudeste deve ocorrer a maior redução percentual na área entre as regiões do país, cerca de 23,2%. Em Minas Gerais a área de cultivo de algodão está estimada em 18,8 mil hectares, sinalizando uma redução de 10% em relação à safra anterior, acompanhando a tendência baixista nos preços. As lavouras encontram-se predominantemente em fase de maturação, tendo sido colhida até o momento 7,2% da área plantada. No norte de Minas, onde já foi iniciada a colheita, os efeitos da falta de chuvas puderam se traduzir na queda de produtividade e na baixa qualidade da fibra. Por outro lado, na região do Triângulo Mineiro a produtividade sinaliza um crescimento substancial em relação à safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 3.600 kg/ha de algodão em caroço e a produção deverá ficar 6,6% abaixo do resultado obtido na safra passada, alcançando 67,7 mil toneladas.

Dessa forma, a produção nacional de algodão em pluma na temporada 2014/15 está estimada em 1.505,9 mil toneladas, 13,2% menor do que a safra passada, que atingiu 1.734 mil toneladas.

Tabela 6 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			<ul style="list-style-type: none"> <li>- leste do TO (C)</li> <li>- sul do MA (C)</li> <li>- sudoeste do PI (C)</li> <li>- oeste e centro sul da BA (C)</li> <li>- oeste de MG (C)</li> <li>- centro norte e leste do MS (M/C)</li> <li>- sul de GO (1ª safra) (C)</li> <li>- sul de GO (2ª safra) (M/C)</li> <li>- todo estado do MT (1ª safra) (C)</li> <li>- todo estado do MT (2ª safra) (M/C)</li> </ul>	

Legenda: \* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>7,7</b>	<b>60,4</b>	<b>4.020</b>	<b>4.371</b>	<b>8,7</b>	<b>19,3</b>	<b>33,7</b>	<b>74,6</b>
TO	4,8	7,7	61,1	4.020	4.371	8,7	19,3	33,7	74,6
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>317,9</b>	<b>(9,9)</b>	<b>3.872</b>	<b>3.933</b>	<b>1,6</b>	<b>1.366,2</b>	<b>1.250,3</b>	<b>(8,5)</b>
MA	18,6	21,4	14,9	4.140	3.984	(3,8)	77,0	85,3	10,8
PI	12,1	14,3	18,4	4.125	3.685	(10,7)	49,9	52,7	5,6
CE	1,8	0,4	(77,0)	780	651	(16,5)	1,4	0,3	(78,6)
RN	0,4	0,3	(22,0)	3.810	4.000	5,0	1,5	1,2	(20,0)
PB	0,1	0,2	100,0	660	1.974	199,1	0,1	0,4	300,0
PE	0,3	0,1	(60,0)	540	1.182	118,9	0,2	0,1	(50,0)
AL	0,1	0,1	-	480	176	(63,3)	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	3.870	3.950	2,1	1.236,1	1.110,3	(10,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>627,5</b>	<b>(14,5)</b>	<b>3.974</b>	<b>3.922</b>	<b>(1,3)</b>	<b>2.917,6</b>	<b>2.461,1</b>	<b>(15,6)</b>
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.894	(1,7)	2.546,7	2.191,2	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	4.275	4.430	3,6	160,3	137,3	(14,3)
GO	53,6	33,8	(37,0)	3.930	3.923	(0,2)	210,6	132,6	(37,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>(23,2)</b>	<b>3.443</b>	<b>3.574</b>	<b>3,8</b>	<b>99,5</b>	<b>79,4</b>	<b>(20,2)</b>
MG	20,9	18,8	(10,0)	3.469	3.600	3,8	72,5	67,7	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	3.375	3.432	1,7	27,0	11,7	(56,7)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>2.375</b>	<b>2.179</b>	<b>(8,3)</b>	<b>2,1</b>	<b>2,0</b>	<b>(4,8)</b>
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>325,6</b>	<b>(8,9)</b>	<b>3.874</b>	<b>3.943</b>	<b>1,8</b>	<b>1.385,5</b>	<b>1.284,0</b>	<b>(7,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>650,6</b>	<b>(14,8)</b>	<b>3.952</b>	<b>3.908</b>	<b>(1,1)</b>	<b>3.019,2</b>	<b>2.542,5</b>	<b>(15,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>976,2</b>	<b>(13,0)</b>	<b>3.927</b>	<b>3.920</b>	<b>(0,2)</b>	<b>4.404,7</b>	<b>3.826,5</b>	<b>(13,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>7,7</b>	<b>60,4</b>	<b>1.548</b>	<b>1.688</b>	<b>9,1</b>	<b>7,4</b>	<b>13,0</b>	<b>75,7</b>
TO	4,8	7,7	61,1	1.548	1.683	8,7	7,4	13,0	75,7
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>317,9</b>	<b>(9,9)</b>	<b>1.515</b>	<b>1.539</b>	<b>1,6</b>	<b>534,6</b>	<b>489,3</b>	<b>(8,5)</b>
MA	18,6	21,4	14,9	1.635	1.574	(3,7)	30,4	33,7	10,9
PI	12,1	14,3	18,4	1.629	1.456	(10,6)	19,7	20,8	5,6
CE	1,8	0,4	(77,0)	273	228	(16,5)	0,5	0,1	(80,0)
RN	0,4	0,3	(22,0)	1.448	1.520	5,0	0,6	0,5	(16,7)
PB	0,1	0,2	100,0	231	691	199,1	-	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	189	414	119,0	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	168	62	(63,1)	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	1.513	1.544	2,0	483,3	434,1	(10,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>627,5</b>	<b>(14,5)</b>	<b>1.569</b>	<b>1.549</b>	<b>(1,3)</b>	<b>1.152,2</b>	<b>971,9</b>	<b>(15,6)</b>
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.538	(1,7)	1.005,9	865,5	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	1.689	1.750	3,6	63,3	54,2	(14,4)
GO	53,6	33,8	(37,0)	1.548	1.546	(0,1)	83,0	52,2	(37,1)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>(23,2)</b>	<b>1.349</b>	<b>1.396</b>	<b>3,5</b>	<b>39,0</b>	<b>31,0</b>	<b>(20,5)</b>
MG	20,9	18,8	(10,0)	1.353	1.404	3,8	28,3	26,4	(6,7)
SP	8,0	3,4	(57,5)	1.333	1.356	1,7	10,7	4,6	(57,0)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>889</b>	<b>778</b>	<b>(12,5)</b>	<b>0,8</b>	<b>0,7</b>	<b>(12,5)</b>
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>325,6</b>	<b>(8,9)</b>	<b>1.516</b>	<b>1.543</b>	<b>1,8</b>	<b>542,0</b>	<b>502,3</b>	<b>(7,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>650,6</b>	<b>(14,8)</b>	<b>1.560</b>	<b>1.543</b>	<b>(1,1)</b>	<b>1.192,0</b>	<b>1.003,6</b>	<b>(15,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>976,2</b>	<b>(13,0)</b>	<b>1.546</b>	<b>1.543</b>	<b>(0,2)</b>	<b>1.734,0</b>	<b>1.505,9</b>	<b>(13,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Carvão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>7,7</b>	<b>60,4</b>	<b>2.472</b>	<b>2.688</b>	<b>8,7</b>	<b>11,9</b>	<b>20,7</b>	<b>73,9</b>
TO	4,8	7,7	61,1	2.472	2.688	8,7	11,9	20,7	73,9
<b>NORDESTE</b>	<b>352,8</b>	<b>317,9</b>	<b>(9,9)</b>	<b>2.357</b>	<b>2.394</b>	<b>1,5</b>	<b>831,5</b>	<b>761,0</b>	<b>(8,5)</b>
MA	18,6	21,4	14,9	2.505	2.410	(3,8)	46,6	51,6	10,7
PI	12,1	14,3	18,4	2.496	2.229	(10,7)	30,2	31,9	5,6
CE	1,8	0,4	(77,0)	507	423	(16,6)	0,9	0,2	(77,8)
RN	0,4	0,3	(22,0)	2.362	2.480	5,0	0,9	0,7	(22,2)
PB	0,1	0,2	100,0	429	1.283	199,1	-	0,3	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	351	768	118,8	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	312	114	(63,5)	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	2.357	2.406	2,1	752,8	676,2	(10,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>734,2</b>	<b>627,5</b>	<b>(14,5)</b>	<b>2.404</b>	<b>2.373</b>	<b>(1,3)</b>	<b>1.765,4</b>	<b>1.489,1</b>	<b>(15,7)</b>
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.356	(1,7)	1.540,7	1.325,6	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	2.586	2.680	3,6	97,0	83,1	(14,3)
GO	53,6	33,8	(37,0)	2.382	2.377	(0,2)	127,7	80,4	(37,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>28,9</b>	<b>22,2</b>	<b>(23,2)</b>	<b>2.096</b>	<b>2.178</b>	<b>3,9</b>	<b>60,5</b>	<b>48,4</b>	<b>(20,0)</b>
MG	20,9	18,8	(10,0)	2.116	2.196	3,8	44,2	41,3	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	2.042	2.076	1,7	16,3	7,1	(56,4)
<b>SUL</b>	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	<b>-</b>	<b>1.473</b>	<b>1.351</b>	<b>(8,3)</b>	<b>1,3</b>	<b>1,2</b>	<b>(7,7)</b>
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>357,6</b>	<b>325,6</b>	<b>(8,9)</b>	<b>2.359</b>	<b>2.401</b>	<b>1,8</b>	<b>843,4</b>	<b>781,7</b>	<b>(7,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>764,0</b>	<b>650,6</b>	<b>(14,8)</b>	<b>2.392</b>	<b>2.365</b>	<b>(1,1)</b>	<b>1.827,2</b>	<b>1.538,7</b>	<b>(15,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.121,6</b>	<b>976,2</b>	<b>(13,0)</b>	<b>2.381</b>	<b>2.377</b>	<b>(0,2)</b>	<b>2.670,6</b>	<b>2.320,4</b>	<b>(13,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

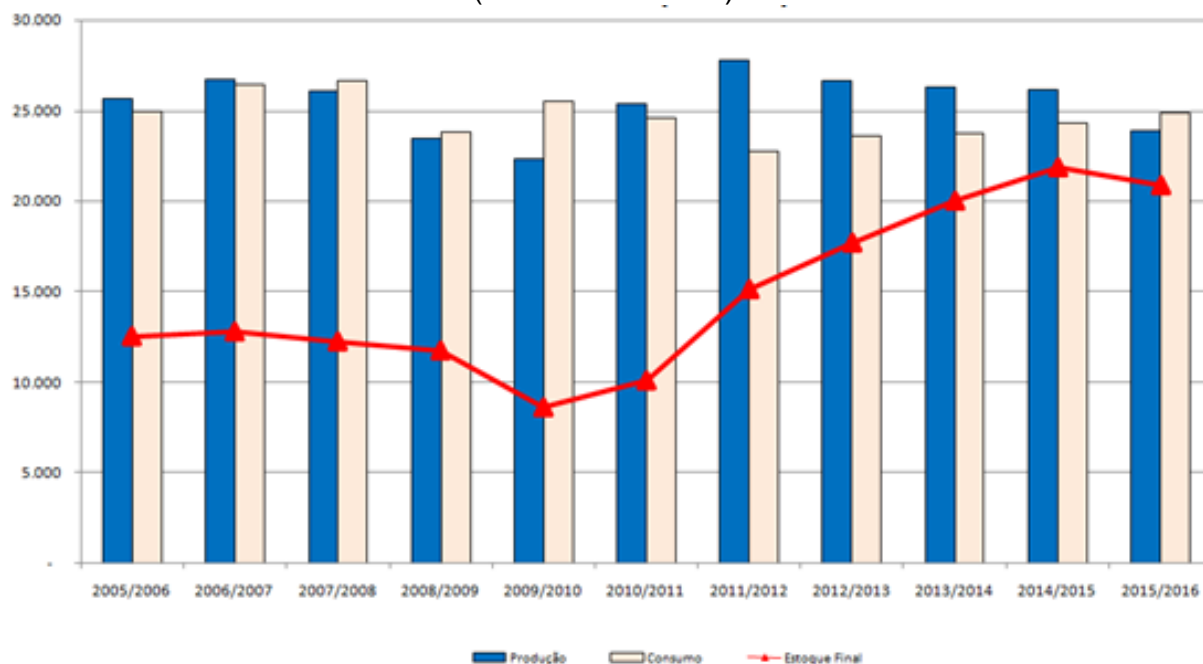
#### 10.1.1.1. Oferta e demanda

##### Panorama mundial

O mercado mundial do algodão segue com disponibilidade do produto bastante superior ao consumo. Os números corroborados em julho da produção mundial na safra 2014/15, já finalizada no Hemisfério Norte e em andamento no Sul, estimada pelo Comitê Consultivo do Algodão (Icac) é de 26,2 milhões de toneladas, enquanto que o consumo previsto é de 24,4 milhões toneladas. Quanto às projeções de produção para a safra 2015/16, aquela instituição avalia que haverá uma significativa retração de 8,7%, devendo totalizar cerca de 23,9 milhões de toneladas, e no caso do consumo, estima um crescimento moderado de 2,3%, perfazendo um montante de 24,9 milhões de toneladas.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção, segundo as estimativas do Icac, contribuirá para uma redução de 4,5% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20,9 milhões de toneladas. Neste sentido, a relação estoque versus consumo, no citado período, passa a ser de 83,9% contra 89,9% na safra passada. Historicamente este índice oscila entre 35% e 40%, contudo, destaca-se que cerca de 57,1% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China (Gráfico 24).

Gráfico 24 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)

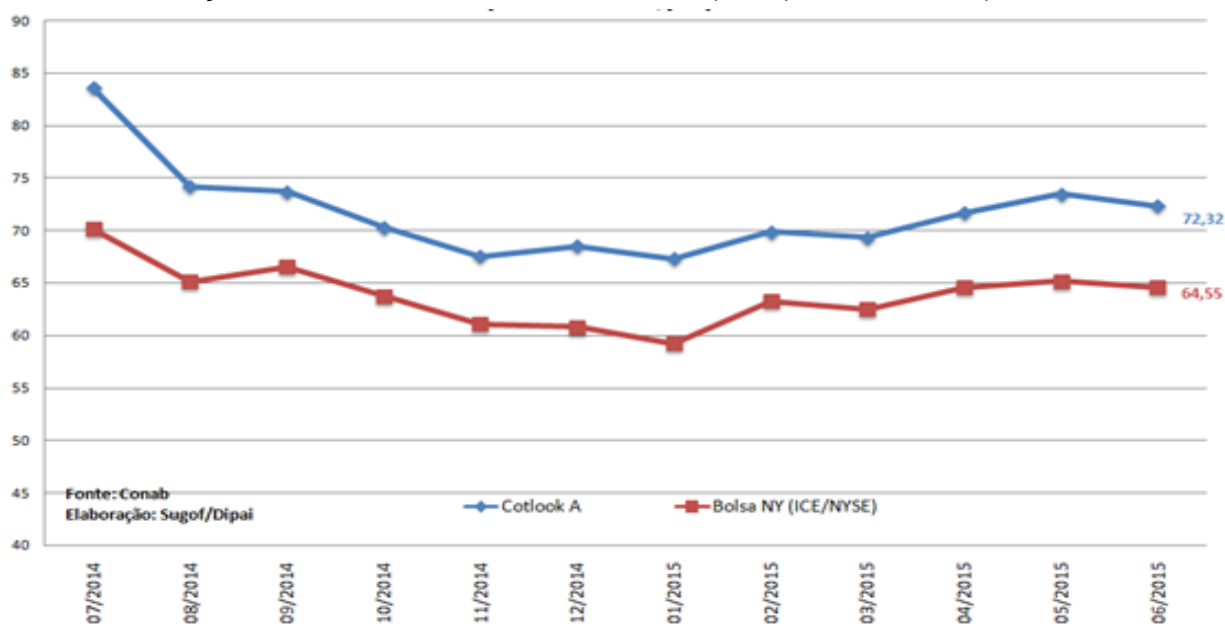


Fonte: Icac.

### Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma apresentaram redução em junho, a justificativa é dada pelo fraco desempenho da demanda mundial de algodão no período. Contudo, a expectativa de uma redução na área plantada dos Estados Unidos e confirmada pelo relatório de plantio do departamento de Agricultura dos EUA fomentou na última semana de junho uma forte elevação das cotações de mercado futuro na Bolsa de Nova Iorque e também no mercado físico expresso pelo Índice “A” calculado pela Cotlook, fato que tornou esses mercados bastante voláteis ao fim do mês.

Gráfico 25 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US\$/lb)

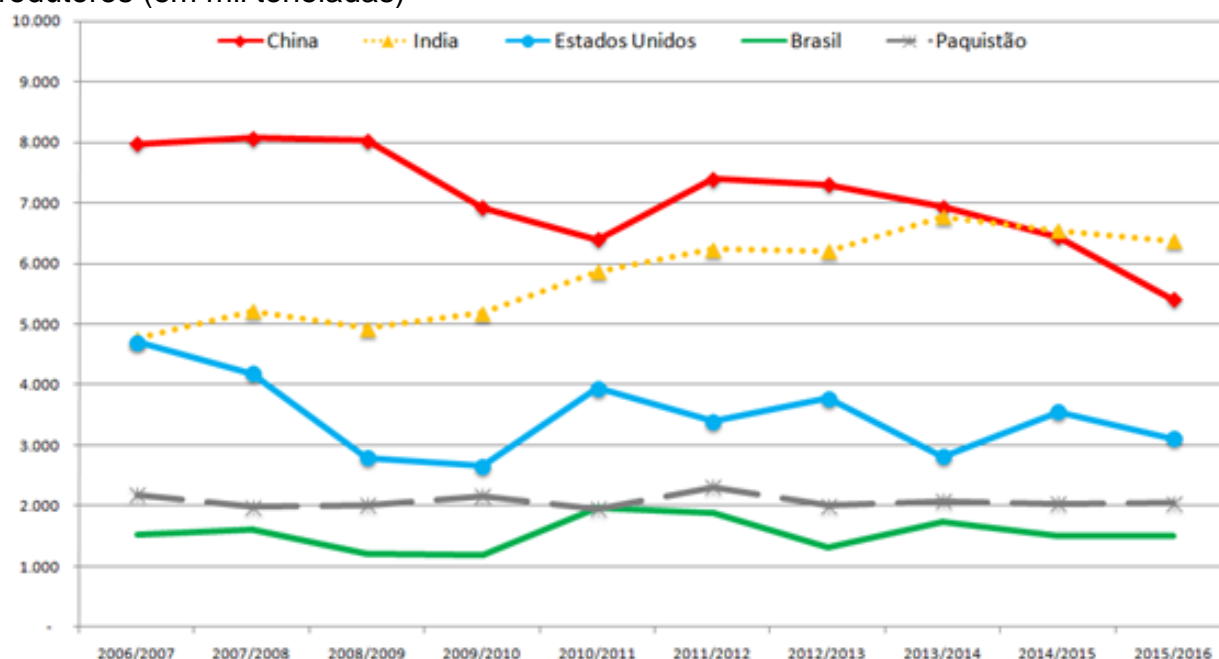


## Panorama nacional

Caso as condições climáticas permaneçam favoráveis até o final do ciclo da cultura, o Brasil deverá produzir aproximadamente 1.505,9 mil toneladas de pluma. Em valores absolutos a produção de pluma será inferior à da safra passada em 228,1 mil toneladas, aproximadamente, o que em termos percentuais equivale a 13,2%.

O declínio da produção foi fundamentado, principalmente, pelo grande acúmulo dos estoques mundiais de passagem nos últimos cinco anos que exerceu impacto negativo sobre os preços em âmbito mundial, especialmente aqui no Brasil, onde os preparativos para o plantio da safra (compras de insumos, preparo do solo, entre outras atividades) começam em março e se estendem até o princípio de novembro, quando efetivamente é iniciado os trabalhos de semeadura (Gráfico 26).

Gráfico 26 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)



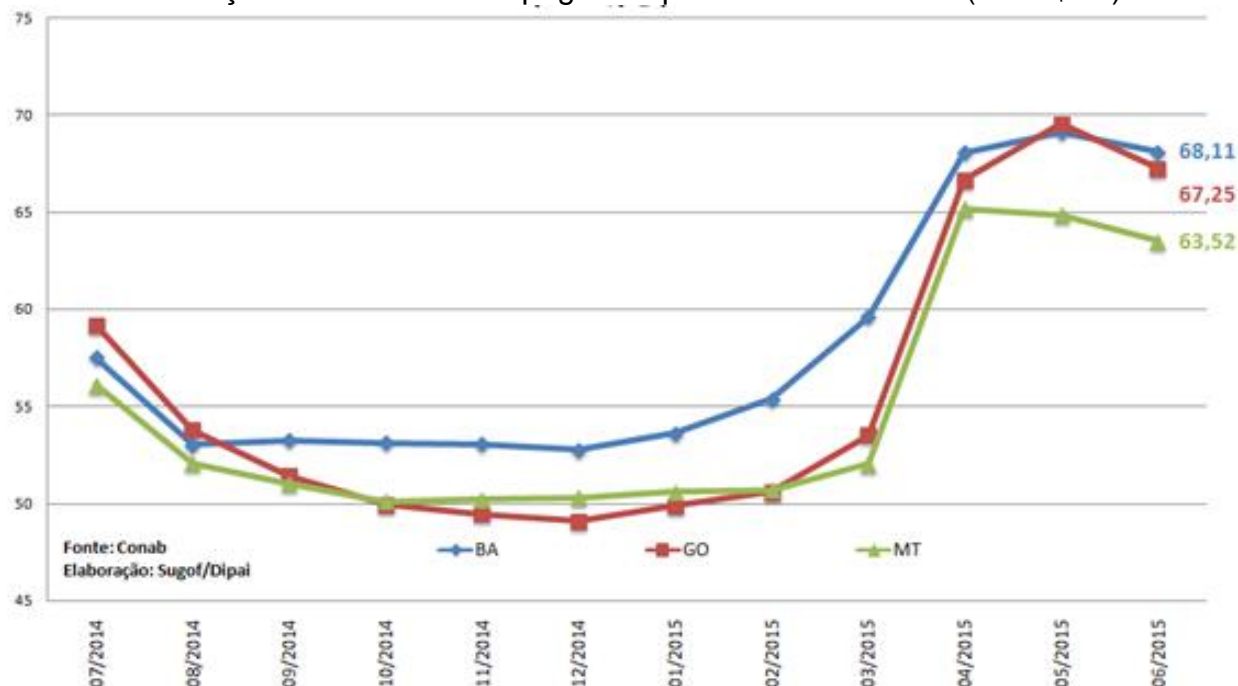
Fonte: Icac.

## Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão reagiram negativamente à baixa atividade da indústria têxtil brasileira. Posto que as fiações e tecelagens apenas realizaram compras suficientes para atender os contratos de entrega imediata, o número de novos contratos para o mercado doméstico foi bastante reduzido ao longo de junho. Desse modo, os preços sofreram uma ligeira variação negativa, todavia a desvalorização cambial observada ao final do período estimulou as vendas ao mercado externo. Esse fato pode trazer novas altas nas cotações, posto que o produtor aumenta seu poder de barganha via paridade de exportação.

Assim, a média mensal de maio dos preços pagos ao produtor apresentou desempenho ruim, mas com possibilidade de reversão na primeira quinzena de julho. Os preços médios em junho, em comparação com maio na Bahia, caíram 1,45%, com média de R\$68,11/@, em Goiás reduziu 3,28%, com média de R\$67,25/@ e em Mato Grosso, com queda de 2,05%, com média de R\$63,52/@ (Gráfico 27).

Gráfico 27 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/@)



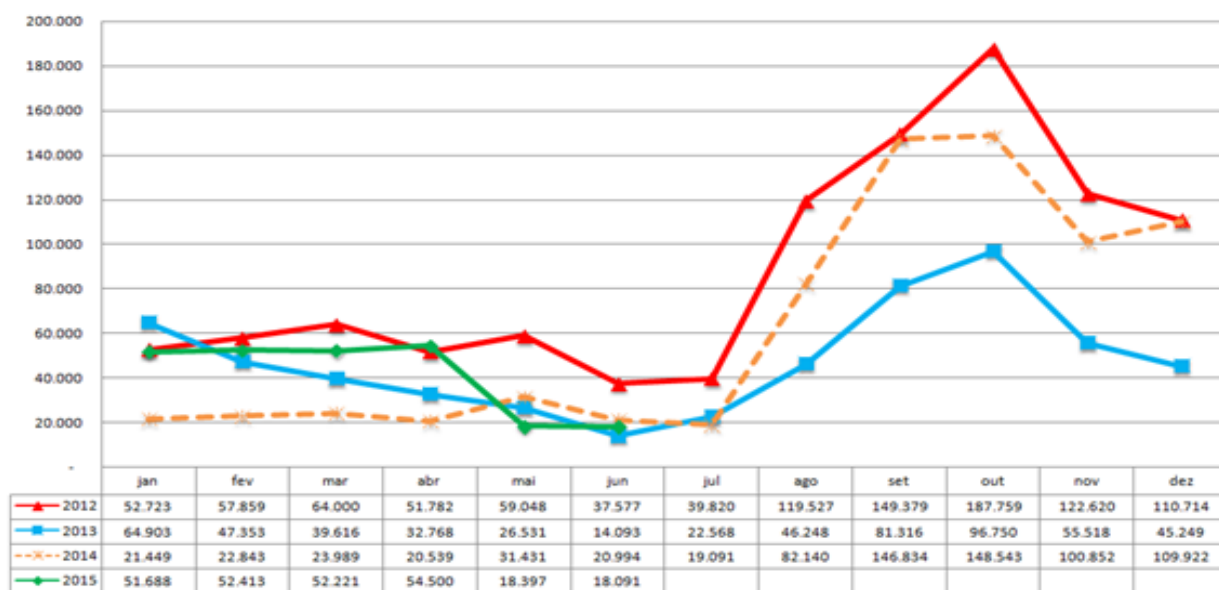
### Informações sobre o consumo nacional

Em função de notícias sobre o fraco desempenho da indústria têxtil no ano de 2014, e levando em consideração as atuais previsões de baixo crescimento da economia brasileira no corrente ano, a Conab mantém inalterada sua projeção de consumo em 800 mil toneladas para a safra em curso.

### Análise de exportações líquidas brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Para 2015 a Conab mantém sua estimativa de 790 mil toneladas.

Gráfico 28 – Exportações brasileiras de algodão de janeiro de 2012 a abril de 2015 (em mil toneladas)



Fonte: Secex.

## Oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.017,8 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.590 mil toneladas.

Com os ajustes na produção, se comparados à safra precedente, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 427,6 mil toneladas de pluma, significando, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses.

### 10.1.2. Amendoim

#### 10.1.2.1. Amendoim primeira safra

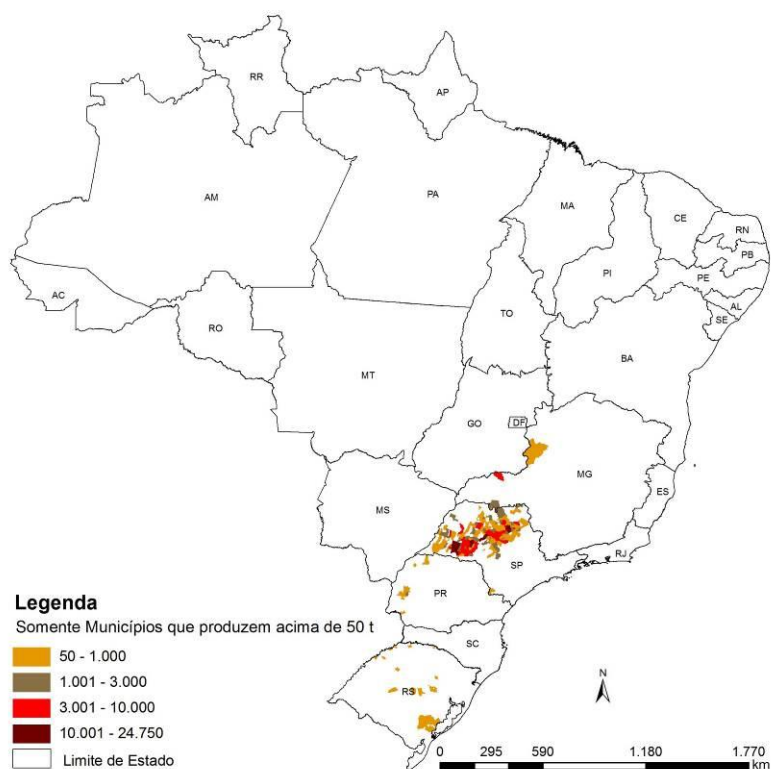
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

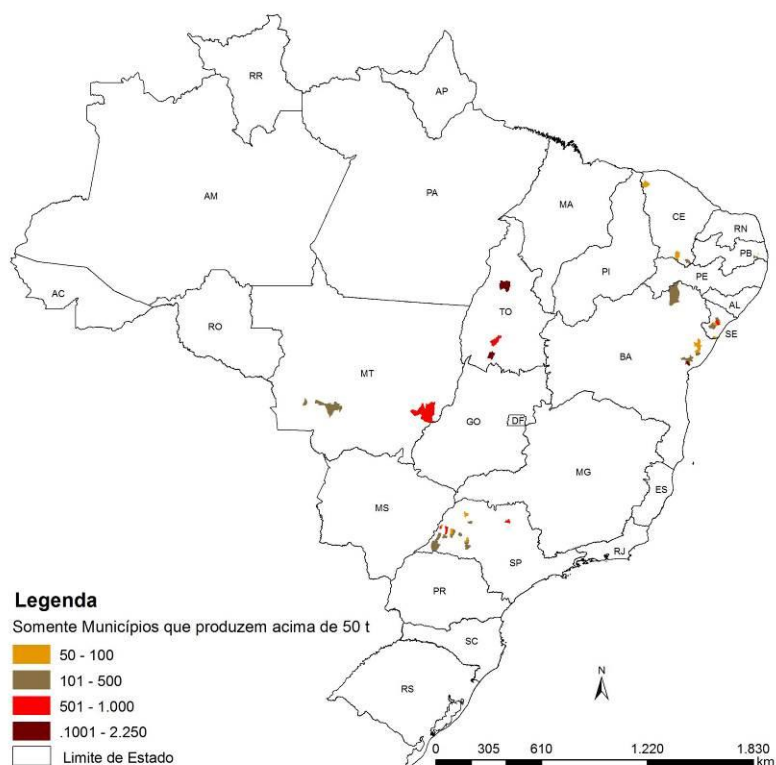
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>88,8</b>	<b>92,5</b>	<b>4,2</b>	<b>3.162</b>	<b>3.315</b>	<b>4,8</b>	<b>280,8</b>	<b>306,6</b>	<b>9,2</b>
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	86,2	89,8	4,2	3.146	3.314	5,3	271,2	297,6	9,7
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>(1,9)</b>	<b>1.998</b>	<b>2.425</b>	<b>21,4</b>	<b>10,8</b>	<b>12,9</b>	<b>19,4</b>
PR	2,2	2,3	5,5	2.408	2.392	(0,7)	5,3	5,5	3,8
RS	3,2	3,0	(7,7)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>94,2</b>	<b>97,8</b>	<b>3,8</b>	<b>3.095</b>	<b>3.266</b>	<b>5,5</b>	<b>291,6</b>	<b>319,5</b>	<b>9,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>94,2</b>	<b>97,8</b>	<b>3,8</b>	<b>3.095</b>	<b>3.266</b>	<b>5,5</b>	<b>291,6</b>	<b>319,5</b>	<b>9,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

### 10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 11 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Amendoim 2ª safra</b>			- oeste de SP (C)	

Legenda: \* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO				P	P		C	C				
<b>Nordeste</b>												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
<b>Centro-Oeste</b>												
MT					P	P		C	C			
<b>Sudeste</b>												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

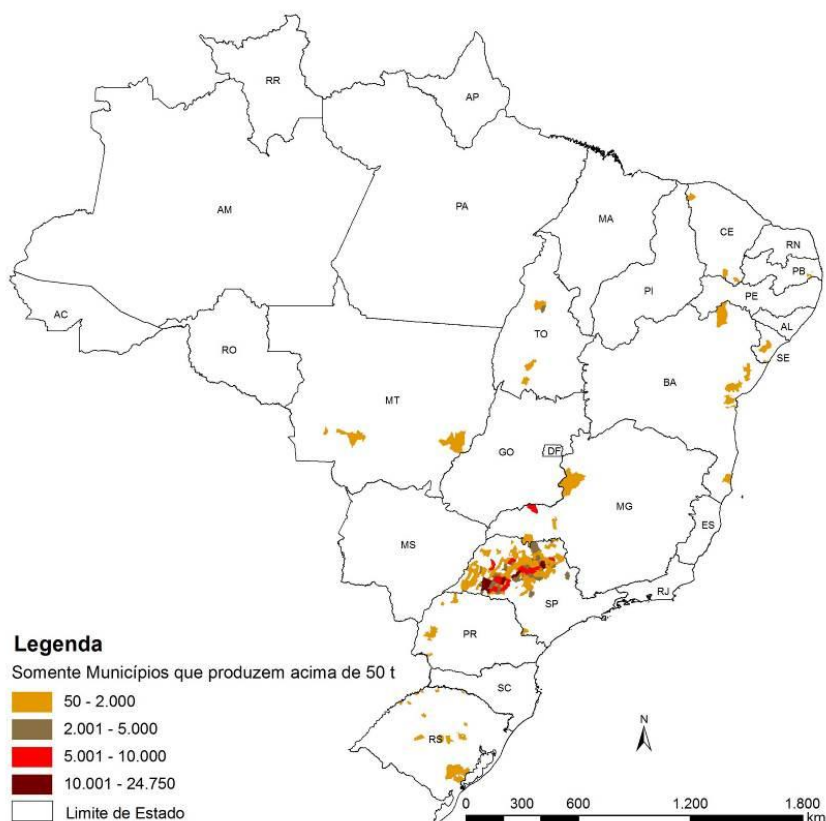
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,8</b>	<b>2,4</b>	<b>200,0</b>	<b>3.556</b>	<b>3.873</b>	<b>8,9</b>	<b>2,8</b>	<b>9,3</b>	<b>232,1</b>
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
<b>NORDESTE</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>-</b>	<b>1.215</b>	<b>1.145</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,8</b>	<b>4,5</b>	<b>(6,3)</b>
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	798	(30,8)	1,2	0,5	(58,3)
PB	0,3	0,5	66,6	319	600	88,1	0,1	0,3	200,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.605	(7,8)	2,3	2,1	(8,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	<b>(50,0)</b>	<b>2.500</b>	<b>1.848</b>	<b>(26,1)</b>	<b>1,0</b>	<b>0,4</b>	<b>(60,0)</b>
MT	0,4	0,2	(61,3)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>6,0</b>	<b>5,3</b>	<b>(11,7)</b>	<b>2.600</b>	<b>2.498</b>	<b>(3,9)</b>	<b>15,6</b>	<b>13,2</b>	<b>(15,4)</b>
SP	6,0	5,3	(11,7)	2.600	2.498	(3,9)	15,6	13,2	(15,4)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4,7</b>	<b>6,3</b>	<b>34,0</b>	<b>1.941</b>	<b>2.185</b>	<b>12,6</b>	<b>7,6</b>	<b>13,8</b>	<b>81,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>6,4</b>	<b>5,5</b>	<b>(14,1)</b>	<b>2.594</b>	<b>2.474</b>	<b>(4,6)</b>	<b>16,6</b>	<b>13,6</b>	<b>(18,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>11,1</b>	<b>11,8</b>	<b>6,3</b>	<b>2.179</b>	<b>2.320</b>	<b>6,5</b>	<b>24,2</b>	<b>27,4</b>	<b>13,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

### 10.1.2.3. Amendoim total

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,8</b>	<b>2,4</b>	<b>200,0</b>	<b>3.556</b>	<b>3.873</b>	<b>8,9</b>	<b>2,8</b>	<b>9,3</b>	<b>232,1</b>
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
<b>NORDESTE</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>-</b>	<b>1.215</b>	<b>1.145</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,8</b>	<b>4,5</b>	<b>(6,3)</b>
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	798	(30,8)	1,2	0,5	(58,3)
PB	0,3	0,5	66,7	319	600	88,1	0,1	0,3	200,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.605	(7,8)	2,3	2,1	(8,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	<b>(50,0)</b>	<b>2.500</b>	<b>1.848</b>	<b>(26,1)</b>	<b>1,0</b>	<b>0,4</b>	<b>(60,0)</b>
MT	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>94,8</b>	<b>97,8</b>	<b>3,2</b>	<b>3.126</b>	<b>3.270</b>	<b>4,6</b>	<b>296,4</b>	<b>319,8</b>	<b>7,9</b>
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	92,2	95,1	3,1	3.110	3.269	5,1	286,8	310,8	8,4
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>(1,9)</b>	<b>1.998</b>	<b>2.425</b>	<b>21,4</b>	<b>10,8</b>	<b>12,9</b>	<b>19,4</b>
PR	2,2	2,3	4,5	2.408	2.392	(0,7)	5,3	5,5	3,8
RS	3,2	3,0	(6,3)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4,7</b>	<b>6,3</b>	<b>34,0</b>	<b>1.614</b>	<b>2.185</b>	<b>35,4</b>	<b>7,6</b>	<b>13,8</b>	<b>81,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>100,6</b>	<b>103,3</b>	<b>2,7</b>	<b>3.063</b>	<b>3.224</b>	<b>5,3</b>	<b>308,2</b>	<b>333,1</b>	<b>8,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>105,3</b>	<b>109,6</b>	<b>4,1</b>	<b>2.998</b>	<b>3.165</b>	<b>5,5</b>	<b>315,8</b>	<b>346,9</b>	<b>9,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

### 10.1.3. Arroz

A colheita no Rio Grande do Sul, principal produtor do cereal (aproximadamente 69% da produção nacional) foi concluída, com produtividade média de 7.716 kg/ha e 8,64 milhões de toneladas, cultivada em 1,12 milhão de hectares. As variações percentuais foram positivas, contrariando as expectativas iniciais, provocadas principalmente por problemas enfrentados no período recomendado para o plantio. O aumento de produtividade e da produção total foi de 6,5%. No atual levantamento, conforme informações repassadas, estima-se que 60% da área que será plantada na próxima safra está preparada para a semeadura.

Em Santa Catarina, com a totalidade da safra colhida e mesmo com os problemas enfrentados, a produtividade média foi de 0,6% maior do que a safra anterior e, devido à redução de 1,5% na área plantada, a produção total de 1,1 mil toneladas foi 0,9% menor do que a safra 2013/14. Destaca-se que os grãos apresentam ótima qualidade.

No Paraná o cultivo do arroz ocorre em dois tipos de manejo: irrigado e sequeiro. A área plantada de sequeiro é de 8,8 mil hectares e a irrigada de 19,2 mil hectares, registrando recuo em relação à safra passada de 19% e 3%, respectivamente. No geral, a colheita encaminha-se para o final e a produtividade média de 5.867 kg/ha é a maior já alcançada naquele estado, superando os 5.356 kg/ha da safra 2013/14, que era a maior da série histórica paranaense. Com isso, mesmo com a redução de 5,4% da área, a produção total será 3,6% maior em relação à safra anterior. Estima-se que os produtores já comercializaram 43% da produção do arroz de sequeiro e 63% da produção do arroz irrigado.

Em Tocantins o arroz também é cultivado em dois sistemas: sequeiro e irrigado. O atual levantamento indica uma leve redução de 0,6% na produtividade média, provocada por condições climáticas adversas em quase todas as fases do ciclo da cultura. Apresenta um significativo aumento de 11,9% na área plantada, que eleva a produção total naquele

estado para 605 mil toneladas, 11,3% maior do que a safra passada.

Em Roraima o arroz irrigado no verão representa 80% da produção do cereal naquele estado, com plantio a partir de setembro e colheita até abril, portanto, 100% desse arroz já foi colhido e comercializado. A safra de inverno é pequena, com plantio de maio a junho e colheita entre agosto e setembro. A produtividade é inferior à safra de verão, com média de 6.000 kg/ha. Dos 12 mil hectares plantados no estado, o plantio de inverno participa com cerca de 1,3 mil hectares apenas, onde predomina a produção de sementes para o próximo plantio.

Nos demais estados da Região Norte os dados indicam uma redução na área plantada. Ao se analisar os dados de toda a região, nota-se a redução na área plantada e aumento na produção total, sendo 4,5% e 1,5% respectivamente. O arroz nessa região é utilizado para a abertura de novas áreas ou após a utilização com pastagens, prática que tem diminuído no último período e justifica a redução da área plantada.

No Maranhão, estado que responde por 71,4% do arroz produzido na Região Nordeste, a produção, área e produtividade sofrerão reduções. Os relatos afirmam que a opção de se substituir o arroz pelo cultivo do milho ocorreu por conta dos custos elevados, da oferta de produto de maior qualidade vindo de outros estados produtivos e da falta de sementes de arroz fiscalizadas. Na região produtora de arroz no Piauí, segundo principal estado produtor da Região Nordeste, observou-se comportamento similar ao do Maranhão, ou seja, com a redução dos parâmetros analisados.

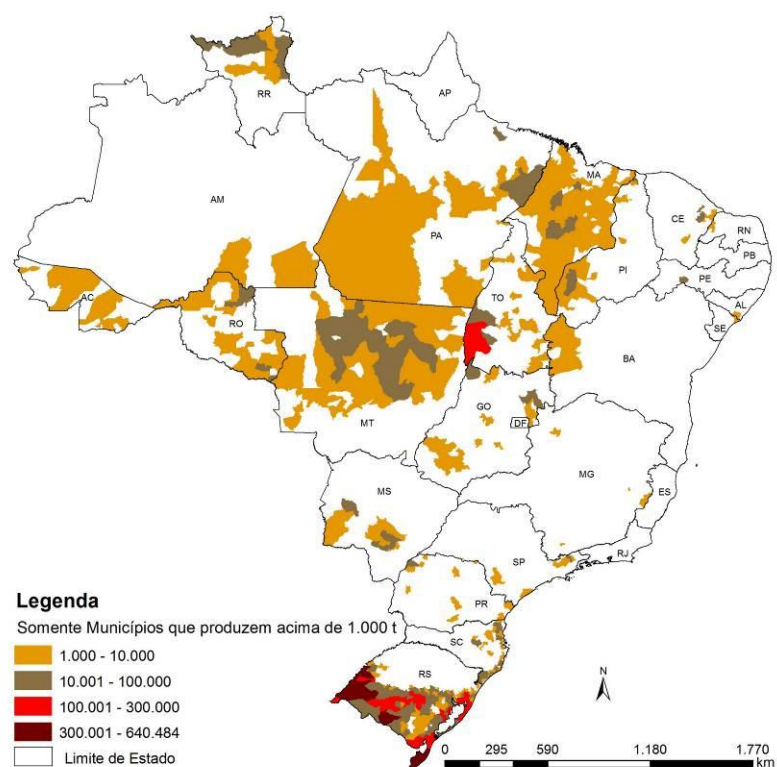
Nos demais estados do Nordeste a área plantada e a produção é pouco significativa e com vistas ao atendimento do mercado local. A baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo de implantação da lavoura, a necessidade de condições hídricas favoráveis para atingir-se bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem as áreas em estados como Pernambuco (71,4%), Ceará (42,5%), Rio Grande do Norte (33,3%), Paraíba (25%), Bahia (3,4%) e Alagoas (3,2%).

Na Região Centro-Oeste houve uma redução de 3,7% da área plantada, mesmo com o aumento de 16,8% no Mato Grosso do Sul. Neste estado a safra está finalizada e a produção total e a produtividade tiveram acréscimo de 17% e 0,2%, respectivamente. No Mato Grosso, embora com produtividade 0,3% menor, o destaque é dado para a qualidade do produto. Há relatos de rendimento de 56, 58 e até mesmo 60% de grãos inteiros, o que demonstra uma excelente qualidade da lavoura.

Na Região Sudeste, São Paulo apresentou aumento em todos os índices analisados. Nos demais estados houve redução de área e da produção total, embora a produtividade média da região tenha sido 12,7% superior, com destaque para São Paulo que atingiu uma produtividade média de 10,8% superior à safra anterior.

No Rio de Janeiro a safra de arroz está finalizada, e os motivos para a redução da área plantada estão relacionados com a substituição da lavoura de arroz, que cede espaço para o cultivo do tomate e de outras olerícolas, além da escassez de chuvas no início do plantio.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C					P
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C	C	C
PE	C	C			P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>268,9</b>	<b>256,8</b>	<b>(4,5)</b>	<b>3.597</b>	<b>3.822</b>	<b>6,2</b>	<b>967,2</b>	<b>981,6</b>	<b>1,5</b>
RR	12,0	12,0	-	6.500	6.500	-	78,0	78,0	-
RO	48,5	42,8	(11,8)	2.819	2.873	1,9	136,7	123,0	(10,0)
AC	7,5	6,7	(10,6)	1.201	1.143	(4,8)	9,0	7,7	(14,4)
AM	3,4	2,0	(40,0)	2.261	2.307	2,0	7,7	4,6	(40,3)
AP	2,0	1,9	(5,0)	1.218	1.038	(14,8)	2,4	2,0	(16,7)
PA	81,6	63,9	(21,7)	2.326	2.524	8,5	189,8	161,3	(15,0)
TO	113,9	127,5	11,9	4.773	4.745	(0,6)	543,6	605,0	11,3
<b>NORDESTE</b>	<b>539,5</b>	<b>490,8</b>	<b>(9,0)</b>	<b>1.695</b>	<b>1.583</b>	<b>(6,6)</b>	<b>914,6</b>	<b>776,9</b>	<b>(15,1)</b>
MA	389,1	361,9	(7,0)	1.692	1.557	(8,0)	658,4	563,5	(14,4)
PI	105,9	95,1	(10,2)	1.400	1.230	(12,1)	148,3	117,0	(21,1)
CE	22,1	12,7	(42,5)	1.436	1.436	-	31,7	18,2	(42,6)
RN	1,5	1,0	(33,3)	3.074	2.596	(15,5)	4,6	2,6	(43,5)
PB	1,2	0,9	(25,0)	817	313	(61,7)	1,0	0,3	(70,0)
PE	0,7	0,2	(71,4)	6.923	4.500	(35,0)	4,8	0,9	(81,3)
AL	3,1	3,0	(3,2)	5.858	5.720	(2,4)	18,2	17,2	(5,5)
SE	7,1	7,5	5,6	5.570	5.987	7,5	39,5	44,9	13,7
BA	8,8	8,5	(3,4)	920	1.447	57,3	8,1	12,3	51,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>229,8</b>	<b>221,2</b>	<b>(3,7)</b>	<b>3.543</b>	<b>3.615</b>	<b>2,0</b>	<b>814,1</b>	<b>799,6</b>	<b>(1,8)</b>
MT	176,3	175,1	(0,7)	3.285	3.274	(0,3)	579,1	573,3	(1,0)
MS	15,5	18,1	16,8	6.150	6.160	0,2	95,3	111,5	17,0
GO	38,0	28,0	(26,3)	3.677	4.100	11,5	139,7	114,8	(17,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>34,8</b>	<b>27,4</b>	<b>(21,3)</b>	<b>2.485</b>	<b>2.800</b>	<b>12,7</b>	<b>86,5</b>	<b>76,7</b>	<b>(11,3)</b>
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.100	4,0	39,2	25,2	(35,7)
ES	0,5	0,3	(40,0)	2.557	2.559	0,1	1,3	0,8	(38,5)
RJ	0,9	0,5	(40,0)	3.476	2.403	(30,9)	3,1	1,2	(61,3)
SP	14,0	14,6	4,2	3.063	3.393	10,8	42,9	49,5	15,4
<b>SUL</b>	<b>1.299,9</b>	<b>1.296,1</b>	<b>(0,3)</b>	<b>7.185</b>	<b>7.611</b>	<b>5,9</b>	<b>9.339,2</b>	<b>9.865,1</b>	<b>5,6</b>
PR	29,7	28,1	(5,4)	5.356	5.867	9,5	159,1	164,9	3,6
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.120,1	-	7.243	7.716	6,5	8.112,9	8.642,7	6,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>808,4</b>	<b>747,6</b>	<b>(7,5)</b>	<b>2.328</b>	<b>2.352</b>	<b>1,0</b>	<b>1.881,8</b>	<b>1.758,5</b>	<b>(6,6)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.564,5</b>	<b>1.544,7</b>	<b>(1,3)</b>	<b>6.545</b>	<b>6.954</b>	<b>6,2</b>	<b>10.239,8</b>	<b>10.741,4</b>	<b>4,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.372,9</b>	<b>2.292,3</b>	<b>(3,4)</b>	<b>5.108</b>	<b>5.453</b>	<b>6,7</b>	<b>12.121,6</b>	<b>12.499,9</b>	<b>3,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

### 10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em maio de 2015, foram importadas 56,7 mil toneladas de arroz, apenas 8,9 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data não foram disponibilizados os dados referentes a junho e por esse motivo, o mês de maio é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram retração do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em maio de 2014 essas aquisições foram de 85,5 mil toneladas, sendo 0,3 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Sobre as exportações, estas tiveram uma expansão, passando de 120,1 mil toneladas em maio de 2014 para 171,5 toneladas em maio de 2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15 obteve-se um superavit de 381,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a



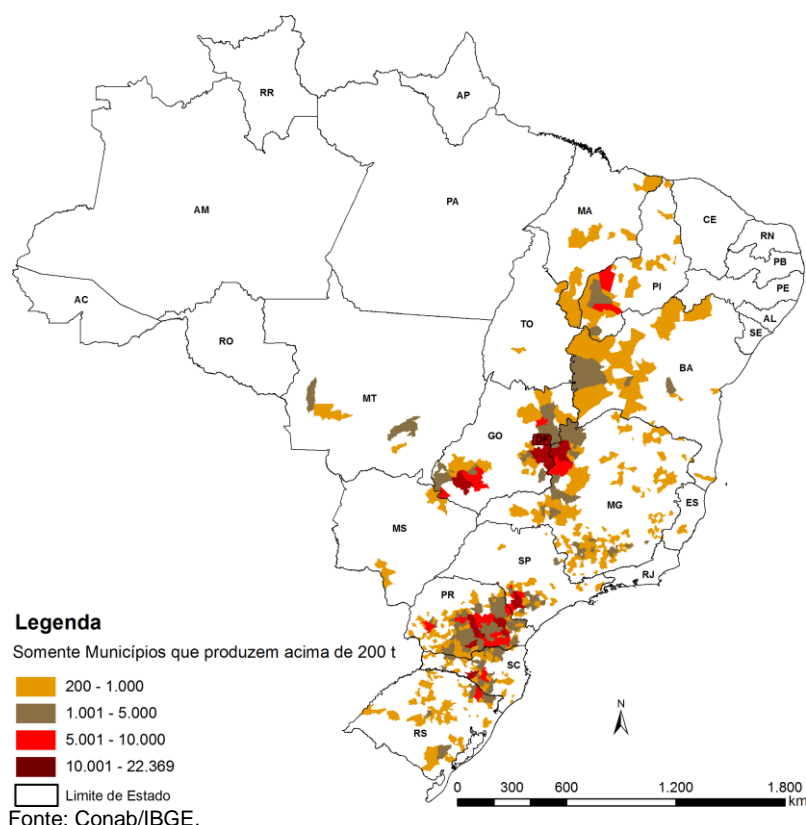
1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Para o período de negociação da safra 2014/15, de março de 2015 a fevereiro de 2016, são estimadas exportações de 1.250 mil toneladas e importações de 800 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz, a produção média deverá ser 3,1% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.499,9 mil toneladas em função da recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2014 fechou em 1082,1 mil toneladas em face do baixo volume apurado no levantamento de estoques privados (496,1 mil toneladas) e do reduzido estoque em poder do governo federal (586 mil toneladas). Para a comercialização da safra 2013/14 e 2014/15 o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um expressivo aumento do superavit em relação aos períodos anteriores, resultará em uma amena redução do estoque de passagem.

#### 10.1.4. Feijão

##### 10.1.4.1. Feijão primeira safra

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	C	C	C					P	P	
SC	P	P	C	C	C	C	C				P	
RS	P	P	C	C	C	C	C			P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,0</b>	<b>4,8</b>	<b>20,0</b>	<b>629</b>	<b>707</b>	<b>12,4</b>	<b>2,5</b>	<b>3,4</b>	<b>36,0</b>
TO	4,0	4,8	20,0	629	707	12,4	2,5	3,4	36,0
<b>NORDESTE</b>	<b>518,2</b>	<b>484,5</b>	<b>(6,5)</b>	<b>326</b>	<b>462</b>	<b>41,8</b>	<b>168,8</b>	<b>223,8</b>	<b>32,6</b>
MA	40,8	38,6	(5,3)	430	464	7,9	17,5	17,9	2,3
PI	209,0	211,3	1,1	242	356	47,1	50,6	75,2	48,6
BA	268,4	234,6	(12,6)	375	557	48,5	100,7	130,7	29,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>81,8</b>	<b>74,9</b>	<b>(8,4)</b>	<b>2.225</b>	<b>1.997</b>	<b>(10,3)</b>	<b>182,1</b>	<b>149,6</b>	<b>(17,8)</b>
MT	11,9	10,8	(9,4)	1.590	1.570	(1,3)	18,9	17,0	(10,1)
MS	2,1	0,7	(66,7)	930	2.000	115,1	2,0	1,4	(30,0)
GO	55,8	51,3	(8,0)	2.315	2.098	(9,4)	129,2	107,6	(16,7)
DF	12,0	12,1	0,8	2.665	1.949	(26,9)	32,0	23,6	(26,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>234,6</b>	<b>207,0</b>	<b>(11,8)</b>	<b>1.389</b>	<b>1.292</b>	<b>(7,0)</b>	<b>325,8</b>	<b>267,5</b>	<b>(17,9)</b>
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.033	(11,7)	209,2	164,4	(21,4)
ES	6,5	4,7	(27,7)	777	784	0,9	5,1	3,7	(27,5)
RJ	1,1	0,9	(18,2)	895	843	(5,8)	1,0	0,8	(20,0)
SP	48,2	42,3	(12,2)	2.293	2.331	1,7	110,5	98,6	(10,8)
<b>SUL</b>	<b>341,3</b>	<b>280,9</b>	<b>(17,7)</b>	<b>1.698</b>	<b>1.737</b>	<b>2,3</b>	<b>579,5</b>	<b>487,8</b>	<b>(15,8)</b>
PR	238,2	192,7	(19,1)	1.689	1.707	1,1	402,3	328,9	(18,2)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.950	8,3	111,6	102,8	(7,9)
RS	41,1	35,5	(13,6)	1.596	1.580	(1,0)	65,6	56,1	(14,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>522,2</b>	<b>489,3</b>	<b>(6,3)</b>	<b>328</b>	<b>464</b>	<b>41,6</b>	<b>171,3</b>	<b>227,2</b>	<b>32,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>657,7</b>	<b>562,8</b>	<b>(14,4)</b>	<b>1.653</b>	<b>1.608</b>	<b>(2,8)</b>	<b>1.087,4</b>	<b>904,9</b>	<b>(16,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.179,9</b>	<b>1.052,1</b>	<b>(10,8)</b>	<b>1.067</b>	<b>1.076</b>	<b>0,9</b>	<b>1.258,7</b>	<b>1.132,1</b>	<b>(10,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

### 10.1.4.2. Feijão segunda safra

A área está estimada para este décimo levantamento em 1,32 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 12,3% em relação à safra passada. A maior parte de sua produção encontra-se na Região Centro-Sul, assim como o feijão primeira safra. Considerando a safra 2014/15 este volume da região vem se mantendo em cerca de 85,7% da produção total. Destaque para o Paraná com 32%, Mato Grosso com 27%, e Minas Gerais com 13% da produção nacional da cultura.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está finalizada. A área plantada na segunda safra é de 209,9 mil hectares, 22,9% inferior à registrada no ano anterior. A previsão de produção é de 392,1 mil toneladas. A produtividade média está em torno de 1.868 kg/ha, apresentando um acréscimo de 26,6% em relação à safra anterior, tendo em vista que na safra anterior, houve excesso de chuvas na colheita, o que prejudicou a produtividade.

O Mato Grosso, com a terceira maior área de feijão segunda safra, devido, principalmente, pelo avanço do feijão caupi no estado, onde apresenta queda de 15,2% na área. A produção deverá ser a segunda maior com 328,1 mil toneladas. A cultura está em fase de colheita.

Em Goiás as chuvas foram suficientes para atender a cultura na fase de floração e formação de vagens, fases mais críticas quanto a necessidade de água. Foi relatado que a incidência de dias ensolarados alternados com chuvas, foram importantes para o bom desenvolvimento da cultura. Atualmente o feijão goiano encontra-se em fase de maturação e colheita.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
<b>Sudeste</b>												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

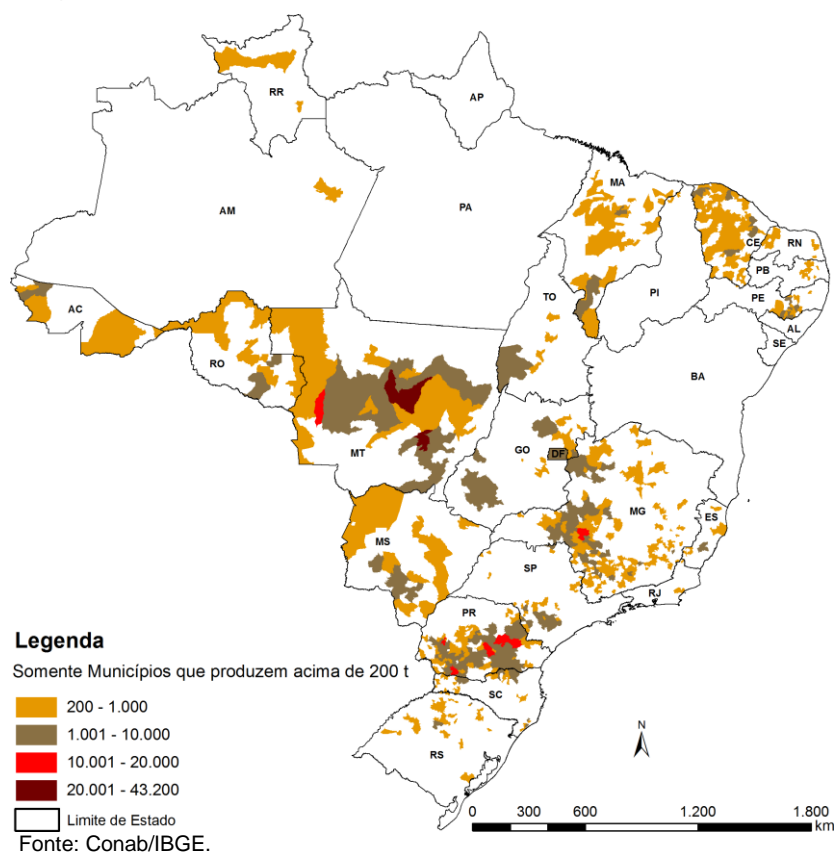
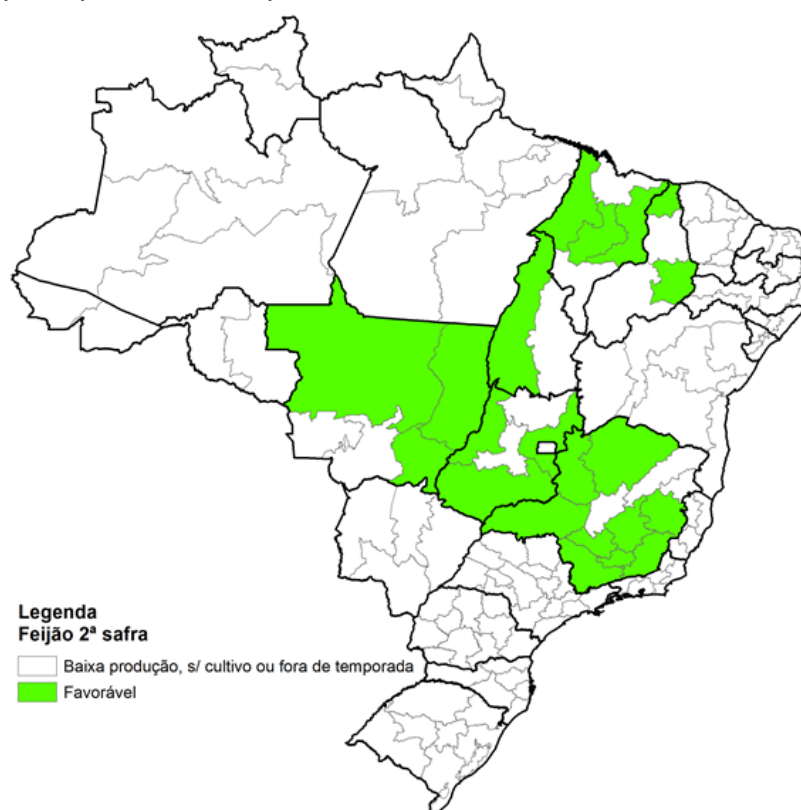


Figura 24 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Em Minas Gerais as estimativas apontam para uma redução de 12,2% na área a ser cultivada com feijão segunda safra, passando de 121,2 mil hectares na safra 2013/14, para 106,4 mil hectares na safra atual. Apesar dos bons preços de mercado, o oneroso e difícil controle da mosca branca tem sido uma das principais causas da retração da área de plantio. Em função disso, o vazio sanitário proíbe o plantio de feijão no período de 1º de janeiro a 30 de março em 28 municípios da região Noroeste de Minas, mas o problema com a mosca branca já se estendeu para outras regiões do estado, como Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. O plantio se estendeu de fevereiro a abril, e as lavouras encontram-se em diferentes estádios de desenvolvimento. Estimando-se uma produtividade média de 1.520 kg/ha e produção de 161,7 mil toneladas.

Tabela 16 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Feijão safra 2ª</b>			- todo estado de MG (C) - norte, nordeste e sudeste do MT (C) - leste, oeste e sul de GO (C) - norte e sudeste do PI (C) - oeste do TO (M/C) - oeste, leste e centro do MA (M/C)	

Legenda: \* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Nota: O período monitorado corresponde às condições hídricas para as fases do desenvolvimento no mês de junho. Não considera impactos ocorridos anteriormente por falta de chuva na Região Nordeste.

Fonte: Conab.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
<b>NORTE</b>	<b>66,8</b>	<b>50,6</b>	<b>(24,3)</b>	<b>750</b>	<b>793</b>	<b>5,8</b>	<b>50,0</b>	<b>40,1</b>	<b>(19,8)</b>
RR	2,7	2,7	-	711	711	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	19,1	(42,1)	722	761	5,4	23,8	14,5	(39,1)
AC	10,3	7,5	(27,0)	582	622	6,9	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	4,7	(11,3)	1.027	975	(5,1)	5,4	4,6	(14,8)
AP	1,3	1,3	-	902	920	2,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	15,3	7,7	825	864	4,7	11,7	13,2	12,8
<b>NORDESTE</b>	<b>700,2</b>	<b>660,0</b>	<b>(5,7)</b>	<b>326</b>	<b>205</b>	<b>(37,0)</b>	<b>228,5</b>	<b>135,5</b>	<b>(40,7)</b>
MA	52,0	46,9	(9,8)	549	559	1,8	28,5	26,2	(8,1)
PI	20,4	3,1	(84,8)	756	817	8,1	15,4	2,5	(83,8)
CE	393,8	393,8	-	309	175	(43,4)	121,7	68,9	(43,4)
RN	33,5	35,1	4,8	333	195	(41,4)	11,2	6,8	(39,3)
PB	76,9	50,6	(34,2)	277	135	(51,3)	21,3	6,8	(68,1)
PE	123,6	130,5	5,6	246	186	(24,4)	30,4	24,3	(20,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>269,3</b>	<b>229,1</b>	<b>(14,9)</b>	<b>1.405</b>	<b>1.663</b>	<b>18,3</b>	<b>378,5</b>	<b>380,9</b>	<b>0,6</b>
MT	234,9	199,2	(15,2)	1.358	1.647	21,3	319,0	328,1	2,9
MS	17,6	16,0	(9,1)	1.600	1.600	-	28,2	25,6	(9,2)
GO	15,9	13,2	(16,8)	1.857	1.957	5,4	29,5	25,8	(12,5)
DF	0,9	0,7	(22,2)	2.000	2.000	-	1,8	1,4	(22,2)
<b>SUDESTE</b>	<b>150,5</b>	<b>131,4</b>	<b>(12,7)</b>	<b>1.351</b>	<b>1.578</b>	<b>16,8</b>	<b>203,3</b>	<b>207,4</b>	<b>2,0</b>
MG	121,2	106,4	(12,2)	1.355	1.520	12,2	164,2	161,7	(1,5)
ES	8,8	8,4	(4,5)	813	1.120	37,8	7,2	9,4	30,6
RJ	1,6	1,0	(37,0)	951	950	(0,1)	1,5	1,0	(33,3)
SP	18,9	15,6	(17,5)	1.606	2.261	40,8	30,4	35,3	16,1
<b>SUL</b>	<b>319,6</b>	<b>250,4</b>	<b>(21,7)</b>	<b>1.475</b>	<b>1.849</b>	<b>25,3</b>	<b>471,5</b>	<b>463,1</b>	<b>(1,8)</b>
PR	272,3	209,9	(22,9)	1.475	1.868	26,6	401,6	392,1	(2,4)
SC	22,5	20,2	(10,2)	1.450	1.800	24,1	32,6	36,4	11,7
RS	24,8	20,3	(18,1)	1.503	1.703	13,3	37,3	34,6	(7,2)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>767,0</b>	<b>710,6</b>	<b>(7,4)</b>	<b>363</b>	<b>247</b>	<b>(31,9)</b>	<b>278,5</b>	<b>175,6</b>	<b>(36,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>739,4</b>	<b>610,9</b>	<b>(17,4)</b>	<b>1.425</b>	<b>1.721</b>	<b>20,8</b>	<b>1.053,3</b>	<b>1.051,4</b>	<b>(0,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.506,4</b>	<b>1.321,5</b>	<b>(12,3)</b>	<b>884</b>	<b>929</b>	<b>5,0</b>	<b>1.331,8</b>	<b>1.227,0</b>	<b>(7,9)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

### 10.1.4.3. Feijão terceira safra

O feijão terceira safra deverá apresentar uma área de produção 11,1% inferior à cultivada na última temporada, conforme indica os números apresentados. Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia e Goiás são os estados mais representativos nesta oferta do feijão da terceira safra.

Em Minas Gerais a expectativa inicial de que os bons preços de mercado pudessem contribuir para estimular o plantio do feijão de terceira safra, suplantando assim o receio pelo risco e alto custo de controle de pragas e doenças da cultura, notadamente a mosca branca, não se confirmou no presente levantamento. Até o momento não existem informações consistentes para estimar a área de cultivo do feijão terceira safra, visto que grande parte dos produtores ainda não definiu sua intenção de plantio, lembrando que tal decisão pode ocorrer ainda em julho, os números até aqui obtidos apontam para uma redução de área em torno de 5,4% em relação à safra passada. Por outro lado, com a expectativa de aumento em torno de 5,5%, a produtividade média deve alcançar 2.500 kg/ha, o que leva a projeção de uma produção de 201 mil toneladas, praticamente o mesmo volume obtido na safra anterior. Registra-se, entretanto, que o clima encontra-se extremamente favorável ao desenvolvimento da lavoura.

Em Mato Grosso, segundo fornecedor do feijão terceira safra, a área apresenta uma redução de 24,1% e a produção deve alcançar 154,3 mil toneladas. Com o feijão caupi predominando na segunda safra, nesta terceira, as variedades mais cultivadas são de feijão cores. O plantio ocorreu em maio e junho em áreas irrigadas, principalmente nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde.

Em Goiás as maiores áreas irrigadas encontram-se nos municípios de Cristalina, Luziânia e Jussara, onde predominam o cultivo e o fornecimento do feijão de terceira safra. Algumas áreas já iniciaram o plantio, que acontece entre maio e junho, predominando o feijão cores. Estas áreas plantadas encontram-se em desenvolvimento vegetativo, onde, até o presente momento, foi constatado ataques de mosca-branca.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>30,9</b>	<b>42,2</b>	<b>36,6</b>	<b>809</b>	<b>736</b>	<b>(9,1)</b>	<b>25,0</b>	<b>31,0</b>	<b>24,0</b>
PA	28,0	40,3	43,9	760	713	(6,2)	21,3	28,7	34,7
TO	2,9	1,9	(35,9)	1.281	1.215	(5,2)	3,7	2,3	(37,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>423,5</b>	<b>363,8</b>	<b>(14,1)</b>	<b>654</b>	<b>686</b>	<b>4,9</b>	<b>276,8</b>	<b>249,5</b>	<b>(9,9)</b>
CE	10,3	7,8	(24,0)	1.054	1.109	5,2	10,9	8,7	(20,2)
PE	122,1	42,6	(65,1)	467	461	(1,3)	57,0	19,6	(65,6)
AL	47,0	33,6	(28,5)	458	520	13,5	21,5	17,5	(18,6)
SE	31,5	31,5	-	746	785	5,2	23,5	24,7	5,1
BA	212,6	248,3	16,8	771	721	(6,5)	163,9	179,0	9,2
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,9</b>	<b>96,3</b>	<b>(17,6)</b>	<b>2.672</b>	<b>2.758</b>	<b>3,2</b>	<b>312,4</b>	<b>265,7</b>	<b>(14,9)</b>
MT	76,8	58,3	(24,1)	2.566	2.646	3,1	197,1	154,3	(21,7)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,4	(0,3)	2.868	2.930	2,2	104,7	106,7	1,9
DF	3,2	1,2	(62,5)	3.159	3.428	8,5	10,1	4,1	(59,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>103,1</b>	<b>96,4</b>	<b>(6,5)</b>	<b>2.368</b>	<b>2.490</b>	<b>5,2</b>	<b>244,2</b>	<b>240,1</b>	<b>(1,7)</b>
MG	85,0	80,4	(5,4)	2.370	2.500	5,5	201,5	201,0	(0,2)
SP	18,1	16,0	(11,6)	2.359	2.441	3,5	42,7	39,1	(8,4)
<b>SUL</b>	<b>4,9</b>	<b>5,2</b>	<b>6,1</b>	<b>1.013</b>	<b>1.173</b>	<b>15,8</b>	<b>5,0</b>	<b>6,1</b>	<b>22,0</b>
PR	4,9	5,2	6,1	1.013	1.173	15,8	5,0	6,1	22,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>454,4</b>	<b>406,0</b>	<b>(10,7)</b>	<b>664</b>	<b>691</b>	<b>4,0</b>	<b>301,8</b>	<b>280,5</b>	<b>(7,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>224,9</b>	<b>197,9</b>	<b>(12,0)</b>	<b>2.497</b>	<b>2.586</b>	<b>3,6</b>	<b>561,6</b>	<b>511,9</b>	<b>(8,8)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>679,3</b>	<b>603,9</b>	<b>(11,1)</b>	<b>1.271</b>	<b>1.312</b>	<b>3,2</b>	<b>863,4</b>	<b>792,4</b>	<b>(8,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

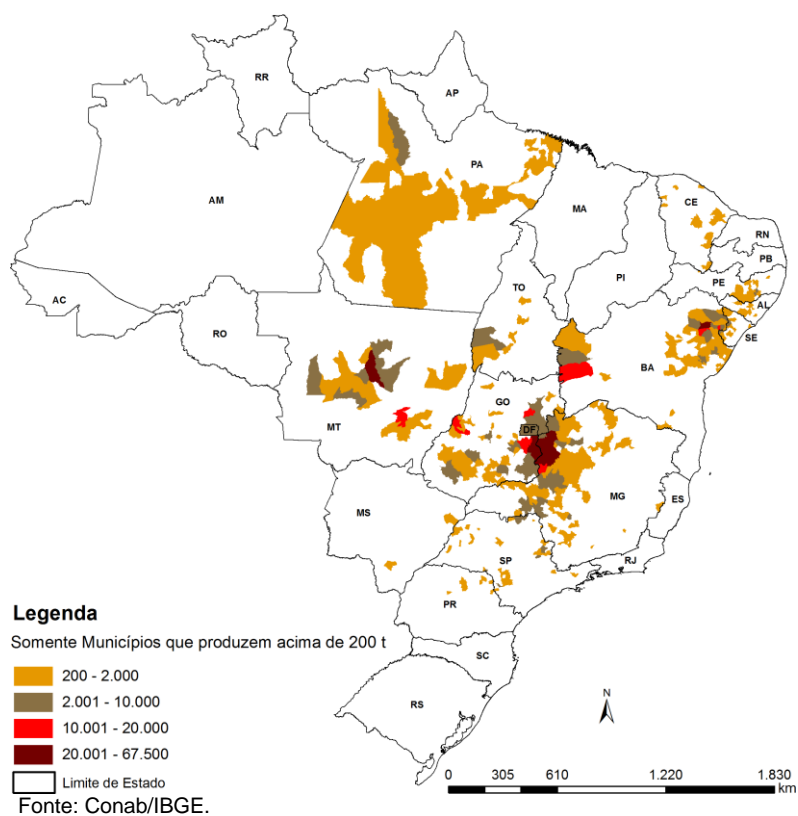
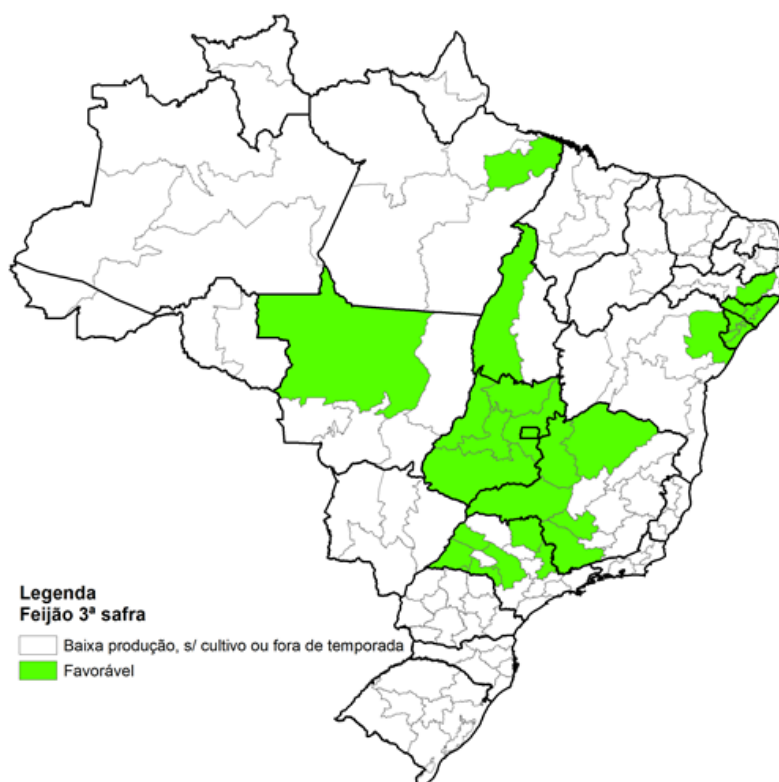


Figura 26 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Na Bahia, grande produtor do feijão macaçar, o plantio se concentra na região nordeste do estado, sendo cultivadas em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. Já a produção do feijão cores está concentrada na região nordeste do estado e de Irecê, sendo realizados por pequenos produtores, principalmente agricultura familiar, com uso de baixo nível tecnológico, obtendo assim, baixa produtividade. A perspectiva é que a área de cultivo no estado aumente em 16,8%, passando de 212,6 para 248,3 mil hectares.

Tabela 19 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Feijão safra</b>	- nordeste do PA (FR) - oeste do TO - irrigado (DV/F) - Agreste de PE (FR/M) - todo estado de SE (FR) - todo estado de AL (FR) - nordeste da BA (FR) - norte, oeste e sul de MG - irrigado (FR/M) - norte, sul, centro e oeste de SP - irrigado (F) - norte do MT - irrigado (F/FR) - todo estado de GO - irrigado (DV/F) - DF - irrigado (DV/F)			

Legenda:\* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
<b>Nordeste</b>												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
<b>Sudeste</b>												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR						P	P	P	C	C	C	

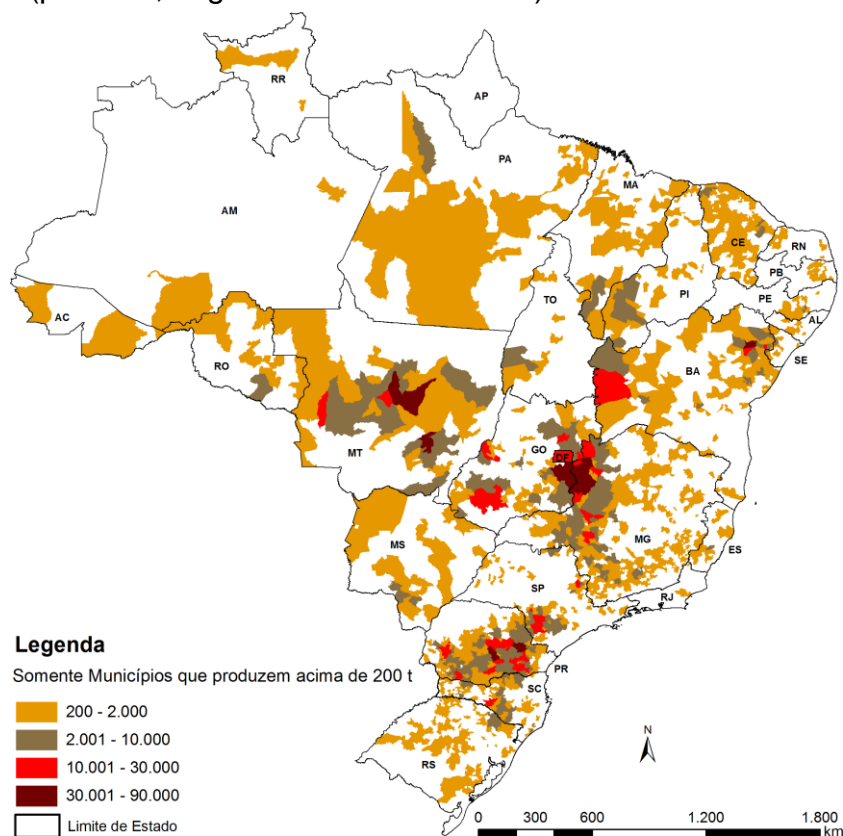
Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

#### 10.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras estima-se para esse décimo acompanhamento que a área total de feijão poderá chegar a 2.977,3 mil hectares, menor em 11,5% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.151,2 mil toneladas, 8,8% menor que a última temporada.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>101,7</b>	<b>97,6</b>	<b>(4,0)</b>	<b>763</b>	<b>764</b>	<b>0,1</b>	<b>77,5</b>	<b>74,5</b>	<b>(3,9)</b>
RR	2,7	2,7	-	704	704	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	19,1	(42,1)	721	759	5,3	23,8	14,5	(39,1)
AC	10,3	7,5	(27,2)	583	627	7,6	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	4,7	(11,3)	1.019	979	(3,9)	5,4	4,6	(14,8)
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	40,3	43,9	761	712	(6,4)	21,3	28,7	34,7
TO	21,1	22,0	4,3	848	859	1,3	17,9	18,9	5,6
<b>NORDESTE</b>	<b>1.641,9</b>	<b>1.508,3</b>	<b>(8,1)</b>	<b>411</b>	<b>404</b>	<b>(1,7)</b>	<b>674,1</b>	<b>608,9</b>	<b>(9,7)</b>
MA	92,8	85,5	(7,9)	497	516	3,8	46,1	44,1	(4,3)
PI	229,4	214,4	(6,5)	288	363	26,1	66,0	77,8	17,9
CE	404,1	401,6	(0,6)	328	193	(41,1)	132,5	77,6	(41,4)
RN	33,5	35,1	4,8	334	194	(42,1)	11,2	6,8	(39,3)
PB	76,9	50,6	(34,2)	277	134	(51,5)	21,3	6,8	(68,1)
PE	245,7	173,1	(29,5)	356	254	(28,7)	87,4	43,9	(49,8)
AL	47,0	33,6	(28,5)	457	521	13,9	21,5	17,5	(18,6)
SE	31,5	31,5	-	746	784	5,1	23,5	24,7	5,1
BA	481,0	482,9	0,4	550	641	16,6	264,6	309,7	17,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>468,0</b>	<b>400,3</b>	<b>(14,5)</b>	<b>1.865</b>	<b>1.989</b>	<b>6,6</b>	<b>872,9</b>	<b>796,1</b>	<b>(8,8)</b>
MT	323,6	268,3	(17,1)	1.653	1.861	12,6	535,0	499,3	(6,7)
MS	20,1	17,1	(14,9)	1.522	1.614	6,0	30,6	27,6	(9,8)
GO	108,2	100,9	(6,7)	2.434	2.380	(2,3)	263,4	240,1	(8,8)
DF	16,1	14,0	(13,0)	2.727	2.079	(23,8)	43,9	29,1	(33,7)
<b>SUDESTE</b>	<b>488,2</b>	<b>434,8</b>	<b>(10,9)</b>	<b>1.584</b>	<b>1.644</b>	<b>3,8</b>	<b>773,2</b>	<b>714,8</b>	<b>(7,6)</b>
MG	385,0	345,9	(10,2)	1.493	1.524	2,0	574,9	527,1	(8,3)
ES	15,3	13,1	(14,4)	797	1.000	25,4	12,2	13,1	7,4
RJ	2,7	1,9	(29,6)	926	895	(3,4)	2,5	1,7	(32,0)
SP	85,2	73,9	(13,3)	2.155	2.340	8,6	183,6	172,9	(5,8)
<b>SUL</b>	<b>665,8</b>	<b>536,5</b>	<b>(19,4)</b>	<b>1.586</b>	<b>1.784</b>	<b>12,5</b>	<b>1.056,0</b>	<b>956,9</b>	<b>(9,4)</b>
PR	515,4	407,8	(20,9)	1.569	1.783	13,6	808,9	727,1	(10,1)
SC	84,5	72,9	(13,7)	1.707	1.908	11,8	144,2	139,1	(3,5)
RS	65,9	55,8	(15,3)	1.561	1.625	4,1	102,9	90,7	(11,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.743,6</b>	<b>1.605,9</b>	<b>(7,9)</b>	<b>431</b>	<b>426</b>	<b>(1,3)</b>	<b>751,6</b>	<b>683,4</b>	<b>(9,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.622,0</b>	<b>1.371,6</b>	<b>(15,4)</b>	<b>1.666</b>	<b>1.799</b>	<b>8,0</b>	<b>2.702,1</b>	<b>2.467,8</b>	<b>(8,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.365,6</b>	<b>2.977,5</b>	<b>(11,5)</b>	<b>1.026</b>	<b>1.058</b>	<b>3,1</b>	<b>3.453,7</b>	<b>3.151,2</b>	<b>(8,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

#### 10.1.4.5. Oferta e demanda

A segunda safra está chegando ao fim e a terceira safra começou sua colheita em pequenas quantidades, devendo ser intensificada a partir da segunda quinzena de julho. O mercado segue firme para o feijão carioca com um ritmo mais intenso nas vendas, em função do quadro de oferta bem ajustado, da frustração da safra nordestina e da escassez de mercadoria de boa qualidade. Já para o feijão comum preto, apesar da colheita finalizada, as cotações vêm recuando devido à expectativa de uma safra “cheia” na Argentina. No Paraná o produtor está recebendo, em média R\$ 123 e R\$ 88, respectivamente, pela saca do carioca e preto.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.

Para a presente temporada, tomando os dados de produção estimados em 3.151,2 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 303,9 mil toneladas (dos quais 45 mil toneladas são estoques públicos), o consumo poderá ficar em torno do registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações deverão ser de 130 mil toneladas e as exportações de 65 mil toneladas, resultando em um estoque de passagem da ordem de 170,1 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

#### **10.1.5. Girassol**

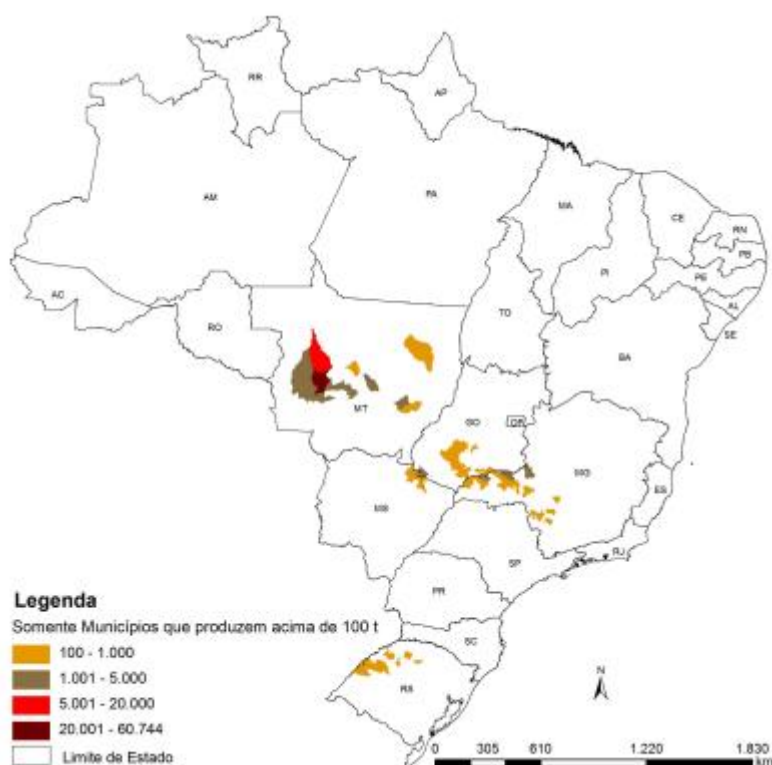
No Mato Grosso deverá haver uma redução de 44,5% na produção da safra 2014/15, devendo atingir 112,8 mil toneladas. A área está estimada em 73,8 mil hectares, uma redução de 41,5% em relação à safra passada, que foi de 126,2 mil hectares. Entre os motivos que levaram o produtor a tomar essa decisão estão os custos elevados com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pelas indústrias, fez com que a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrassem para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas.

Na produtividade a estimativa é de queda de 5,2%, reflexo de pouca tecnologia e tratamentos culturais diferenciados de culturas tradicionais como soja, milho e algodão, obtidas pelos produtores no cultivo do girassol. Apesar disso, sabe-se do empenho dos produtores em difundir o conhecimento que alcançaram entre os demais que têm investido no cultivo desta cultura. Se confirmado, a produção deve corresponder a 78% da produção brasileira. O plantio se concentra em fevereiro (39,1%) e março (60,9%), com a colheita programada de junho a agosto.

Em Goiás também houve redução na área plantada em 5% em relação à safra anterior, uma vez que a cultura depende de contrato firmado com empresa que produz óleo de girassol. As áreas plantadas no estado encontram-se em maturação, com colheita prevista para alguns municípios a partir de 1º de julho. Trata-se de cultivo destinado à produção de óleo para a indústria, localizada em Goiás. Algumas pequenas áreas são destinadas à produção de ração para pássaros.

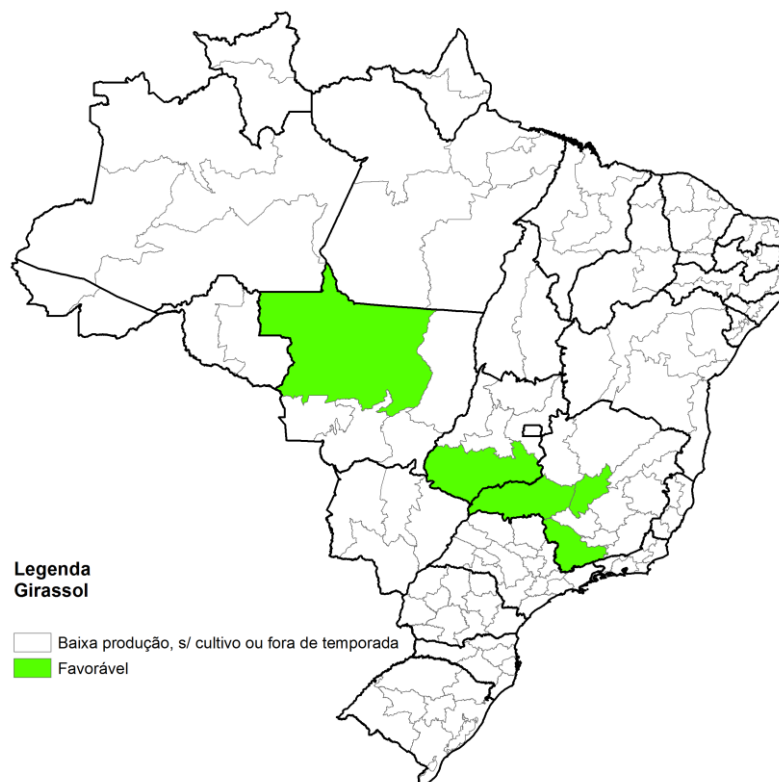
Em Minas Gerais os levantamentos apontam para um acréscimo de 17,7% na área cultivada com girassol, passando de 11,3 mil hectares para 13,3 mil hectares na safra atual. O aumento na área de plantio ocorreu na região do Triângulo Mineiro. Estima-se uma produtividade de 1.730 kg/ha, e a produção poderá atingir 23,0 mil toneladas. As condições climáticas vêm se mantendo favoráveis até a presente data. As lavouras encontram-se nas fases de floração, de frutificação e de maturação. A colheita está prevista para julho/agosto, mas há registro de uma pequena parcela colhida no Triângulo Mineiro.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 21 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Girassol</b>			- norte do MT (M/C) - sul de GO (M/C) - Triângulo, centro e sul de MG (M/C)	

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>131,1</b>	<b>78,2</b>	<b>(40,4)</b>	<b>1.617</b>	<b>1.529</b>	<b>(5,5)</b>	<b>212,0</b>	<b>119,6</b>	<b>(43,6)</b>
MT	126,2	73,8	(41,5)	1.611	1.528	(5,2)	203,3	112,8	(44,5)
MS	0,7	0,4	(43,0)	1.544	1.500	(2,8)	1,1	0,6	(45,5)
GO	4,2	4,0	(5,0)	1.815	1.548	(14,7)	7,6	6,2	(18,4)
<b>SUDESTE</b>	<b>11,3</b>	<b>13,3</b>	<b>17,7</b>	<b>1.378</b>	<b>1.730</b>	<b>25,5</b>	<b>15,6</b>	<b>23,0</b>	<b>47,4</b>
MG	11,3	13,3	17,7	1.378	1.730	25,5	15,6	23,0	47,4
<b>SUL</b>	<b>3,3</b>	<b>1,2</b>	<b>(63,6)</b>	<b>1.557</b>	<b>1.617</b>	<b>3,9</b>	<b>5,1</b>	<b>1,9</b>	<b>(62,7)</b>
RS	3,3	1,2	(63,6)	1.535	1.617	5,3	5,1	1,9	(62,7)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>145,7</b>	<b>92,7</b>	<b>(36,4)</b>	<b>1.597</b>	<b>1.559</b>	<b>(2,4)</b>	<b>232,7</b>	<b>144,5</b>	<b>(37,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>145,7</b>	<b>92,7</b>	<b>(36,4)</b>	<b>1.597</b>	<b>1.559</b>	<b>(2,4)</b>	<b>232,7</b>	<b>144,5</b>	<b>(37,9)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>CENTRO-OESTE</b>												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
<b>SUDESTE</b>												
MG						P	P			C	C	
<b>SUL</b>												
RS	P		C	C	C						P	P
<b>NORTE/NORDESTE</b>												
<b>CENTRO-SUL</b>												
<b>BRASIL</b>												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

#### 10.1.6. Mamona

Os estados que mais participam com a produção da mamona são: Bahia e Ceará, com aproximadamente 98% da produção brasileira.

A Bahia se destaca de forma isolada, participando com cerca de 85% dos 86,9 mil hectares previstos para serem plantados nesta temporada. Houve uma redução de 9,5% na área em relação à safra anterior, podendo ser atribuída aos custos de logística para comercialização, resultando em desestímulo deste cultivo pelo pequeno produtor. Estima-se que a produtividade fique em torno de 651 kg/ha, tendo um aumento de 39,1% em relação à safra anterior. Este aumento de produtividade se deve às boas condições climáticas na região.

Na região de Irecê, principal polo de produção do estado, a área plantada foi um pouco abaixo do previsto devido aos mesmos problemas citados anteriormente. Os preços estão em queda e os compradores locais receosos em comprar o produto devido às oscilações do mercado.

No Ceará, segundo maior produtor, a mamona aparece com uma área de 9,9 mil hectares, 11,5% menor que a safra anterior, com produção de 2,8 mil toneladas, com redução de 12,5% em relação à safra 2013/14. A expectativa é de que a produtividade seja semelhante a safra anterior, em 284 kg/ha.

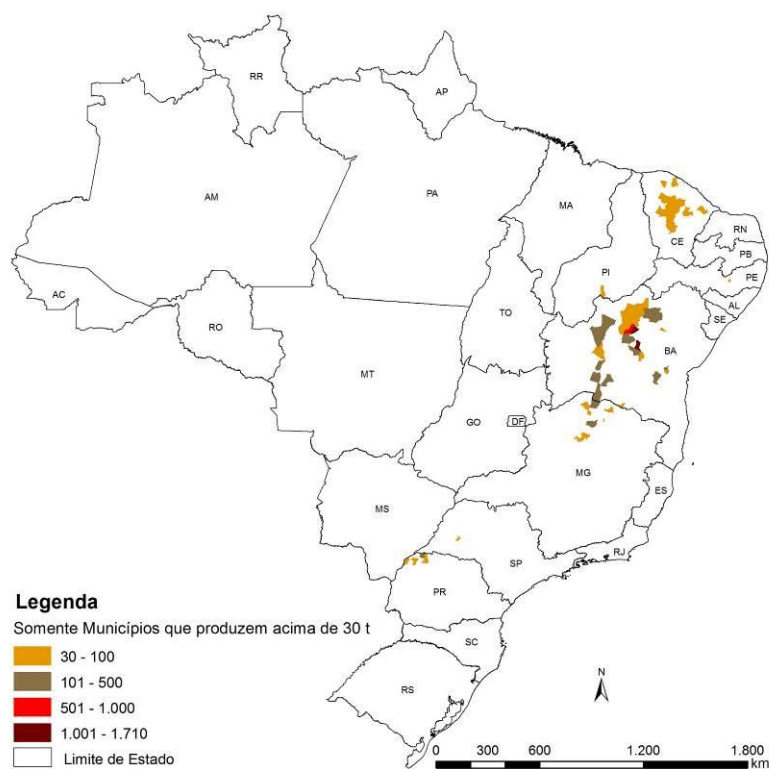
As áreas de cultivo da mamona apresentam-se nos seguintes estádio fenológicos: 1% em floração, 76% em frutificação, 22% em maturação e 1% já colhida.

Dentre os fatores que afetaram negativamente a produção, a escassez de chuvas é o fator mais limitante desta safra, não só devido ao baixo volume de precipitação como também à má distribuição geográfica destas, causando veranicos em muitos municípios do interior do estado. O estádio crítico para a ocorrência do estresse hídrico é o reprodutivo (fases fenológicas de floração e frutificação). Como estas fases ocorreram de abril a junho, que foram os meses de menor precipitação em relação à normal para o mesmo período, o desenvolvimento de flores e frutos ficou comprometido, levando à diminuição do rendimento da cultura.

No Centro-Sul o plantio ocorreu nesta safra apenas em Minas Gerais. O plantio da mamona está estimado em 0,8 mil hectares, representando decréscimo de 66,7% na área em relação à safra anterior. A produtividade está 32% inferior à safra passada, em razão de mais um ano de acentuada escassez de chuvas. Devido a este fato, a produção prevista para o estado é de 0,2 mil toneladas. As lavouras encontram-se em fase final de colheita. Nos municípios que encerraram a colheita, os produtores aguardam compradores ou ainda uma melhora do preço para a venda do produto. A Petrobrás propôs aos produtores adquirir o produto por R\$ 83,50/sc de 60 quilos, no entanto, até o momento não houve relato de comercialização na região.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Nordeste</b>												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
<b>Sudeste</b>												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
<b>Sul</b>												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>98,6</b>	<b>86,1</b>	<b>(12,7)</b>	<b>439</b>	<b>603</b>	<b>37,3</b>	<b>43,3</b>	<b>51,9</b>	<b>19,9</b>
PI	0,7	0,6	(18,0)	300	506	68,7	0,2	0,3	50,0
CE	11,2	9,9	(11,5)	284	284	-	3,2	2,8	(12,5)
PE	4,9	1,6	(67,3)	334	400	19,8	1,6	0,6	(62,5)
BA	81,8	74,0	(9,5)	468	651	39,1	38,3	48,2	25,8
<b>SUDESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>0,8</b>	<b>(68,0)</b>	<b>506</b>	<b>306</b>	<b>(39,5)</b>	<b>1,3</b>	<b>0,2</b>	<b>(84,6)</b>
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	306	(32,0)	1,1	0,2	(81,8)
SP	0,1	-	(100,0)	1.848	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
<b>SUL</b>	<b>0,2</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>622</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>(100,0)</b>
PR	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>98,6</b>	<b>86,1</b>	<b>(12,7)</b>	<b>439</b>	<b>603</b>	<b>37,3</b>	<b>43,3</b>	<b>51,9</b>	<b>19,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,7</b>	<b>0,8</b>	<b>(70,4)</b>	<b>515</b>	<b>306</b>	<b>(40,5)</b>	<b>1,4</b>	<b>0,2</b>	<b>(85,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>101,3</b>	<b>86,9</b>	<b>(14,2)</b>	<b>441</b>	<b>600</b>	<b>36,1</b>	<b>44,7</b>	<b>52,1</b>	<b>16,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

### 10.1.7. Milho

#### 10.1.7.1. Milho primeira safra

Na temporada 2014/15 a produção de milho primeira safra no Brasil totalizou 30.262,9 mil toneladas, representando um decréscimo de 4,4% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Sul, Sudeste e MATOPIBA representaram as maiores participações nacionais contribuindo com 46%, 26% e 15%, respectivamente, da produção nacional.

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, a colheita foi concluída com produtividade média de 6.560 kg/ha, gerando uma produção de 6.176,2 mil toneladas, colhidas em 941,5 mil hectares. Apesar do bom comportamento do clima e da produção, é esperada uma redução na área cultivada com milho para a próxima safra que começará a ser semeada em agosto. As razões da redução são o aumento do custo de produção e os baixos preços do milho no mercado. Embora a produção do estado se encontre no limite para atender a demanda do consumo interno, a complementação deverá ocorrer com a entrada de milho produzido no Mato Grosso e Paraná, principalmente.

No Paraná foi estimada a área da primeira safra em 542,5 mil hectares, cerca de 18,4% menor do que a cultivada na safra anterior, e a produção em 4.689,9 milhões de toneladas – 13,6% inferior à colhida na safra 2013/14. A cultura perdeu novamente área para a soja, que apresenta melhor rentabilidade para o produtor.

Em Santa Catarina as áreas remanescentes com a lavoura ainda devem ser colhidas nos próximos dias, tendo como destino o consumo da propriedade, para alimentação animal. A comercialização segue de acordo com a necessidade do produtor em fazer caixa para saldar seus compromissos, realizar investimentos na propriedade e promover a aquisição de insumos para a safra de inverno e verão. Os preços estáveis nas últimas semanas, ao redor de R\$ 22,00 a saca, refletem o aumento da oferta do produto colhido na Região Centro Oeste. As estimativas iniciais apontam nova redução da área para a próxima safra, resultado, entre outros, do menor retorno financeiro e aumento dos custos de produção em relação a outras culturas, como a soja.

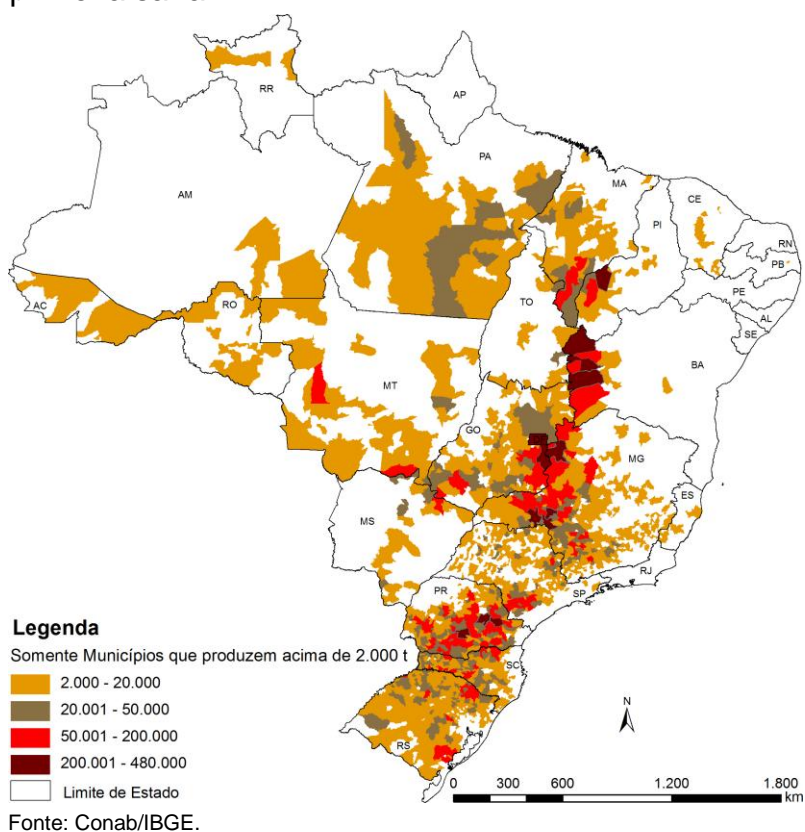
Na Região Sudeste as condições climáticas predominantes, a partir de fevereiro, foram responsáveis pela boa recuperação das lavouras, possibilitando um incremento na produtividade de 5,1% em relação à safra passada. Em Minas Gerais, segundo produtor nacional, projeta-se redução de 6,9% na área de plantio de milho primeira safra, que deve ficar em torno de 1.022,4 mil hectares. Esta redução de área se deve a fatores como atraso do período chuvoso, maior competitividade e liquidez da cultura de soja e à expectativa pouco otimista de mercado futuro projetado para o milho, em razão dos elevados estoques mundiais.

Desta forma, por ocasião do plantio, muitos produtores optaram pela soja, ampliando o plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o plantio de uma maior área de milho safrinha na sequência da oleaginosa. Além disso, houve ajuste de área com redução de 4.000 hectares na região do Triângulo Mineiro e de 1.430 hectares no Norte de Minas. A produtividade média do milho está agora estimada em 5.350 kg/ha, superior à safra passada em 2,3%. Com a colheita praticamente concluída estima-se que a produção deverá atingir 5.469,8 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste as chuvas no primeiro trimestre trouxeram vários inconvenientes para os produtores durante a colheita, causando comprometimentos em termos de qualidade do cereal colhido.

Em Goiás, principal produtor regional, apesar da irregularidade das chuvas, as lavouras mantiveram bom aspecto fitossanitário e a colheita não foi comprometida. A cultura já se encontra finalizada e os níveis de produtividades foram mantidos em relação ao verificado no ano passado.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Na região do MATOPIBA as chuvas observadas em fevereiro contribuíram para a recuperação das lavouras, exceto aquelas situadas no oeste da Bahia. Houve uma redução de 6% na área estadual, ficando em aproximadamente 511,8 mil hectares. Na região de Barreiras, que representa 43% da área do milho primeiro safra, verificou-se na colheita um pequeno percentual de grãos ardidos, provocados por ataque de fungos, em função das intensas chuvas em abril. Estima-se uma pequena redução na produtividade baiana em relação à safra passada, reflexo do veranico de janeiro e da incidência de pragas citadas anteriormente, que deverá redundar na queda de 6,9% na produção estadual.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>361,9</b>	<b>378,0</b>	<b>4,4</b>	<b>2.845</b>	<b>3.279</b>	<b>15,3</b>	<b>1.029,4</b>	<b>1.239,4</b>	<b>20,4</b>
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	60,9	35,2	(42,2)	2.035	2.205	8,4	123,9	77,6	(37,4)
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.531	(3,7)	28,9	27,8	(3,8)
AP	2,2	1,9	(13,6)	921	927	0,7	2,0	1,8	(10,0)
PA	184,1	218,1	18,5	2.916	3.230	10,8	536,8	704,5	31,2
TO	51,0	64,3	26,0	4.378	4.914	12,2	223,3	316,0	41,5
<b>NORDESTE</b>	<b>2.113,3</b>	<b>1.993,4</b>	<b>(5,7)</b>	<b>2.248</b>	<b>2.232</b>	<b>(0,7)</b>	<b>4.750,0</b>	<b>4.449,1</b>	<b>(6,3)</b>
MA	379,0	350,6	(7,5)	2.266	2.749	21,3	858,8	963,8	12,2
PI	371,6	380,5	2,4	2.321	2.493	7,4	862,5	948,6	10,0
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	35,2	8,6	633	402	(36,5)	20,5	14,2	(30,7)
PB	76,6	54,3	(29,1)	462	237	(48,7)	35,4	12,9	(63,6)
PE	228,6	180,4	(21,1)	411	291	(29,2)	94,0	52,5	(44,1)
BA	544,5	511,8	(6,0)	4.550	4.505	(1,0)	2.477,5	2.305,7	(6,9)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>422,2</b>	<b>361,6</b>	<b>(14,4)</b>	<b>7.544</b>	<b>7.492</b>	<b>(0,7)</b>	<b>3.184,9</b>	<b>2.709,1</b>	<b>(14,9)</b>
MT	68,0	63,6	(6,4)	6.209	7.205	16,0	422,2	458,2	8,5
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.500	1,8	225,5	174,3	(22,7)
GO	288,2	250,7	(13,0)	7.500	7.500	-	2.161,5	1.880,3	(13,0)
DF	39,0	26,8	(31,3)	9.634	7.326	(24,0)	375,7	196,3	(47,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>1.552,0</b>	<b>1.430,5</b>	<b>(7,8)</b>	<b>5.194</b>	<b>5.460</b>	<b>5,1</b>	<b>8.060,9</b>	<b>7.810,1</b>	<b>(3,1)</b>
MG	1.098,0	1.022,4	(6,9)	5.230	5.350	2,3	5.742,5	5.469,8	(4,7)
ES	22,3	13,5	(39,5)	2.711	1.793	(33,9)	60,5	24,2	(60,0)
RJ	4,4	2,0	(54,5)	2.332	2.058	(11,7)	10,3	4,1	(60,2)
SP	427,3	392,6	(8,1)	5.260	5.889	12,0	2.247,6	2.312,0	2,9
<b>SUL</b>	<b>2.168,3</b>	<b>1.895,5</b>	<b>(12,6)</b>	<b>6.746</b>	<b>7.415</b>	<b>9,9</b>	<b>14.627,4</b>	<b>14.055,2</b>	<b>(3,9)</b>
PR	665,2	542,5	(18,4)	8.156	8.645	6,0	5.425,4	4.689,9	(13,6)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,5	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.176,2	8,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.475,2</b>	<b>2.371,4</b>	<b>(4,2)</b>	<b>2.335</b>	<b>2.399</b>	<b>2,7</b>	<b>5.779,4</b>	<b>5.688,5</b>	<b>(1,6)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>4.142,5</b>	<b>3.687,6</b>	<b>(11,0)</b>	<b>6.246</b>	<b>6.664</b>	<b>6,7</b>	<b>25.873,2</b>	<b>24.574,4</b>	<b>(5,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>6.617,7</b>	<b>6.059,0</b>	<b>(8,4)</b>	<b>4.783</b>	<b>4.995</b>	<b>4,4</b>	<b>31.652,6</b>	<b>30.262,9</b>	<b>(4,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

No Maranhão as lavouras de milho, cultivadas normalmente no início do período chuvoso, não tiveram seu desenvolvimento comprometido. Não ficaram evidenciadas perdas significativas, quer em função das condições climáticas adversas, quer em função da incidência de pragas e/ou doenças. O produto encontra-se entre a maturação e colheita, estimando-se que a colheita deverá ser concluída no próximo mês.

Em Tocantins a colheita está praticamente finalizada. As áreas que ainda não foram colhidas, representadas basicamente pelo segmento da agricultura familiar, são colhidas conforme a necessidade, pois o agricultor não tem onde armazenar, deixando o produto na lavoura. Destaque para o município de Campos Lindos, que utiliza alta tecnologia e alcançou uma produtividade quase três vezes a média das regiões produtoras do estado.

No Piauí a cultura encontra-se nas fases de pré-colheita e colheita. Seu plantio iniciou-se em dezembro (50%) estendendo-se para o mês de janeiro. O início da colheita ocorreu na primeira quinzena de maio e deverá se estender até julho. O rendimento esperado para a região do cerrado piauiense (segmento empresarial) deverá ser de 7.800 kg/ha. Considerando todo o estado o rendimento deverá ficar em torno de 2.493 kg/ha, que representou um acréscimo de 7,4% em relação à safra passada.

Essas informações consolidadas geram uma produção nacional para a primeira safra de 30.262,9 mil toneladas, representando uma redução de 4,4% em relação ao verificado no exercício passado - 31.652,6 mil toneladas.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/08 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/08		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P		P/C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.  
Fonte: Conab.

### 10.1.7.2. Milho segunda safra

Na Região Centro-Oeste, maior produtora do cereal de segunda safra, a área plantada nesta temporada apresentou um incremento de 3,9% em relação à verificada na passada – 5.780 mil hectares. O bom regime de chuvas trouxe boas expectativas para os produtores, confirmada pela colheita que iniciou-se na maioria dos estados produtores.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

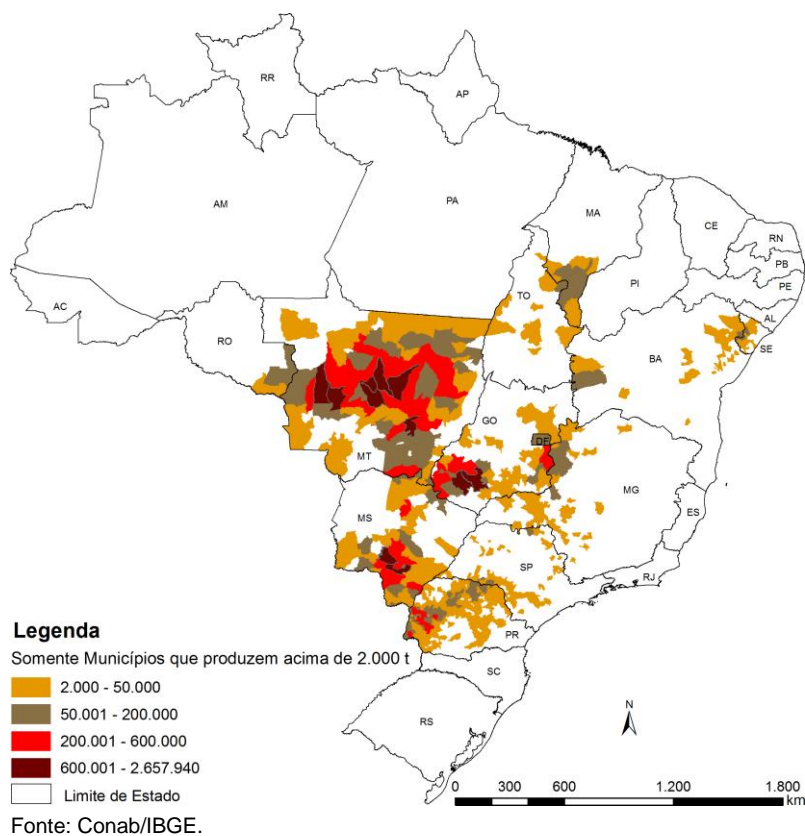
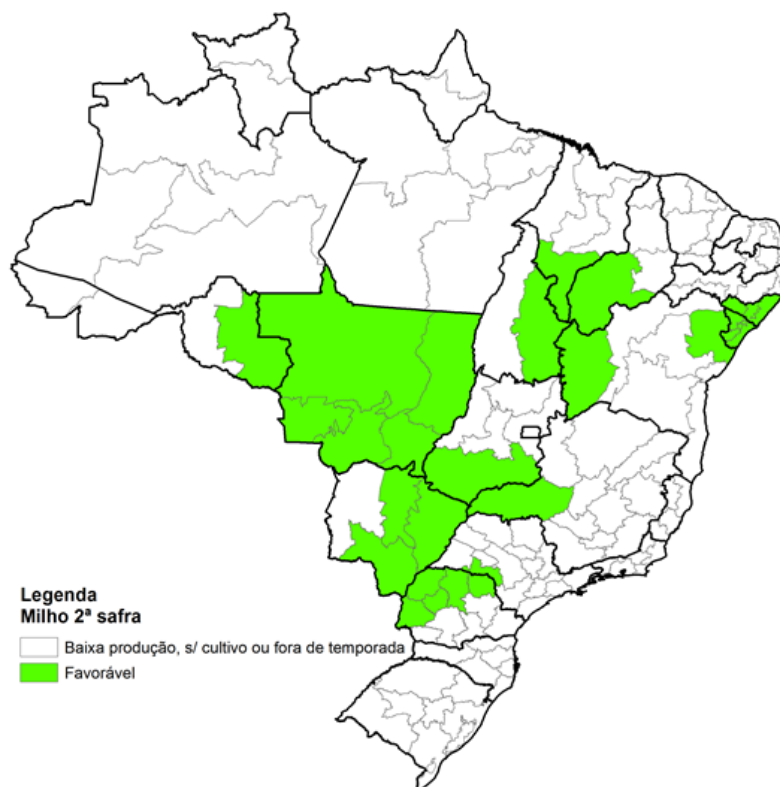


Figura 33 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab

Em Mato Grosso a normalização no regime pluviométrico no final de fevereiro e durante todo o mês de março e abril contribuiu para que o plantio se estendesse até março. Esta normalização do regime chuvoso proporcionou um excelente desenvolvimento vegetativo das lavouras, alavancando as expectativas de produtividade. Cerca de 39% já foi colhida e o restante encontra-se no ciclo final de maturação. De acordo com informação das fontes pesquisadas, o município de Sorriso, por exemplo, colheu 15% da área plantada, com produtividade média em torno de 6.600 kg/ha, superando as expectativas dos levantamentos anteriores, que estavam em 6.200 kg/ka.

Na Região Sul o Paraná se apresenta como o segundo maior produtor nacional do cereal de segunda safra. O levantamento realizado pela Conab aponta os seguintes números: área de 1.914,3 mil hectares e produção de 10.781,3 mil toneladas, estimativas 0,7% e 5,2% respectivamente, maiores do que os verificados na safra passada. O plantio sofreu atraso devido ao excesso de chuvas e foi concluído no início de abril. Até a data da avaliação a colheita já tinha acontecido em 9% da área. Nas demais regiões a cultura atravessa as fases de floração (5%), frutificação (55%) e maturação (40%).

Com este cenário acredita-se que a produção poderá atingir níveis recordes. A colheita que já foi iniciada deverá se estender até setembro, com exceção de Alagoas e Sergipe onde a colheita é prorrogada até dezembro.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>189,3</b>	<b>262,6</b>	<b>38,7</b>	<b>4.183</b>	<b>4.753</b>	<b>13,6</b>	<b>791,8</b>	<b>1.248,2</b>	<b>57,6</b>
RO	88,4	119,5	35,2	3.751	4.613	23,0	331,6	551,3	66,3
TO	100,9	143,1	41,8	4.561	4.870	6,8	460,2	696,9	51,4
<b>NORDESTE</b>	<b>786,4</b>	<b>711,0</b>	<b>(9,6)</b>	<b>3.592</b>	<b>3.106</b>	<b>(13,5)</b>	<b>2.824,5</b>	<b>2.208,5</b>	<b>(21,8)</b>
MA	227,4	137,3	(39,6)	3.813	3.828	0,4	867,1	525,6	(39,4)
PI	33,4	25,9	(22,4)	4.998	4.437	(11,2)	166,9	114,9	(31,2)
AL	31,0	27,0	(12,9)	887	839	(5,4)	27,5	22,7	(17,5)
SE	226,6	226,0	(0,3)	4.670	4.670	-	1.058,2	1.055,4	(0,3)
BA	268,0	294,8	10,0	2.630	1.662	(36,8)	704,8	490,0	(30,5)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>5.780,0</b>	<b>6.003,4</b>	<b>3,9</b>	<b>5.514</b>	<b>5.689</b>	<b>3,2</b>	<b>31.869,0</b>	<b>34.154,1</b>	<b>7,2</b>
MT	3.230,2	3.249,6	0,6	5.457	5.663	3,8	17.627,2	18.402,5	4,4
MS	1.547,5	1.585,0	2,4	5.140	5.160	0,4	7.954,2	8.178,6	2,8
GO	952,3	1.130,4	18,7	6.130	6.406	4,5	5.837,6	7.241,3	24,0
DF	50,0	38,4	(23,2)	9.000	8.637	(4,0)	450,0	331,7	(26,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>554,5</b>	<b>619,3</b>	<b>11,7</b>	<b>4.810</b>	<b>5.097</b>	<b>5,9</b>	<b>2.667,4</b>	<b>3.156,3</b>	<b>18,3</b>
MG	228,0	249,6	9,5	5.265	5.475	4,0	1.200,4	1.366,6	13,8
SP	326,5	369,7	13,2	4.493	4.841	7,7	1.467,0	1.789,7	22,0
<b>SUL</b>	<b>1.901,0</b>	<b>1.914,3</b>	<b>0,7</b>	<b>5.390</b>	<b>5.632</b>	<b>4,5</b>	<b>10.246,4</b>	<b>10.781,3</b>	<b>5,2</b>
PR	1.901,0	1.914,3	0,7	5.390	5.632	4,5	10.246,4	10.781,3	5,2
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>975,7</b>	<b>973,6</b>	<b>(0,2)</b>	<b>3.706</b>	<b>3.550</b>	<b>(4,2)</b>	<b>3.616,3</b>	<b>3.456,7</b>	<b>(4,4)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>8.235,5</b>	<b>8.537,0</b>	<b>3,7</b>	<b>5.438</b>	<b>5.633</b>	<b>3,6</b>	<b>44.782,8</b>	<b>48.091,7</b>	<b>7,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>9.211,2</b>	<b>9.510,6</b>	<b>3,3</b>	<b>5.254</b>	<b>5.420</b>	<b>3,2</b>	<b>48.399,1</b>	<b>51.548,4</b>	<b>6,5</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.



Tabela 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Milho safra 2ª</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- nordeste da BA (F)</li> <li>- todo estado de AL (F)</li> <li>- todo estado de SE (F)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- leste de RO (C)</li> <li>- sul de SP (C)</li> <li>- Triângulo MG (M/C)</li> <li>- norte e oeste do PR (C)</li> <li>- todo estado do MS (C)</li> <li>- todo estado do MT (C)</li> <li>- sul de GO (C)</li> <li>- sudoeste do PI (M/C)</li> <li>- sul do MA (M/C)</li> <li>- oeste da BA (M)</li> <li>- leste do TO (M/C)</li> </ul>	

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

### 10.1.7.3. Milho total

A consolidação da produção brasileira do milho, reunindo as duas safras, deverá atingir nesta temporada 81.811,4 mil toneladas, representando um acréscimo de 2,2% em relação à produção passada, que atingiu 80.051,7 mil toneladas.

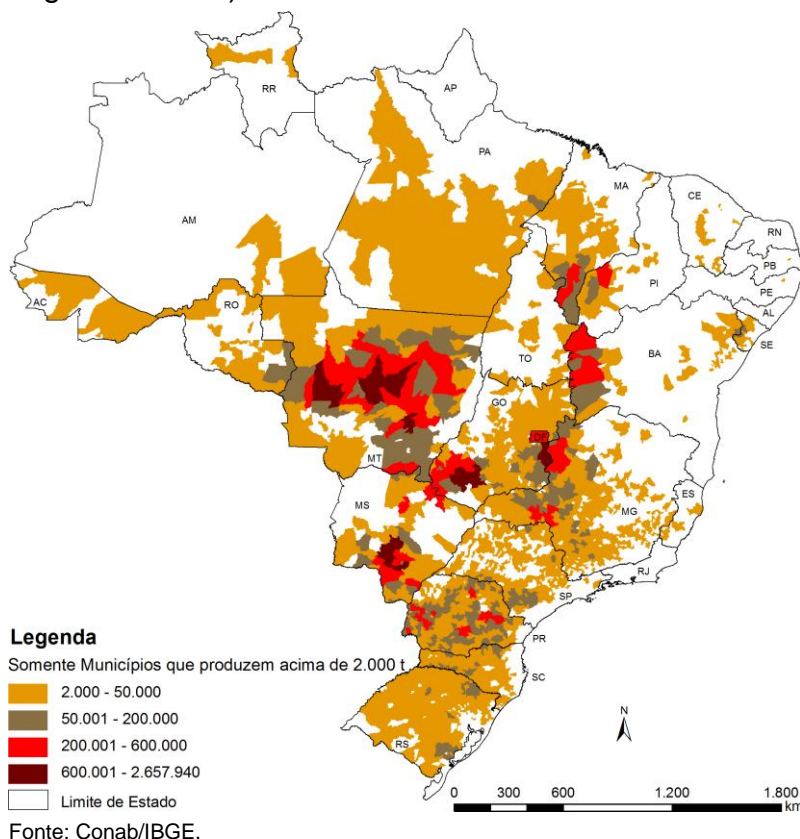
Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>551,2</b>	<b>640,6</b>	<b>16,2</b>	<b>3.304</b>	<b>3.883</b>	<b>17,5</b>	<b>1.821,2</b>	<b>2.487,6</b>	<b>36,6</b>
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	149,3	154,7	3,6	3.051	4.065	33,2	455,5	628,9	38,1
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	11,0	-	2.627	2.531	(3,7)	28,9	27,8	(3,8)
AP	2,2	1,9	(13,6)	921	927	0,7	2,0	1,8	(10,0)
PA	184,1	218,1	18,5	2.916	3.230	10,8	536,8	704,5	31,2
TO	151,9	207,4	36,5	4.500	4.884	8,5	683,5	1.012,9	48,2
<b>NORDESTE</b>	<b>2.899,7</b>	<b>2.704,4</b>	<b>(6,7)</b>	<b>2.612</b>	<b>2.462</b>	<b>(5,8)</b>	<b>7.574,5</b>	<b>6.657,6</b>	<b>(12,1)</b>
MA	606,4	487,9	(19,5)	2.846	3.053	7,3	1.725,9	1.489,4	(13,7)
PI	405,0	406,4	0,3	2.542	2.617	3,0	1.029,4	1.063,5	3,3
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	35,2	8,6	633	402	(36,5)	20,5	14,2	(30,7)
PB	76,6	54,3	(29,1)	462	237	(48,7)	35,4	12,9	(63,6)
PE	228,6	180,4	(21,1)	411	291	(29,2)	94,0	52,5	(44,1)
AL	31,0	27,0	(12,9)	887	839	(5,4)	27,5	22,7	(17,5)
SE	226,6	226,0	(0,3)	4.670	4.670	-	1.058,2	1.055,4	(0,3)
BA	812,5	806,6	(0,7)	3.917	3.466	(11,5)	3.182,3	2.795,6	(12,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>6.202,2</b>	<b>6.365,0</b>	<b>2,6</b>	<b>5.652</b>	<b>5.792</b>	<b>2,5</b>	<b>35.053,8</b>	<b>36.863,2</b>	<b>5,2</b>
MT	3.298,2	3.313,2	0,5	5.473	5.693	4,0	18.049,4	18.860,7	4,5
MS	1.574,5	1.605,5	2,0	5.195	5.203	0,1	8.179,6	8.352,9	2,1
GO	1.240,5	1.381,1	11,3	6.448	6.605	2,4	7.999,1	9.121,6	14,0
DF	89,0	65,2	(26,7)	9.278	8.098	(12,7)	825,7	528,0	(36,1)
<b>SUDESTE</b>	<b>2.106,5</b>	<b>2.049,8</b>	<b>(2,7)</b>	<b>5.093</b>	<b>5.350</b>	<b>5,0</b>	<b>10.728,4</b>	<b>10.966,4</b>	<b>2,2</b>
MG	1.326,0	1.272,0	(4,1)	5.236	5.375	2,6	6.943,0	6.836,4	(1,5)
ES	22,3	13,5	(39,5)	2.711	1.793	(33,9)	60,5	24,2	(60,0)
RJ	4,4	2,0	(54,5)	2.332	2.058	(11,7)	10,3	4,1	(60,2)
SP	753,8	762,3	1,1	4.928	5.381	9,2	3.714,6	4.101,7	10,4
<b>SUL</b>	<b>4.069,3</b>	<b>3.809,8</b>	<b>(6,4)</b>	<b>6.113</b>	<b>6.519</b>	<b>6,7</b>	<b>24.873,8</b>	<b>24.836,6</b>	<b>(0,1)</b>
PR	2.566,2	2.456,8	(4,3)	6.107	6.297	3,1	15.671,8	15.471,3	(1,3)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,5	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.176,2	8,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.450,9</b>	<b>3.345,0</b>	<b>(3,1)</b>	<b>2.723</b>	<b>2.734</b>	<b>0,4</b>	<b>9.395,7</b>	<b>9.145,2</b>	<b>(2,7)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>12.378,0</b>	<b>12.224,6</b>	<b>(1,2)</b>	<b>5.708</b>	<b>5.944</b>	<b>4,1</b>	<b>70.656,0</b>	<b>72.666,2</b>	<b>2,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>15.828,9</b>	<b>15.569,6</b>	<b>(1,6)</b>	<b>5.057</b>	<b>5.255</b>	<b>3,9</b>	<b>80.051,7</b>	<b>81.811,4</b>	<b>2,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



#### 10.1.7.4. Oferta e demanda

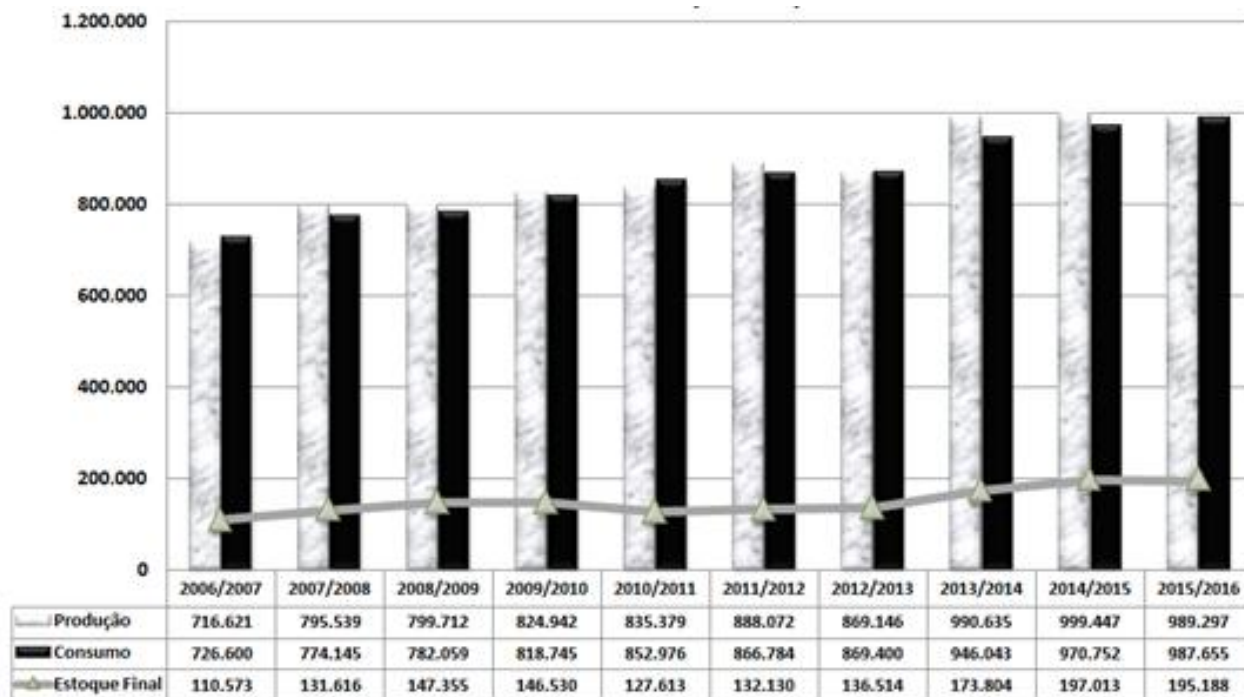
Em relação ao relatório de oferta e demanda de milho, publicado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), no dia 10 de junho de 2015, houve pouca mudança no cenário mundial, onde ainda se prevê uma grande oferta do cereal, com bons níveis de estoque e um consumo, embora elevado, bastante ajustado com a produção.

No entanto, em julho foi marcado por fortes movimentos na Bolsa de Chicago devido às ocorrências climáticas no Cinturão do Milho dos Estados Unidos, sobretudo, o excesso de chuvas em estados importantes como Missouri, Illinois e Ohio, fazendo com que os especuladores e os fundos de investimento trabalhassem na Bolsa acompanhando o “mercado climático”.

Isto por que, com o excesso de chuvas nas lavouras, há um desenvolvimento comprometido das plantas, bem como perda de fertilizantes por lixiviação e ocorrência de doenças. Resta saber o quanto realmente será afetado e poderá haver diminuição das produtividades médias, portanto, foi nesta incerteza que o mercado especulou durante o mês.

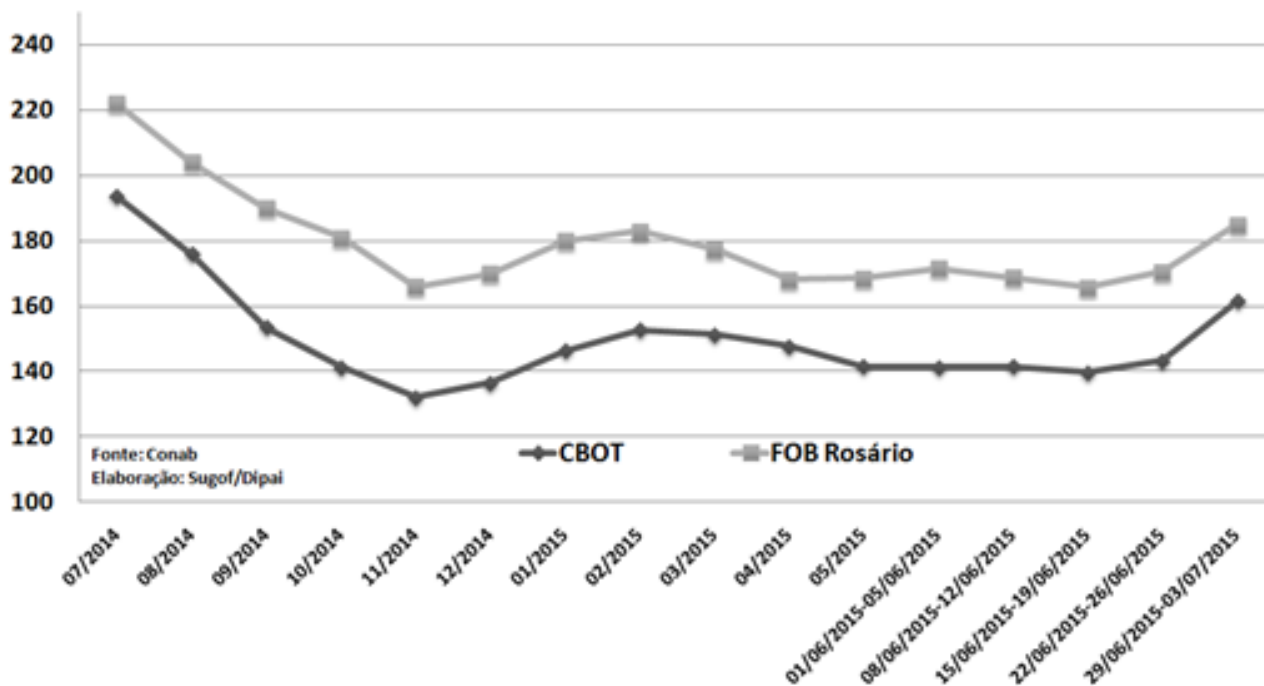
Com a publicação, pelo Usda, do relatório de área plantada e colhida, onde se estima uma área colhida de 32,8 milhões de hectares, a expectativa de uma produção nos Estados Unidos menor da que vem sendo divulgada gerou uma forte alta no mercado no fim do mês, quebrando a barreira dos US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/t).

Gráfico 29 – Comparativo da produção mundial de milho nas últimas dez safras – Principais países produtores (em mil toneladas)



Fonte: Usda.

Gráfico 30 – Preços internacionais médios mensais – 12 meses, em US\$/t



Vale salientar que as demais bolsas acompanharam o movimento altista da Bolsa de Chicago, além dos preços nacionais que subiram estimulados pelo aumento da paridade de exportação nos portos nacionais.

Este cenário, somado à moeda americana ainda valorizada, torna-se um fundamento importante na expectativa de aumento das exportações brasileiras de milho, que devem ser retomadas neste segundo semestre.

Portanto, há de se considerar que algumas situações conjunturais podem favorecer

as exportações brasileiras do grão até o fim de janeiro de 2016:

- A relação cambial do dólar em relação ao real deverá permanecer favorável à moeda norte-americana, trabalhando até o próximo ano acima dos R\$3,00. O Banco Central ainda prevê, para 2016, valores acima de R\$ 3,20;

- O número de players que fazem parte do processo de exportação de grão no país tem aumentado. Um mercado que se restringia a ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus, já conta com Multigrain, Noble, Nidera, entre outros;

- Portos das Regiões Norte e Nordeste começam a ter representatividade no volume de milho a ser exportado, inclusive já com line-ups indicado já para julho de 2015, diminuindo o peso logístico para o produto produzido no Centro-Oeste, melhorando a competitividade;

- Já em julho, há navios nomeados que totalizam, até o momento, um volume em torno de 1,3 milhão de toneladas. Acredita-se que neste mês poderão ser embarcadas 2 milhões de toneladas;

- O frete marítimo do Brasil para Ásia (principal centro consumidor de milho) diminuiu de valor, com informações de cotações a US\$ 25,00/tonelada;

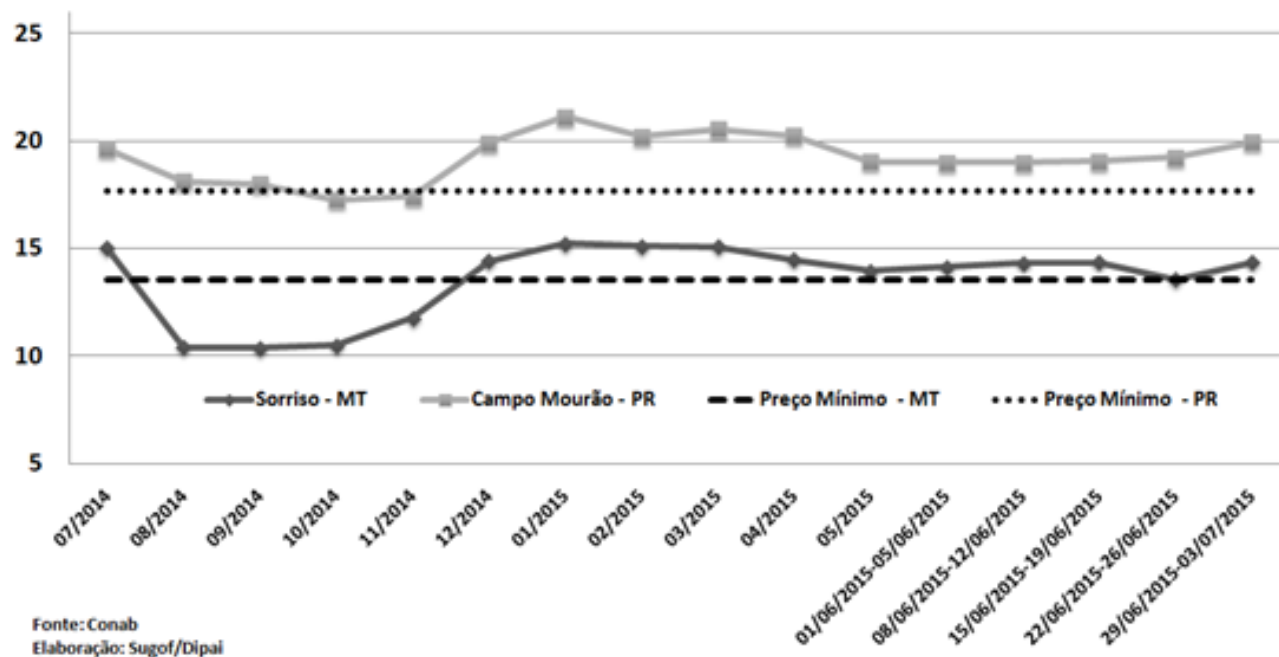
- Há um grande volume de milho da segunda safra já negociado antecipadamente.

Desta feita, considerando a expectativa de exportação do mercado para julho, é perfeitamente possível que, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, o país exporte uma média de 3,5 milhões de toneladas/mês, totalizando o volume estimado em 25 milhões de toneladas, divulgados neste último quadro de oferta e demanda.

Já o consumo nacional foi reajustado em função do aumento de confinamento no país e o uso de milho para produção de etanol no Mato Grosso, o qual passa a ser um novo agente demandante do grão no mercado nacional.

Com a conjuntura favorável no fim do mês, os preços internos, que vinham sofrendo uma pressão baixista, diante do início da colheita da segunda safra, retomaram um viés de alta, subindo, novamente, acima do preço mínimo.

Gráfico 31 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg



Entretanto, cabe lembrar que este mercado está bastante sensível à volatilidade das cotações de Chicago e do câmbio, podendo, para alguns estados, ter preços abaixo do mínimo, novamente.

Assim, o produtor deve estar atento a estas variações e aproveitar os custos de oportunidade para negociar o seu produto, tanto no mercado interno quanto na exportação.

#### **10.1.8. Soja**

Com o encerramento da colheita da oleaginosa a Conab registrou no levantamento realizado em junho deste ano, o segundo recorde de produtividade alcançado no país – 3.016 kg/ha - somente superado pelo obtido na temporada 2010/11 – 3.115 kg/ha.

Na região do MATOPIBA foi alcançado o incremento percentual recorde nesta temporada de 9,7%, com a produtividade atingindo a média de 2.843 kg/ha. Os fatores climáticos negativos ocorridos no início do plantio trouxeram transtornos em algumas localidades. Com a normalização das chuvas observou-se forte recuperação dos “stands” e a ocorrência de replantios em áreas já comprometidas foi a responsável por esse desempenho. No Piauí, onde a colheita se estendeu até maio, a produtividade média alcançada atingiu 2.722 kg/ha, representando um incremento de 14,7% em relação ao exercício anterior. Na Bahia, onde a concentração da produção se dá na região oeste, houve atrasos na colheita em função da ocorrência de chuvas durante todo o mês de abril. Na área de influência de Barreiras, que corresponde a 83% da área de soja do estado, a produtividade média atingiu 2.340 kg/ha, um aumento de 15,2% em relação à safra anterior.

A Região Sul aparece como a responsável pelo segundo maior incremento de produtividade alcançada nesta temporada, atingindo 3.076 kg/ha, que representou um acréscimo de 10,2% em relação aos níveis alcançados no ano passado. Em Santa Catarina a colheita da safra apresentou boas produtividades na maior parte das regiões produtoras, resultado das boas condições climáticas durante o ciclo da cultura e também do elevado padrão tecnológico utilizado no cultivo. Mesmo assim, houveram registros de excesso de umidade em determinadas regiões do estado, que favoreceram o desenvolvimento de doenças, como a ferrugem asiática e mofo branco, reduzindo a qualidade das lavouras e provocando algumas perdas no rendimento. No Paraná, a despeito do registro de recorde na produtividade regional, esse desempenho foi considerado inferior ao potencial inicialmente estimado, em função do impacto causado pelas condições climáticas adversas no início do plantio – seca e temperaturas elevadas.

A Região Sudeste registrou neste levantamento, o terceiro melhor desempenho na produtividade nacional. O responsável por esse resultado foi São Paulo, que apresentou o maior incremento percentual na produtividade da oleaginosa desta temporada. A boa performance está relacionada ao excelente comportamento do clima durante os ciclos importantes da lavoura, contrastando com o desempenho observado no ano anterior. Em Minas Gerais as condições climáticas, de modo geral, não se mostraram favoráveis ao plantio da safra de verão, predominando em todo o estado um clima seco, com ocorrência de chuvas isoladas, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa do ar, que elevaram o risco de implantação das lavouras de sequeiro que impuseram restrições, inclusive para as áreas de pivô. Esse quadro trouxe sérios comprometimentos à lavoura, especialmente as de variedades precoces. No entanto, as boas precipitações ocorridas a partir de fevereiro acarretaram uma boa recuperação das lavouras e um aumento substancial na produtividade das variedades de ciclo médio e longo.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Soja

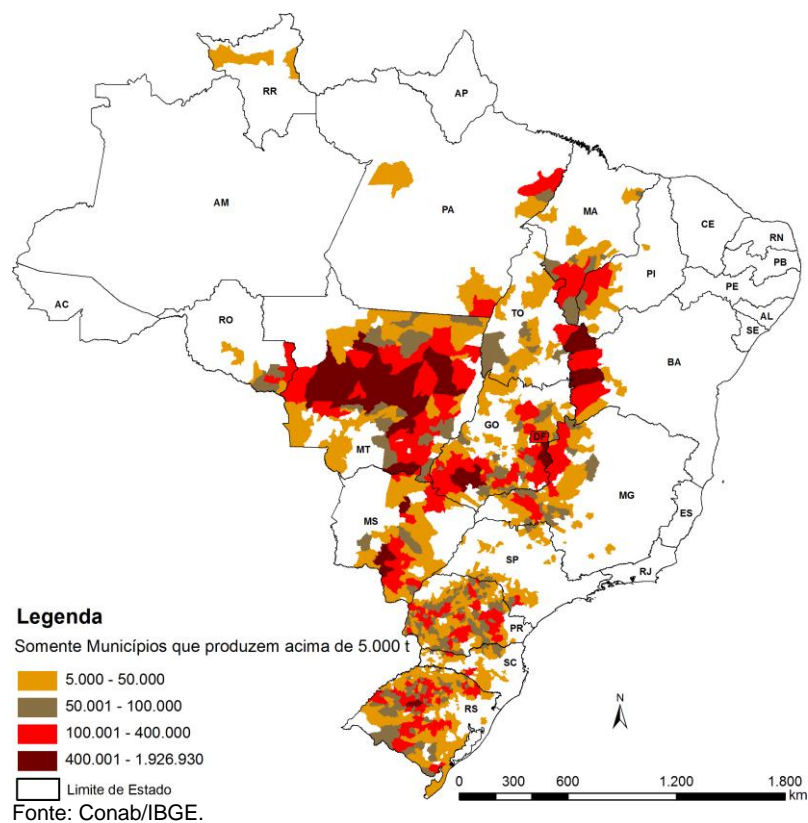


Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



No Centro-Oeste, maior região produtora da oleaginosa, o incremento de somente 1,3%, registrado neste levantamento, deriva dos comportamentos climáticos distintos observados em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estados onde, de uma maneira geral, receberam as influências das boas condições pluviométricas distribuídas ao longo do ciclo produtivo e os das lavouras de Goiás e Distrito Federal, onde o veranico registrado em fins de dezembro e janeiro afetou a produtividade média das lavouras.

Tais desempenhos regionais foram os responsáveis pela continuidade da produção brasileira recorde alcançada nesta temporada. As boas condições do clima associadas ao uso intensivo de tecnologia têm alavancado a produção de soja nos diversos estados produtores, particularmente em Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. Apesar das previsões de mercado que apostam numa continuidade do aumento na área plantada, em função da boa rentabilidade da cultura em comparação às demais lavouras de verão, um fator que pode ensejar uma eventual alteração de rumo está ligado aos custos necessários para produzir a próxima safra, principalmente aqueles itens ligados aos insumos e combustíveis.

O décimo levantamento de soja realizado pela Conab aponta para uma produção na temporada 2014/15 de 96.222,1 mil toneladas, representando um incremento de 11,7% em relação ao montante produzido no ano passado.

Tabela 28 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- norte de RR (DV)			

Legenda: \*(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>1.178,9</b>	<b>1.411,2</b>	<b>19,7</b>	<b>2.877</b>	<b>2.997</b>	<b>4,2</b>	<b>3.391,3</b>	<b>4.230,0</b>	<b>24,7</b>
RR	18,0	24,0	33,3	3.120	3.300	5,8	56,2	79,2	40,9
RO	191,1	230,7	20,7	3.180	3.167	(0,4)	607,7	730,6	20,2
PA	221,4	322,1	45,5	3.020	3.036	0,5	668,6	977,9	46,3
TO	748,4	834,4	11,5	2.751	2.927	6,4	2.058,8	2.442,3	18,6
<b>NORDESTE</b>	<b>2.602,2</b>	<b>2.843,6</b>	<b>9,3</b>	<b>2.544</b>	<b>2.818</b>	<b>10,8</b>	<b>6.620,9</b>	<b>8.013,2</b>	<b>21,0</b>
MA	662,2	749,6	13,2	2.754	2.745	(0,3)	1.823,7	2.057,7	12,8
PI	627,3	673,7	7,4	2.374	2.722	14,7	1.489,2	1.833,8	23,1
BA	1.312,7	1.420,3	8,2	2.520	2.902	15,2	3.308,0	4.121,7	24,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>13.909,4</b>	<b>14.514,1</b>	<b>4,3</b>	<b>3.005</b>	<b>3.045</b>	<b>1,3</b>	<b>41.800,5</b>	<b>44.201,1</b>	<b>5,7</b>
MT	8.615,7	8.917,2	3,5	3.069	3.155	2,8	26.441,6	28.133,8	6,4
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.120	7,6	6.148,0	7.177,6	16,7
GO	3.101,7	3.241,3	4,5	2.900	2.698	(7,0)	8.994,9	8.745,0	(2,8)
DF	72,0	55,1	(23,5)	3.000	2.626	(12,5)	216,0	144,7	(33,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>1.989,9</b>	<b>2.116,2</b>	<b>6,3</b>	<b>2.520</b>	<b>2.773</b>	<b>10,0</b>	<b>5.015,3</b>	<b>5.867,9</b>	<b>17,0</b>
MG	1.238,2	1.319,4	6,6	2.687	2.658	(1,1)	3.327,0	3.507,0	5,4
SP	751,7	796,8	6,0	2.246	2.963	31,9	1.688,3	2.360,9	39,8
<b>SUL</b>	<b>10.492,7</b>	<b>11.023,2</b>	<b>5,1</b>	<b>2.792</b>	<b>3.076</b>	<b>10,2</b>	<b>29.292,8</b>	<b>33.909,9</b>	<b>15,8</b>
PR	5.010,4	5.207,1	3,9	2.950	3.293	11,6	14.780,7	17.147,0	16,0
SC	542,7	600,1	10,6	3.030	3.292	8,6	1.644,4	1.975,5	20,1
RS	4.939,6	5.216,0	5,6	2.605	2.835	8,8	12.867,7	14.787,4	14,9
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.781,1</b>	<b>4.254,8</b>	<b>12,5</b>	<b>2.648</b>	<b>2.877</b>	<b>8,7</b>	<b>10.012,2</b>	<b>12.243,2</b>	<b>22,3</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>26.392,0</b>	<b>27.653,5</b>	<b>4,8</b>	<b>2.884</b>	<b>3.037</b>	<b>5,3</b>	<b>76.108,6</b>	<b>83.978,9</b>	<b>10,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>30.173,1</b>	<b>31.908,3</b>	<b>5,8</b>	<b>2.854</b>	<b>3.016</b>	<b>5,7</b>	<b>86.120,8</b>	<b>96.222,1</b>	<b>11,7</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

### 10.1.8.1. Oferta e demanda

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) entre os dias 11 e 20 de junho de 2015 publicou que as precipitações chegaram a ser 200% maiores que as precipitações normais para aquelas regiões, havendo, devido a esse fato, atraso do plantio no início de junho nos principais estados produtores americanos.

Ainda, segundo o Usda, até 28 de junho de 2015, as condições de lavoura dos Estados Unidos que estão boas ou excelentes, somaram 65% do total plantado e as muito ruins, ruins e regulares, 35%, este valor é muito inferior aos 72% do mesmo período no ano de 2014.

Tabela 30 – Progresso das áreas de soja americana safra 2015/16

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)			
28/jun/14	21/jun/15	28/jun/15	Média dos últimos 5 anos
95%	90%	94%	97%

\*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

Porcentagem de plantas em emergência- VE (em 18 Estados Americano*)			
28/jun/14	21/jun/15	28/jun/15	Média dos últimos 5 anos
93%	84%	89%	94%

\*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

Porcentagem de plantas em floração (em 18 Estados Americano*)			
28/jun/14	21/jun/15	28/jun/15	Média dos últimos 5 anos
9%	-	8%	9%

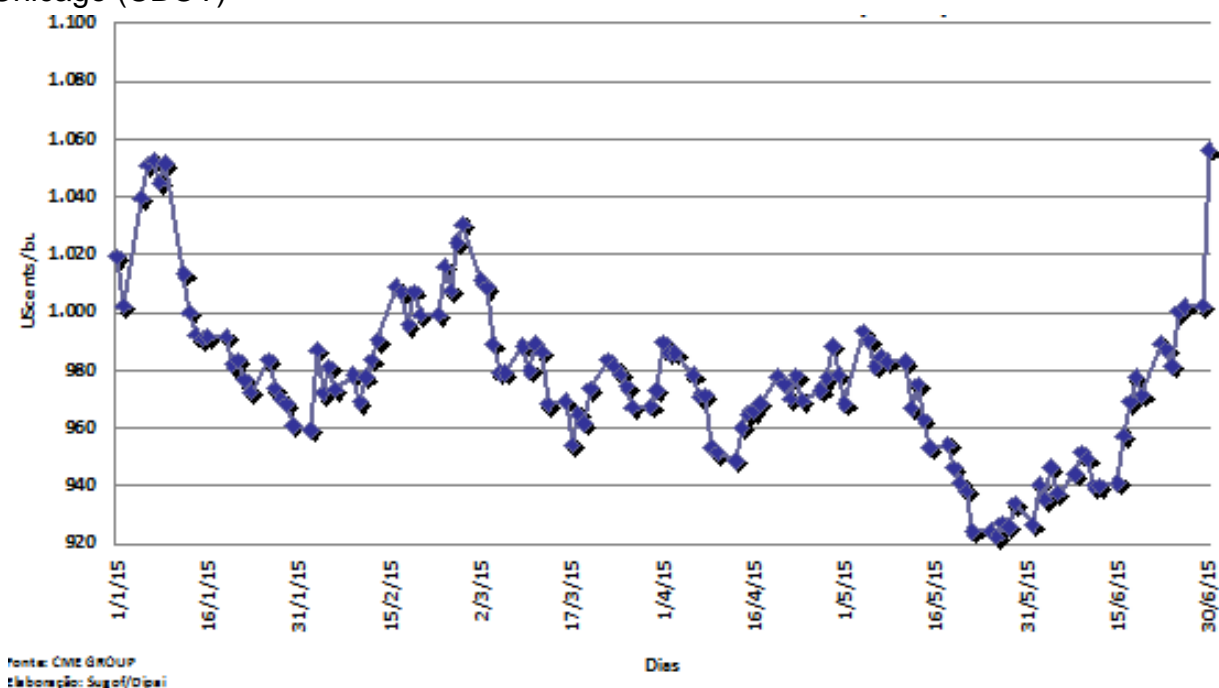
\*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

Porcentagem das condições de área plantada (em 18 Estados Americano*)				
Muito ruim	Ruim	Regular	Boa	Excelente
1%	4%	23%	57%	15%

\*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

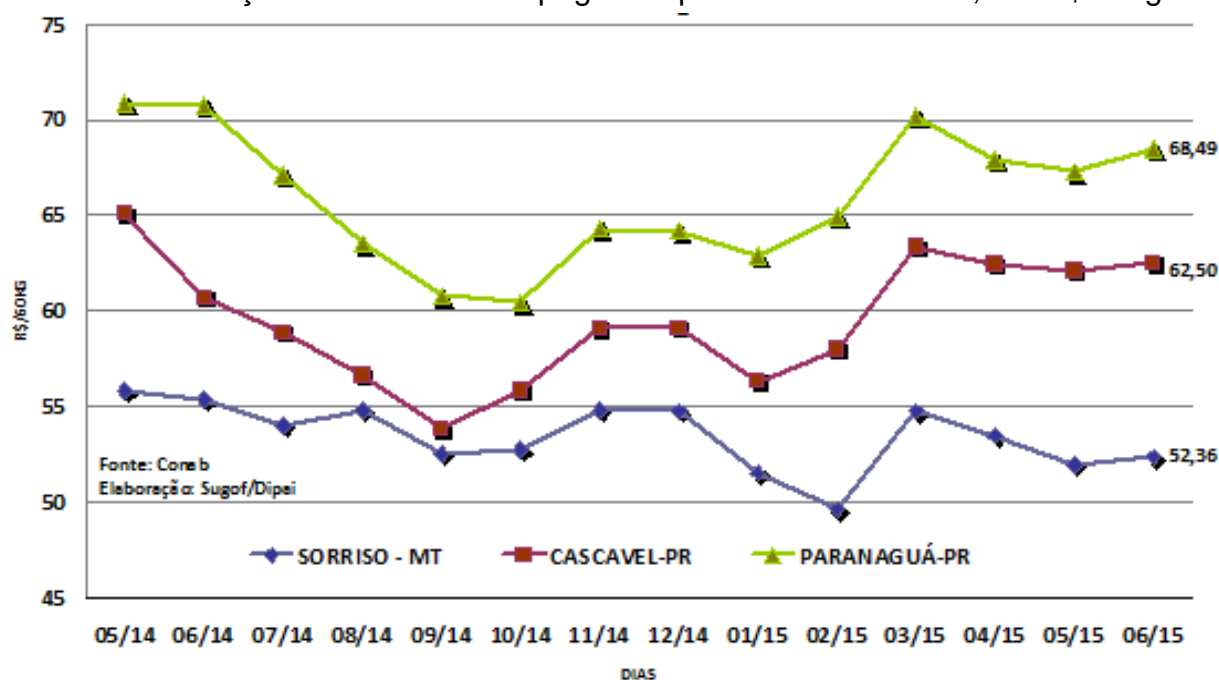
Portanto, os preços na Bolsa de Valores de Chicago fecharam o mês de junho em UScents 965,78/bu, em média, chegando a ser cotado a UScents 1.056,20/bu no dia 29 de junho de 2015, o maior valor deste ano. Assim, a permanecer essa tendência de continuidade das chuvas e condições da lavoura, os preços devem continuar em alta em julho, apesar da estimativa de grande estoque de passagem nos Estados Unidos, estimados em 13,61 milhões de toneladas, os mais altos historicamente.

Gráfico 32 – Preços internacionais – Maio/2015 (FOB) – Bolsa de mercadorias de Chicago (CBOT)



No mercado nacional os preços foram sustentados pela alta do dólar e os valores das cotações do mercado internacional (CBOT), e em junho, os preços internos tiveram uma pequena alta.

Gráfico 33 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg



As exportações totais para a safra 2014/15 foram estimadas em aproximadamente 46,77 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a junho de 2015 o Brasil exportou aproximadamente 32,25 milhões de toneladas de soja, o valor exportado é de apenas 1% superior que no mesmo período do ano anterior. Em junho as exportações brasileiras chegaram a 9,81 milhões de toneladas, o maior valor histórico de exportação mensal.

Tabela 31 – Exportação de soja

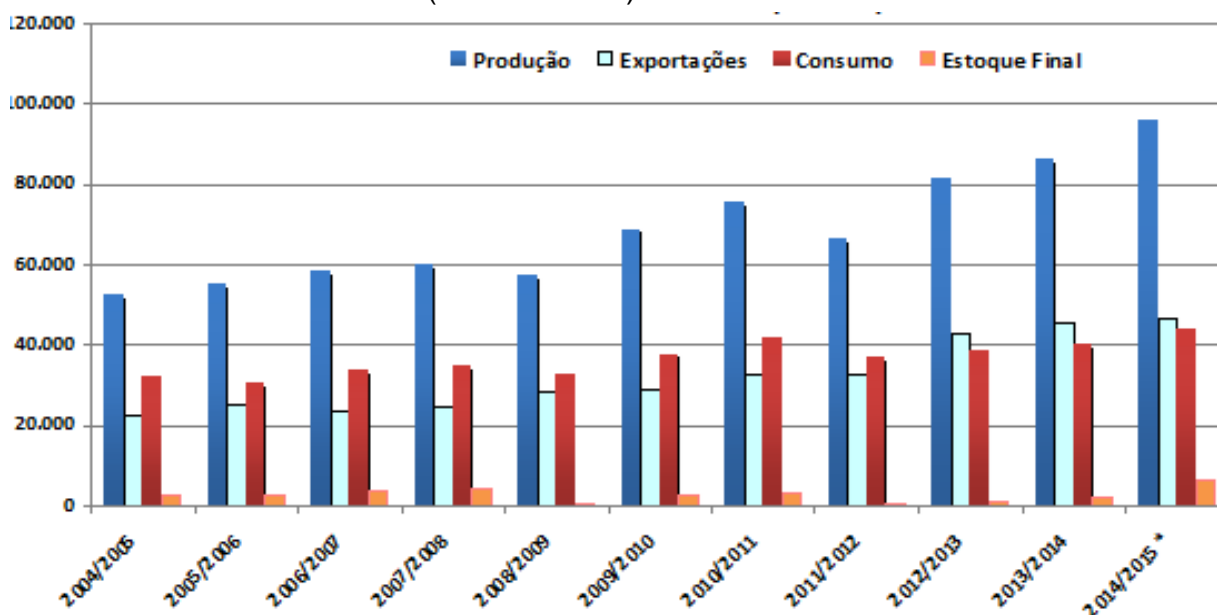
2014				2015			
Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	%	Preço Médio	Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	%	Preço Médio
30.606	17.810	0,07	581,90	85.336	35.103	0,26	411,35
2.789.650	1.385.832	6,11	496,78	868.659	346.160	2,69	398,50
6.229.305	3.147.580	13,63	505,29	5.592.087	2.211.790	17,34	395,52
8.250.901	4.134.746	18,06	501,13	6.550.977	2.534.258	20,31	386,85
7.609.783	3.866.209	16,65	508,06	9.341.009	3.612.717	28,97	386,76
6.893.162	3.571.995	15,09	518,19	9.810.000	3.762.200	30,42	383,51
<b>31.803.405</b>	<b>16.124.172</b>	<b>70</b>	<b>507,00</b>	<b>32.248.068</b>	<b>12.502.228</b>	<b>100</b>	<b>387,69</b>
6.043.523	3.151.183	13,23	521,42				
4.119.263	2.135.355	9,02	518,38				
2.669.833	1.347.500	5,84	504,71				
740.839	363.993	1,62	491,33				
176.556	81.601	0,39	462,18				
138.581	73.573	0,30	530,90				
<b>13.888.594</b>	<b>7.153.206</b>	<b>30</b>	<b>515,04</b>				
<b>45.691.999</b>	<b>23.277.378</b>	<b>100</b>	<b>509,44</b>	<b>32.248.068</b>	<b>12.502.228</b>	<b>100</b>	<b>387,69</b>

Fonte: Secex.

Os esmagamentos brasileiros de grãos, em 2015, devem ser de 41 milhões de toneladas de grãos, significando aumento de 11,4%, se comparados aos de 2014. Este aumento está relacionado, em parte, ao crescimento do consumo de óleo de soja internamente e, principalmente, ao aumento do uso do óleo de soja para o biodiesel, que passou de 5% para 7% da mistura no diesel.

Desta maneira, com a produção estimada em 96,22 milhões de toneladas, o estoque final brasileiro de soja deverá ser de 6,62 milhões de toneladas de soja em grãos; o maior estoque de passagem praticado nos últimos 10 anos.

Gráfico 34 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas dez safras (mil toneladas)



Fonte: Conab  
Legenda: \*Estimativa.

### 10.1.9. Sorgo

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

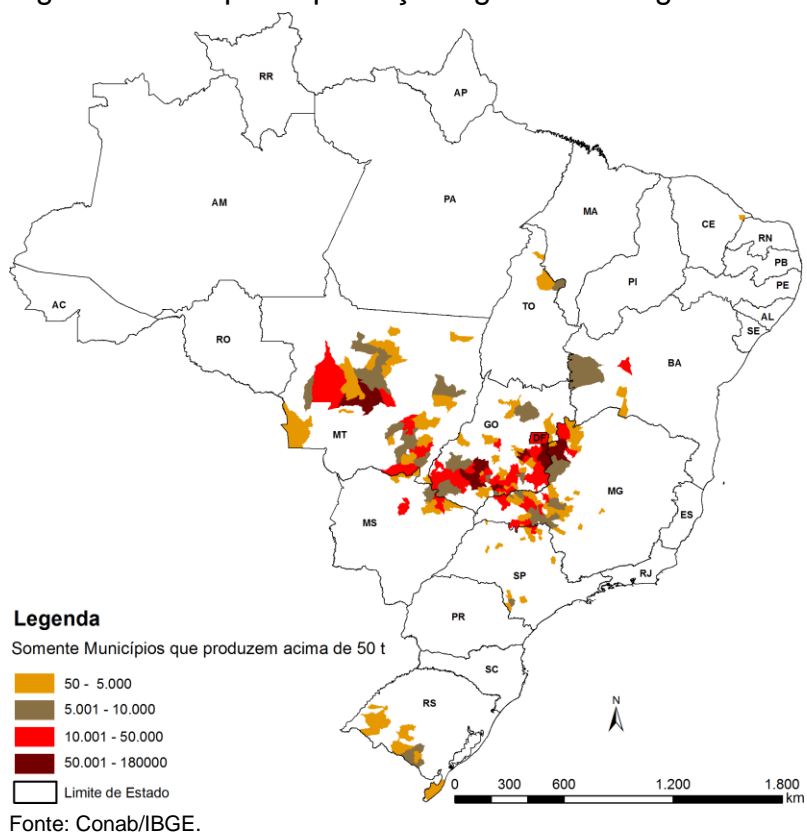
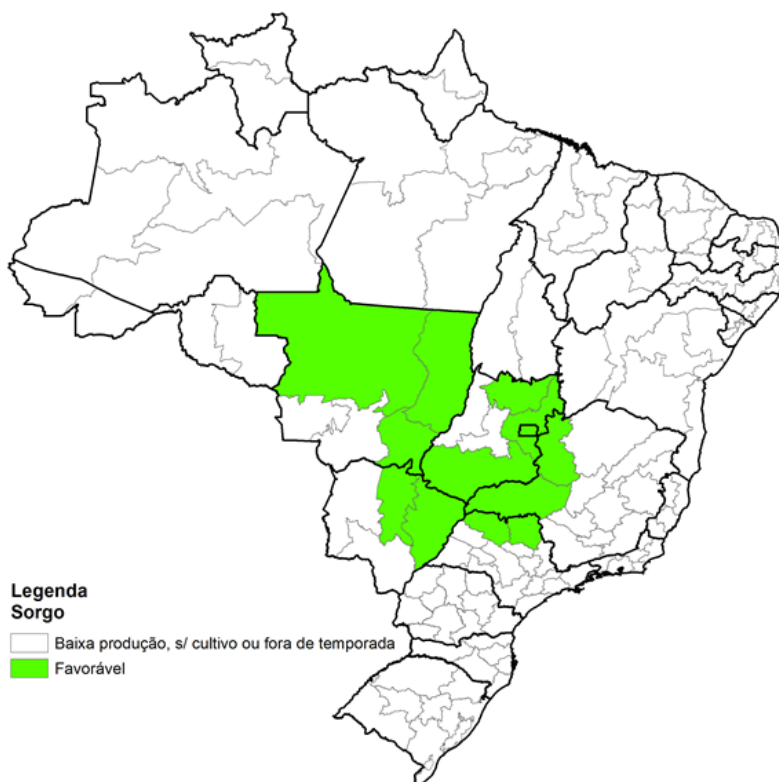


Figura 38 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 32 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			centro norte e leste do MS (M/C) - norte e sudeste do MT (C) - norte, leste e sul de GO (C) - DF (C) - oeste de MG (M/C) - norte de SP (M)	

Legenda: \* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO			P	P	P	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
<b>Sul</b>												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>20,4</b>	<b>21,2</b>	<b>3,9</b>	<b>1.880</b>	<b>1.835</b>	<b>(2,4)</b>	<b>38,4</b>	<b>38,9</b>	<b>1,3</b>
TO	20,4	21,2	3,9	1.880	1.835	(2,4)	38,4	38,9	1,3
<b>NORDESTE</b>	<b>148,7</b>	<b>155,6</b>	<b>4,6</b>	<b>922</b>	<b>872</b>	<b>(5,4)</b>	<b>137,0</b>	<b>135,7</b>	<b>(0,9)</b>
PI	7,7	6,2	(19,5)	1.819	2.548	40,1	14,0	15,8	12,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	0,7	(41,7)	955	1.671	75,0	1,1	1,2	9,1
PB	0,2	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,3	-	(100,0)
PE	1,8	6,2	244,4	560	430	(23,2)	1,0	2,7	170,0
BA	137,1	141,8	3,4	867	811	(6,5)	118,9	115,0	(3,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>363,7</b>	<b>332,3</b>	<b>(8,6)</b>	<b>3.096</b>	<b>3.344</b>	<b>8,0</b>	<b>1.126,0</b>	<b>1.111,3</b>	<b>(1,3)</b>
MT	139,5	85,9	(38,4)	2.526	2.406	(4,8)	352,4	206,7	(41,3)
MS	9,1	10,5	15,4	3.300	3.500	6,1	30,0	36,8	22,7
GO	206,9	232,6	12,4	3.420	3.661	7,0	707,6	851,5	20,3
DF	8,2	3,3	(59,8)	4.392	4.927	12,2	36,0	16,3	(54,7)
<b>SUDESTE</b>	<b>183,0</b>	<b>175,6</b>	<b>(4,0)</b>	<b>3.003</b>	<b>3.114</b>	<b>3,7</b>	<b>549,6</b>	<b>546,8</b>	<b>(0,5)</b>
MG	170,2	161,8	(4,9)	2.974	3.075	3,4	506,1	497,5	(1,7)
SP	12,8	13,8	7,8	3.400	3.572	5,1	43,5	49,3	13,3
<b>SUL</b>	<b>15,2</b>	<b>10,5</b>	<b>(30,9)</b>	<b>2.645</b>	<b>2.426</b>	<b>(8,3)</b>	<b>40,2</b>	<b>25,5</b>	<b>(36,6)</b>
RS	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>169,1</b>	<b>176,8</b>	<b>4,6</b>	<b>1.037</b>	<b>987</b>	<b>(4,8)</b>	<b>175,4</b>	<b>174,6</b>	<b>(0,5)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>561,9</b>	<b>518,4</b>	<b>(7,7)</b>	<b>3.054</b>	<b>3.248</b>	<b>6,4</b>	<b>1.715,8</b>	<b>1.683,6</b>	<b>(1,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>731,0</b>	<b>695,2</b>	<b>(4,9)</b>	<b>2.587</b>	<b>2.673</b>	<b>3,3</b>	<b>1.891,2</b>	<b>1.858,2</b>	<b>(1,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

## 10.2. Culturas de inverno

Na busca constante da melhoria e qualificação das informações da safra agrícola, a Conab utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de inverno. Esse procedimento foi adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas. Portanto, as informações preliminares foram reavaliadas agora que os produtores de trigo tomaram a decisão final, acerca do cultivo do trigo ou substituição por outras culturas de acordo com diversos parâmetros de mercado. Destacamos que de acordo com o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), algumas regiões ainda estão dentro do período de plantio.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, 21,3% da área cultivada por soja no verão são utilizadas para o plantio de grãos de inverno. As áreas terão diversos propósitos, sendo que predominam o cultivo do trigo *Triticum aestivum* L.; aveia (aveia preta - *Avena strigosa* ou aveia branca - *Avena sativa*) para triplo propósito: produção de grãos para ração animal e produção de sementes, pastejo de inverno e cobertura de solo como prática conservacionista); azevém (*Lolium multiflorum*) que nasce espontaneamente ou é semeado para pastagem, nabo forrageiro (*Raphanus raphanistrum* ssp) e pousio (terras baixas ou com umidade intensa).

No Paraná as estimativas de área e produção para as culturas de inverno foram ajustadas, bem como os percentuais de aumento ou redução, comparativamente ao desempenho da safra 2014. Naquele estado o plantio da safra de inverno iniciou em abril e as condições do clima estão favorecendo o estabelecimento e desenvolvimento das culturas.

As culturas do centeio e tritcale apresentam dados pouco significativos, apresentando plantio concentrado em pequenas regiões. O centeio, por exemplo, apresenta uma estabilidade em todos os dados analisados, ou seja, nenhuma variação de área plantada, produtividade e produção total, quando comparado com a safra 2014/15. O tritcale apresenta acentuada diminuição na área cultivada (48,3%) e na produção total (45,5%), ou seja, 20,2 mil hectares e 52,2 mil toneladas, respectivamente.

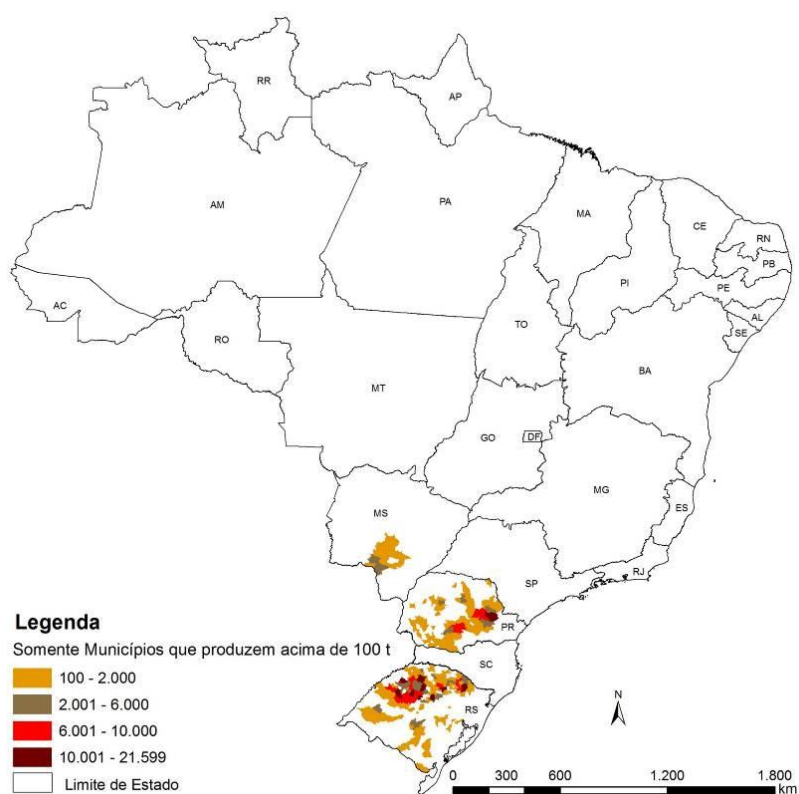
### 10.2.1. Aveia

No Rio Grande do Sul a área semeada com aveia para produção de grãos deve crescer em torno de 33%, ocupando área que foi semeada com trigo na safra anterior, ou seja 118,4 mil hectares. A semeadura transcorre normalmente e no momento está em fase de conclusão. O custo de produção menor e a maior diversificação de propósito levaram o produtor a optar por essa cultura em detrimento do trigo.

No Paraná o plantio se encaminha para o final e está previsto uma redução de área, produtividade e produção total. Estima-se uma área de 48,2 mil hectares, 15,5% menor quando comparada com a safra passada.

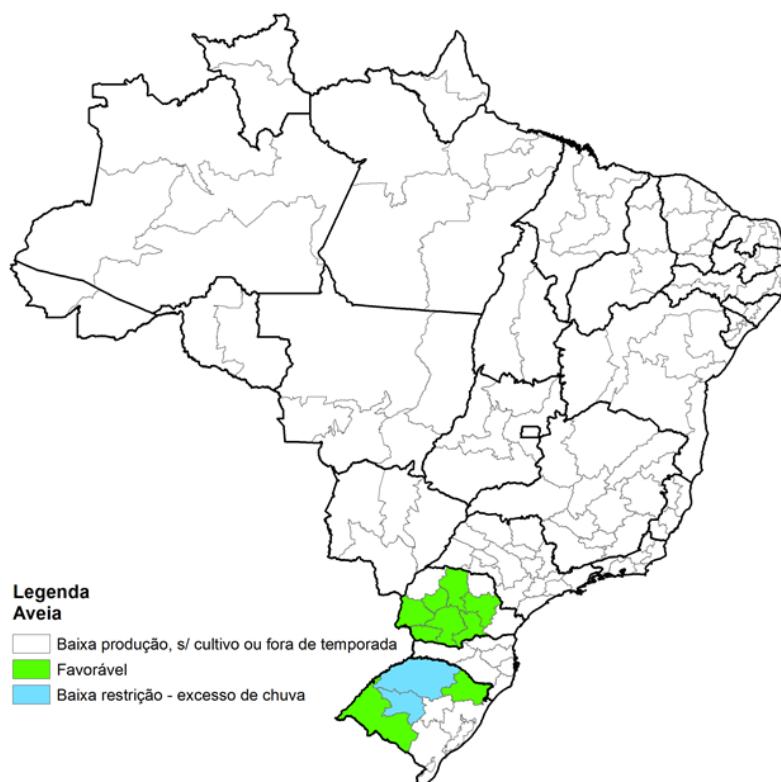


Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 40 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Aveia</b>	- noroeste, centro-oeste, nordeste e sudoeste do RS (G/DV) - norte, oeste e leste do PR (DV/F) - centro sul, sudeste e sudoeste do PR (G/DV)	- excesso de chuva a partir do 2ª decêndio de junho no noroeste e centro-oeste do RS (P)		

Legenda: \* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>CENTRO-OESTE</b>							P				C	
MS							P				C	
<b>SUL</b>	C	C						P	P			
PR	C							P	P			C
RS		C						P	P			
<b>NORTE/NORDESTE</b>												
<b>CENTRO-SUL</b>												
<b>BRASIL</b>												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	7,6	11,0	44,7	1.474	1.500	1,8	11,2	16,5	47,3
MS	7,6	11,0	44,7	1.470	1.500	2,0	11,2	16,5	47,3
<b>SUL</b>	146,1	166,6	14,0	2.028	2.449	20,8	296,2	408,0	37,7
PR	57,1	48,2	(15,5)	2.429	2.378	(2,1)	138,7	114,6	(17,4)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.478	40,0	157,5	293,4	86,3
<b>CENTRO-SUL</b>	153,7	177,6	15,5	2.000	2.390	19,5	307,4	424,5	38,1
<b>BRASIL</b>	153,7	177,6	15,5	2.000	2.390	19,5	307,4	424,5	38,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

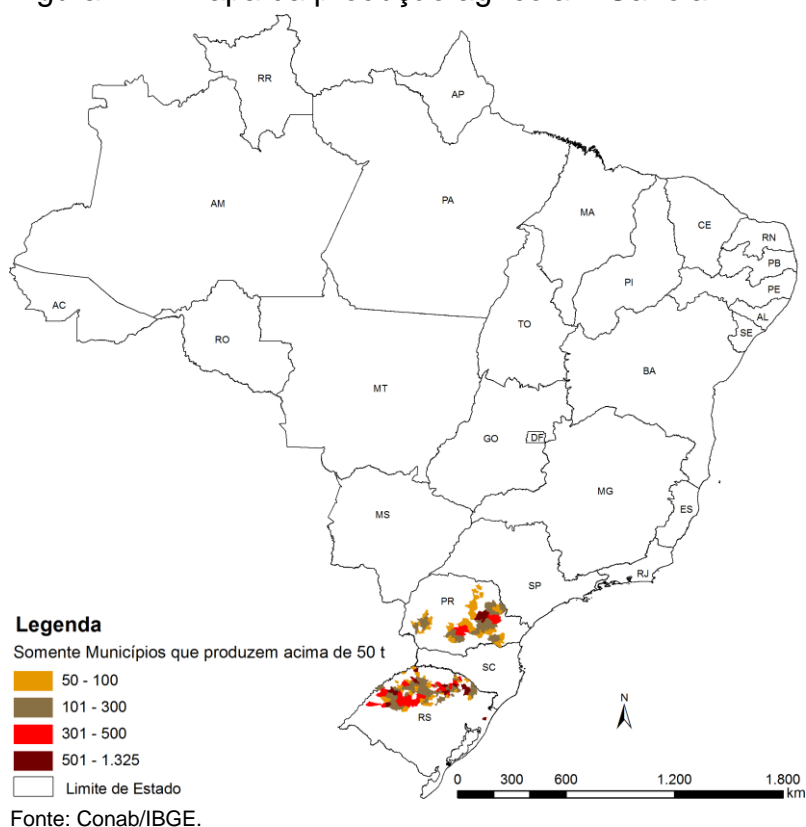
### 10.2.2. Canola

No Rio Grande do Sul a lavoura de canola está na fase de semeadura, com mais de 90% da área já implantada. No atual levantamento verificou-se a redução de 10,2% na área semeada em comparação com a safra 2013/14, embora possa haver uma recuperação ao se concluir o plantio.

A lavoura de canola é, em geral, fomentada por empresas que processam o grão. No planejamento da atual safra essas empresas acreditavam que a semente disponível era suficiente para atender a demanda dos produtores, estimando inclusive um aumento da área que seria cultivada. A demanda foi maior do que o previsto e a falta de semente pode ter influenciado na redução da área plantada. Com isso prevê-se que serão cultivados 35 mil hectares, que deverão produzir ao redor de 1.500 kg/ha. O preço da canola é o maior incentivo para o produtor, uma vez que acompanha o preço da soja. Além disso o produto tem da alta liquidez no mercado. Além disso a canola tem muita importância na rotação de culturas, pois possui um sistema radicular que facilita a aeração do solo, substituindo o nabo que também tem a característica de aeração do solo, porém sem valor comercial.

No Paraná 98% da safra de canola está implantada e está prevista uma redução de 10,5% da área plantada. Porém, a partir do incremento de produtividade estimada em 1.728 kg/ha, a produção total alcançará 8,8 mil toneladas, 7,3% maior do que a safra 2013/14.

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Canola



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL	C							P				
PR	C							P				C
RS	C							P				
CENTRO-SUL	C							P				
BRASIL	C							P				

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

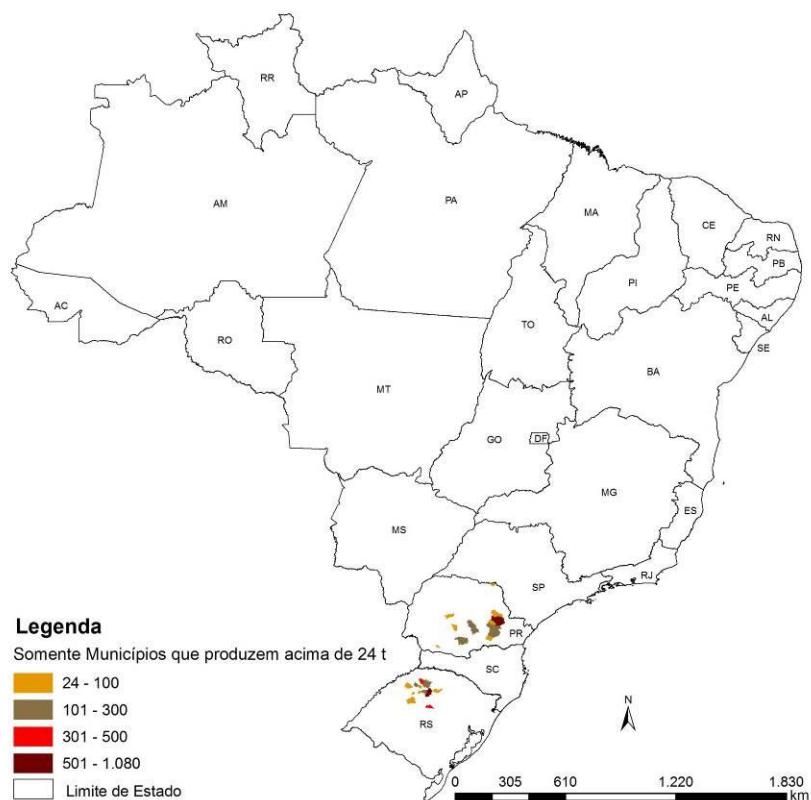
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	40,1	(10,3)	812	1.529	88,3	36,3	61,3	68,9
PR	5,7	5,1	(10,5)	1.436	1.728	20,3	8,2	8,8	7,3
RS	39,0	35,0	(10,2)	720	1.500	108,3	28,1	52,5	86,8
CENTRO-SUL	44,7	40,1	(10,3)	812	1.529	88,3	36,3	61,3	68,9
BRASIL	44,7	40,1	(10,3)	812	1.529	88,3	36,3	61,3	68,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

### 10.2.3. Centeio

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C							P			
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL		C							P			
BRASIL		C							P			


Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;  Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.  
Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.056	5,8	3,5	3,7	5,7
PR	1,3	1,3	-	2.103	2.226	5,8	2,7	2,9	7,4
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.550	3,3	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.056	5,8	3,5	3,7	5,7
BRASIL	1,8	1,8	-	1.944	2.056	5,8	3,5	3,7	5,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

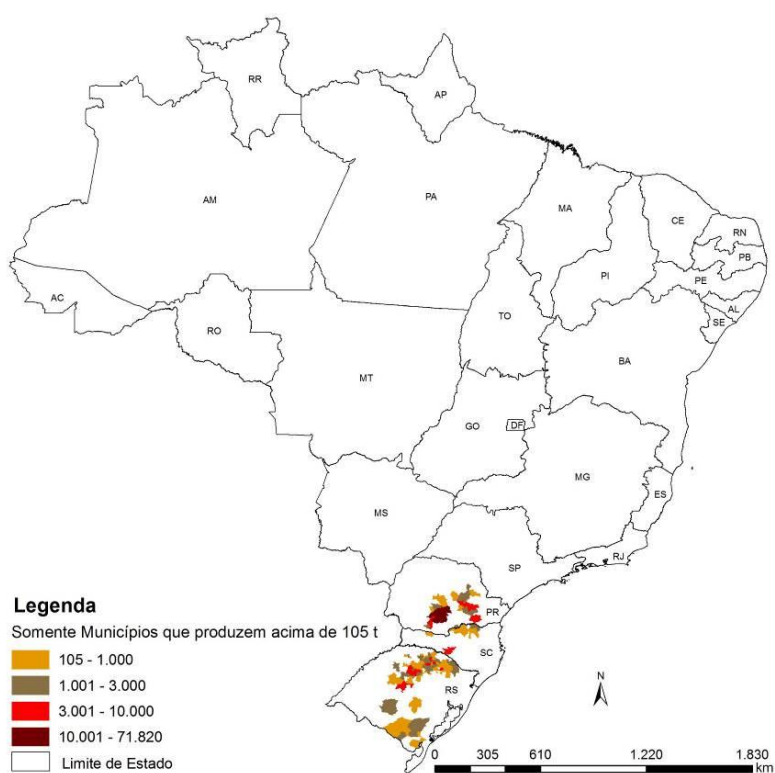
#### 10.2.4. Cevada

No Brasil a área semeada com cevada na safra 2015 deverá ser 5,5% inferior em relação à safra cultivada em 2014. Assim como a canola, este cereal é altamente incentivado por empresas privadas.

No Rio Grande do Sul uma das empresas lançou um programa de amparo ao produtor, fixando o preço mínimo de R\$ 35,00 por saco de 60 kg, além de garantir os insumos básicos para a implantação das lavouras. Mesmo assim o cultivo é limitado, pois se exige uma alta qualidade de grão, com poder germinativo superior a 95%, tendo em vista que a quase totalidade do produto é destinado à fabricação de malte. A previsão de clima úmido indica que a cultura poderá ter problemas no terço final do ciclo, conforme o ocorrido na safra anterior. A área plantada com cevada prevista até o momento é de 56 mil hectares, 11,1% menos do que a safra 2014/15. A produção total é estimada em 143,4 mil toneladas.

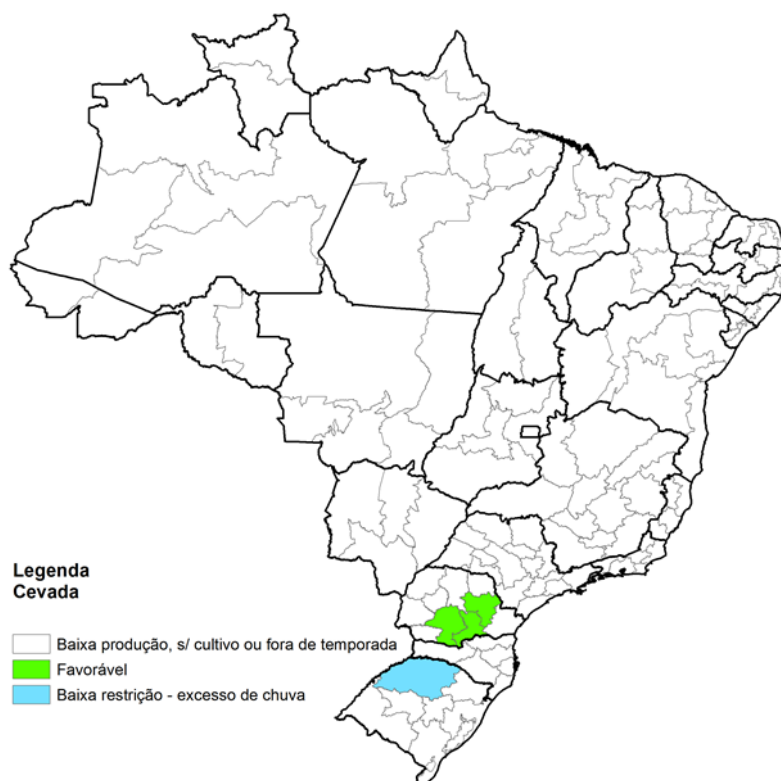
No Paraná o plantio da cevada iniciou no final de maio, principalmente na região sul do estado. Até o momento foram semeadas 41% da área, onde a cultura atravessa as fases de germinação (38%) e desenvolvimento vegetativo (62%). Estima-se uma área plantada de 52 mil hectares, 2,3% maior do que a safra passada e produção total de 209,6 mil toneladas.

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, depois de um período sem plantio em algumas regiões, as indústrias cervejeiras voltaram a fomentar o cultivo da cevada visando aumentar a oferta de matéria-prima e propiciar mais uma fonte de renda para o agricultor. Contudo, a área não foi tão significativa como as safras mais antigas, resultado das incertezas quanto ao clima e qualidade do produto final, o qual deve se enquadrar em certos parâmetros para ser usado pela indústria, o que preocupa o produtor e, de certa forma, inibe o investimento na cultura. Contudo, estima-se um aumento de 180% na área plantada, passando de mil hectares para 2,8 mil hectares. Com a manutenção da produtividade, a produção total é estimada em 9,2 mil toneladas. A cultura deve ser implantada mediante contrato entre os produtores e a empresa fomentadora, que disponibilizará os insumos necessários ao cultivo e receberá a produção mediante pagamento de valor estipulado em contrato.

Tabela 11 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
<b>Cevada</b>	- noroeste do RS (G/DV) - leste, sudeste e centro sul do PR (DV)	- excesso de chuva a partir do 2º decêndio de junho no noroeste do RS (P)		

Legenda: \* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C							P	P		
SC		C							P	P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL		C							P			
BRASIL		C							P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	117,2	110,8	(5,5)	2.606	3.384	29,9	305,4	374,9	22,8
PR	53,2	52,0	(2,3)	3.547	4.030	13,6	188,7	209,6	11,1
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	3.300	-	3,3	9,2	178,8
RS	63,0	56,0	(11,1)	1.800	2.788	54,9	113,4	156,1	37,7
<b>CENTRO-SUL</b>	117,2	110,8	(5,5)	2.606	3.384	29,9	305,4	374,9	22,8
<b>BRASIL</b>	117,2	110,8	(5,5)	2.606	3.384	29,9	305,4	374,9	22,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.



### 10.2.5. Trigo

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

Segundo a FAO (2013, p. 132)<sup>3</sup>, a produção de trigo (*Triticum aestivum* L.) é a terceira no mundo, superado pelo milho e arroz, é o segundo maior cultivo responsável pela alimentação humana e foi a primeira cultura domesticada pelo homem e utilizada em larga escala.

No décimo levantamento as previsões para a safra brasileira de trigo é de que a área tenha uma redução de 10,8% em relação a 2014, o que corresponde 299,2 mil hectares. Os dados indicam que a área plantada ficará em 2.458,8 mil hectares.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, aproximadamente 90% da safra de trigo está semeada e os dados indicam uma redução de 4,6% na área plantada. A diminuição de área é justificada pelas condições comerciais desfavoráveis, elevação dos custos de produção, assim como, pela adequação do escalonamento das culturas, já que o trigo impacta no atraso do plantio da soja primeira safra, que necessita ser plantada mais cedo a fim de evitar a ação da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizae* ou *Phakopsora* sp.) na cultura da soja.

As boas condições climáticas estão favorecendo o desenvolvimento da cultura. Por esse motivo os dados de produtividade e produção apontam para um aumento de 9,5% e 4,4%, respectivamente. Estima-se que os produtores comercializaram antecipadamente 5% da safra.

Outro estado importante no cenário produtivo do trigo, o Rio Grande do Sul, há indicativos de redução de área e por isso continua a indefinição quanto ao total de área que será semeada com trigo na safra 2015. Com a semeadura ultrapassando 50% da área e com a possibilidade do plantio estender-se até final de julho, de acordo com o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), ainda não se pode afirmar com precisão o total de área semeada com trigo nesse ciclo. A indefinição quanto ao total da área que será plantada se dá por conta do cenário que aponta para incertezas mercadológicas, variação cambial e possibilidade de ocorrência de fenômenos climáticos que prejudiquem a lavoura. Há uma tendência de extratificação da lavoura de trigo, onde aproximadamente 30% dos produtores utilizarão um pacote tecnológico completo e dentro das recomendações. Estima-se que 40% dos agricultores utilizarão um pacote tecnológico intermediário, que desonera o custo final da lavoura e os 30% restantes utilizarão um pacote mínimo com um custo final mais baixo e minimizando os riscos. Tal definição vai de encontro com as recomendações técnicas, que sinalizam para os produtores que não têm intenção ou possibilidade de aplicar um pacote tecnológico completo, que reduzam a área para se achar um ponto de equilíbrio. Até o momento a expectativa que a redução da área plantada fique em 19,8% quando comparada com a safra passada, atingindo 914 mil hectares.

Em Santa Catarina o clima tem se mostrado até o momento favorável ao cultivo do trigo. As chuvas estão ocorrendo de forma regular, com intervalos necessários para a entrada de máquinas nas lavouras a fim de continuar o plantio. As temperaturas estão em declínio, registrando-se algumas geadas em todas as regiões, o que beneficia a cultura já implantada. Os produtores estão buscando recursos financeiros junto às instituições de crédito para compra de insumos.

---

<sup>3</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA - FAO. Statistical Yearbook 2013: world food and agriculture. Roma, 2013. 307p.

A semeadura teve início na segunda quinzena de junho, devendo se prolongar até meados de agosto nas áreas mais altas devido ao clima e o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc). A grande maioria das lavouras encontra-se em germinação e desenvolvimento vegetativo, com boas condições fisiológicas e sanitárias.

Há uma expectativa de redução de 14,1% da área plantada, principalmente pelos prejuízos que os agricultores tiveram na safra passada, quando a lavoura foi afetada por condições climáticas desfavoráveis, reduzindo a produtividade e, principalmente, a qualidade do produto. Outro ponto que influencia a redução da área é a possibilidade da safra de inverno atrasar a implantação das culturas de verão, principalmente a soja. Com uma expectativa de que a produtividade seja reduzida em 1,3%, a produção total deverá ser 15,3% menor do que a safra anterior.

A produção de trigo no Brasil central concentra-se em Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, na sua maioria irrigada. O fenômeno de se ampliar o cultivo do trigo para áreas além da região subtropical, tem como objetivos: a busca de alternativas para o abastecimento do mercado interno de trigo, a partir do aumento da produção; se evitar problemas bióticos (pragas e doenças) e abióticos (principalmente condições climáticas); questões referentes à logística, armazenamento, beneficiamento e distribuição do trigo e seus derivados.

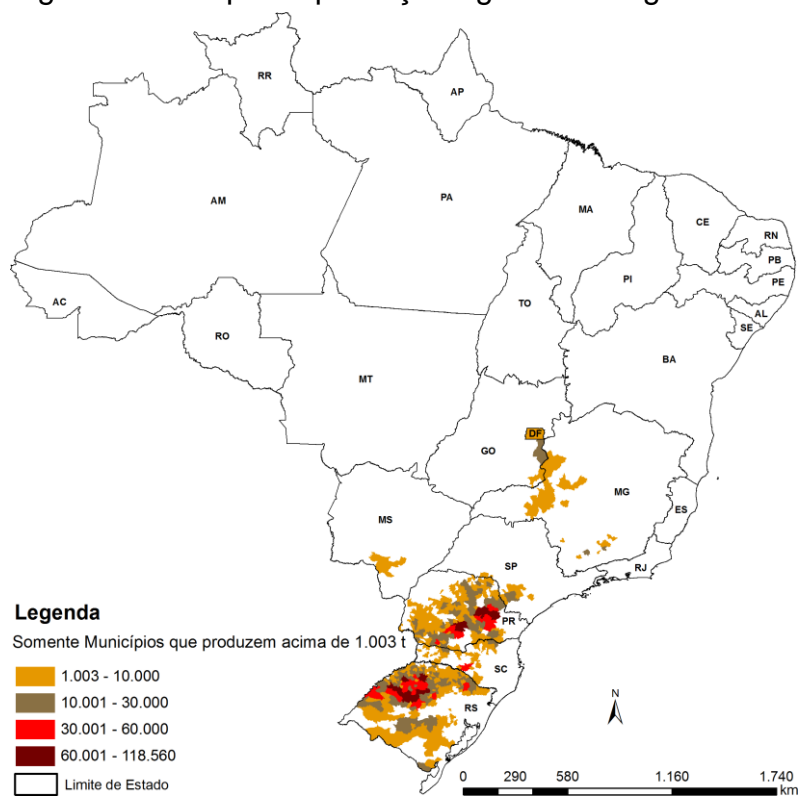
Em Minas Gerais o plantio do trigo está concluído e as lavouras estão em boas condições. Os números iniciais mostram uma área plantada de 65,5 mil hectares, 3,7% menor do que na última safra. Há expectativa que a produtividade poderá ter aumento de 8,6%, estimada em torno de 3.263 kg/ha. Desse modo, as informações até aqui obtidas apontam para uma produção de 213,7 mil toneladas, que representa um aumento de 4,6% em relação à safra passada.

Em São Paulo há uma sinalização para um crescimento na área plantada de trigo em 5,4%, o que proporcionará uma produção total de 158,4 mil toneladas do cereal.

As primeiras avaliações sobre a intenção de plantio de trigo em Mato Grosso do Sul indicam uma tendência de aumento da área cultivada em relação à safra passada em 8,3%, podendo atingir em torno de 13 mil hectares. Avalia-se que a maioria das lavouras está em fase vegetativa e em boas condições de desenvolvimento. Espera-se que a produtividade seja a mesma da safra passada e a produção total seja 8,3% maior, atingindo 26 mil toneladas.

O trigo do cerrado caracteriza-se por ser plantado em sistemas irrigados. Além do controle do principal fator condicionante para a produção, o triticultor da Região Central do Brasil tem a vantagem de que o trigo do cerrado é o primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além do preço do produto estar atrativo, geralmente a qualidade deste trigo é muito boa, influenciando ainda mais no preço recebido pelo produto. Mesmo assim, no Distrito Federal haverá redução da área plantada e, ao contrário, em Goiás haverá um leve aumento de 1%. As produtividades nesses estados são as maiores do Brasil, atingindo 6.000 kg/ha no Distrito Federal e 5.485 kg/ha em Goiás.

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 46 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases\*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- noroeste e Triângulo de MG - irrigado (FR) - sudoeste do MS (F/FR), exceto regiões pontuais - sul de SP (F) - norte, oeste, leste do PR (DV/F), exceto regiões pontuais do norte - centro sul, sudeste e sudoeste do PR (G/DV) - todo estado do RS (G/DV) - oeste de SC (G/DV)	- excesso de chuva a partir do 2º decêndio de junho no noroeste e centro do RS (P)		- regiões pontuais do sudoeste do MS (F/FR)** - regiões pontuais do norte do PR (F)**

Legenda: \* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo


REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>23,3</b>	<b>23,8</b>	<b>2,1</b>	<b>3.682</b>	<b>3.601</b>	<b>(2,2)</b>	<b>85,8</b>	<b>85,7</b>	<b>(0,1)</b>
MS	12,0	13,0	8,3	2.000	2.000	-	24,0	26,0	8,3
GO	9,9	10,0	1,0	5.397	5.485	1,6	53,4	54,9	2,8
DF	1,4	0,8	(42,9)	6.000	6.000	-	8,4	4,8	(42,9)
<b>SUDESTE</b>	<b>130,5</b>	<b>131,4</b>	<b>0,7</b>	<b>2.717</b>	<b>2.832</b>	<b>4,2</b>	<b>354,6</b>	<b>372,1</b>	<b>4,9</b>
MG	68,0	65,5	(3,7)	3.004	3.263	8,6	204,3	213,7	4,6
SP	62,5	65,9	5,4	2.404	2.404	-	150,3	158,4	5,4
<b>SUL</b>	<b>2.604,2</b>	<b>2.303,6</b>	<b>(11,5)</b>	<b>2.124</b>	<b>2.845</b>	<b>33,9</b>	<b>5.530,7</b>	<b>6.553,8</b>	<b>18,5</b>
PR	1.388,5	1.324,6	(4,6)	2.731	2.990	9,5	3.792,0	3.960,6	4,4
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	2.900	(1,3)	222,5	188,5	(15,3)
RS	1.140,0	914,0	(19,8)	1.330	2.631	97,8	1.516,2	2.404,7	58,6
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.758,0</b>	<b>2.458,8</b>	<b>(10,8)</b>	<b>2.165</b>	<b>2.852</b>	<b>31,7</b>	<b>5.971,1</b>	<b>7.011,6</b>	<b>17,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.758,0</b>	<b>2.458,8</b>	<b>(10,8)</b>	<b>2.165</b>	<b>2.852</b>	<b>31,7</b>	<b>5.971,1</b>	<b>7.011,6</b>	<b>17,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

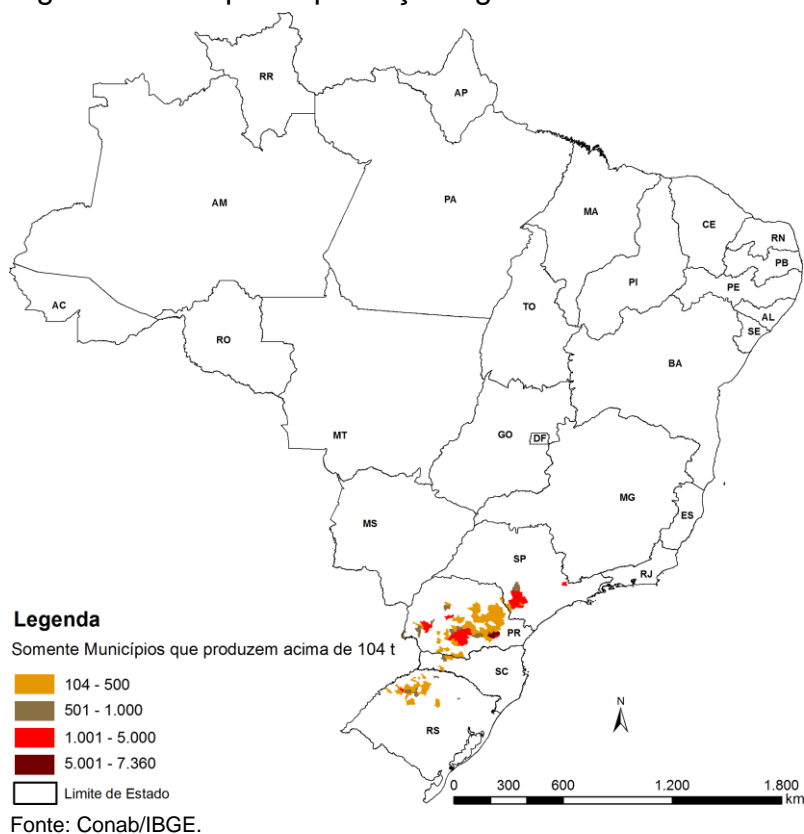
REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>CENTRO-OESTE</b>							P				C	
MS							P				C	
GO							P				C	
DF							P				C	
<b>SUDESTE</b>							P	P				C
MG							P	P			C	C
SP							P	P			C	C
<b>SUL</b>	C	C							P			
PR	C							P				C
SC		C								P		
RS		C							P			
<b>CENTRO-SUL</b>	C	C						P	P			
<b>BRASIL</b>	C	C						P	P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;  Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

## 10.2.6. Tríticale

Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Tríticale



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Tríticale

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>SUDESTE</b>								P				C
SP	C							P				C
<b>SUL</b>		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
<b>CENTRO-SUL</b>								P				C
<b>BRASIL</b>												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;  Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.  
Fonte: Conab.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	20,0	4,2	(79,0)	2.400	2.643	10,1	48,0	11,1	(76,9)
SP	20,0	4,2	(79,1)	2.400	2.639	10,0	48,0	11,1	(76,9)
<b>SUL</b>	19,1	16,0	(16,2)	2.503	2.569	2,6	47,8	41,1	(14,0)
PR	12,8	9,7	(24,2)	2.713	2.889	6,5	34,7	28,0	(19,3)
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.600	-	1,6	1,6	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
<b>CENTRO-SUL</b>	39,1	20,2	(48,3)	2.450	2.584	5,5	95,8	52,2	(45,5)
<b>BRASIL</b>	39,1	20,2	(48,3)	2.450	2.584	5,5	95,8	52,2	(45,5)

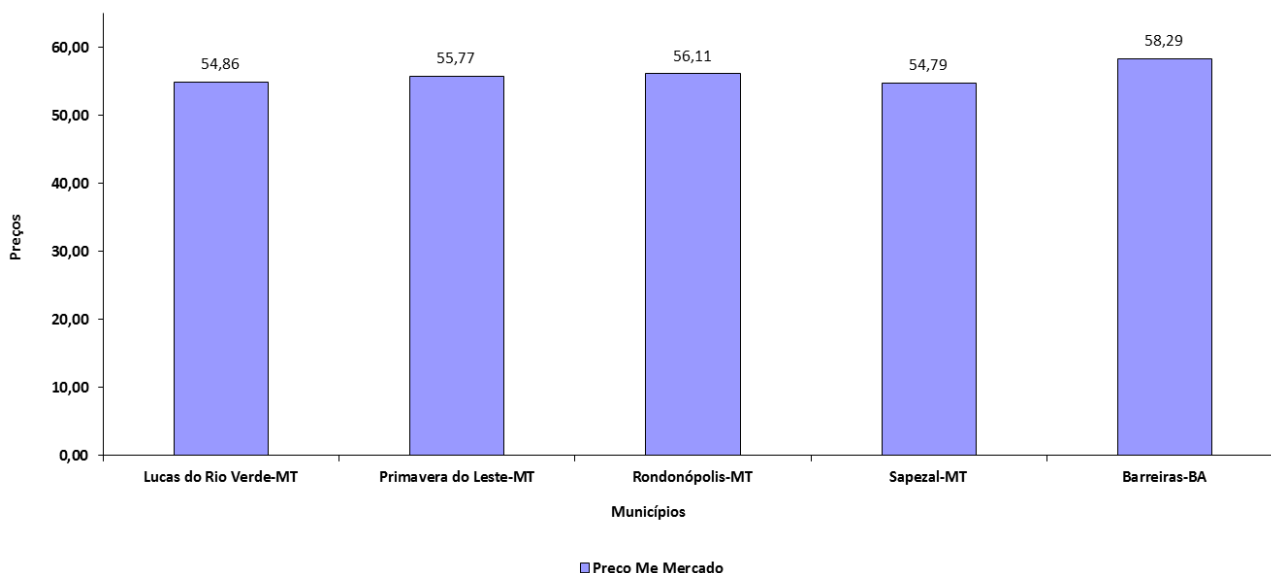
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2015.

## 11. Anexos

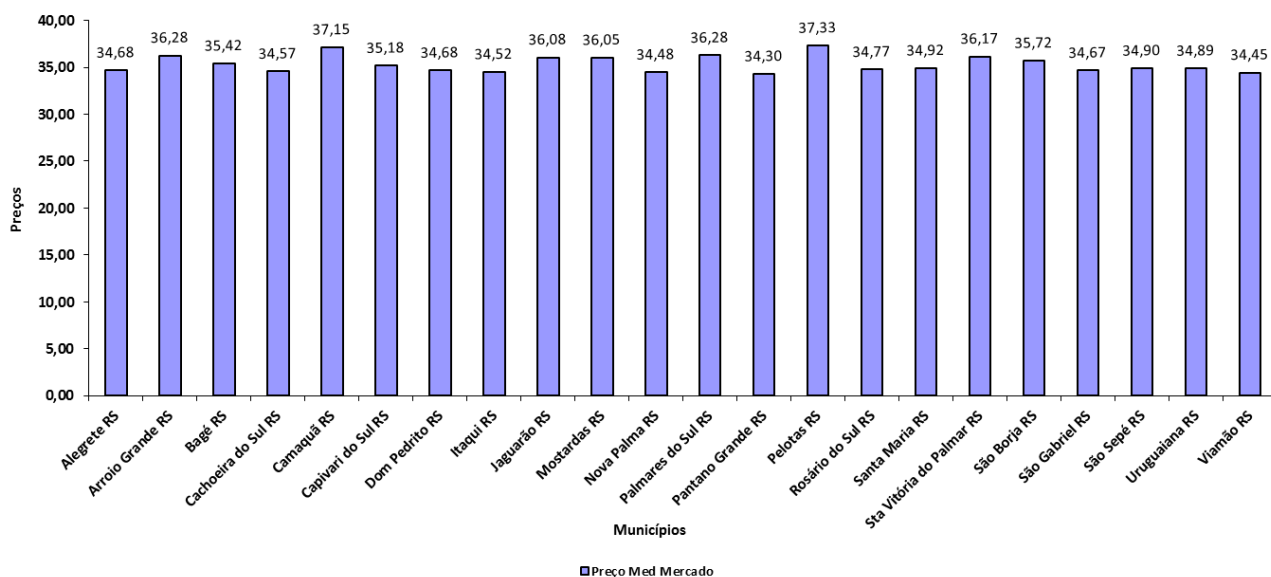
### 11.1. Preços agropecuários

Gráfico 35 – Preço, por município, de algodão em pluma (15 kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: junho de 2014 a junho de 2015



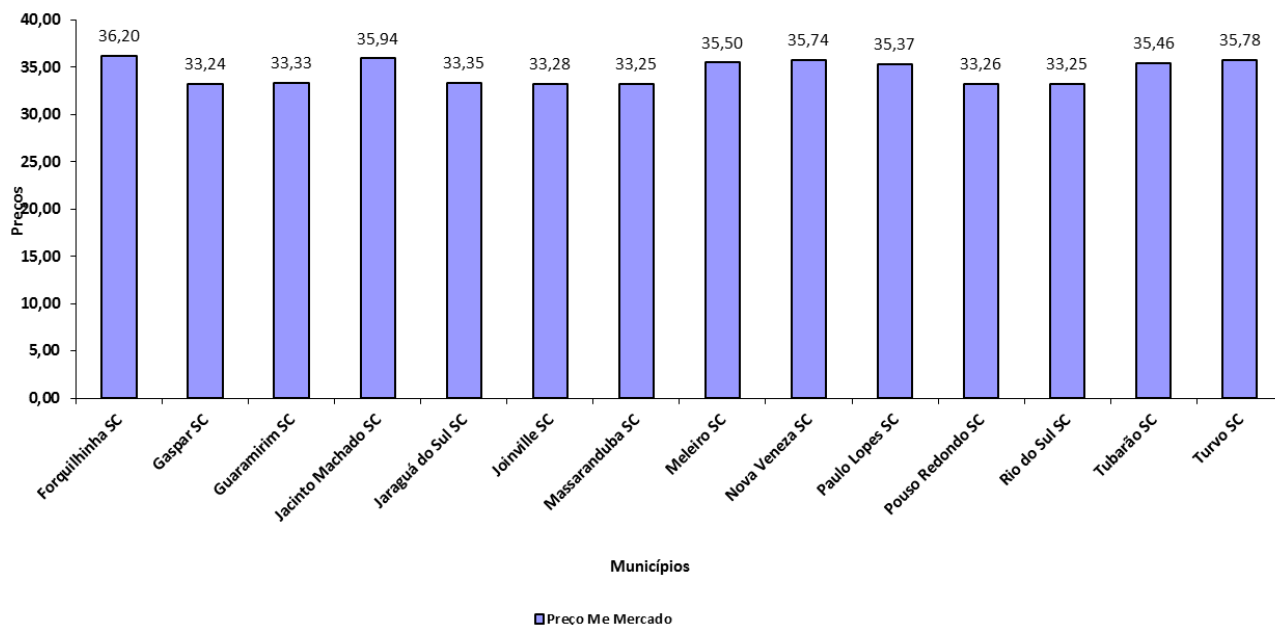
Fonte: Conab.

Gráfico 36 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 kg) – Rio Grande do Sul – Período: junho de 2014 a junho de 2015



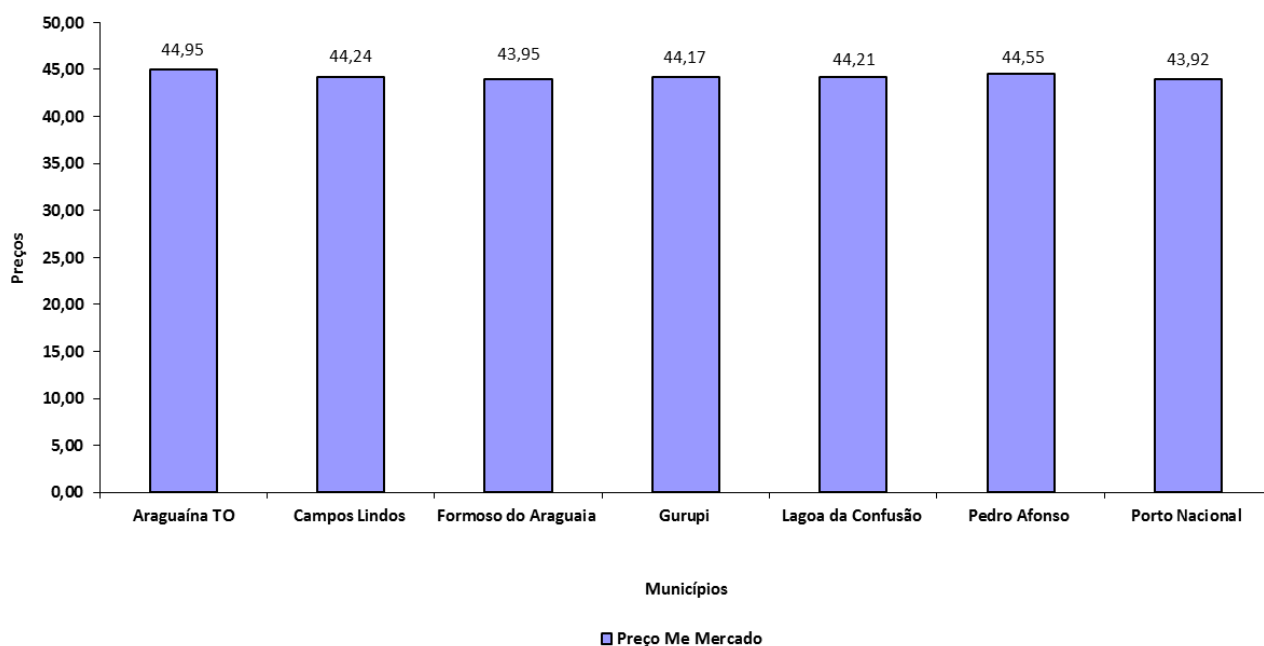
Fonte: Conab.

Gráfico 37 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: junho de 2014 a junho de 2015



Fonte: Conab.

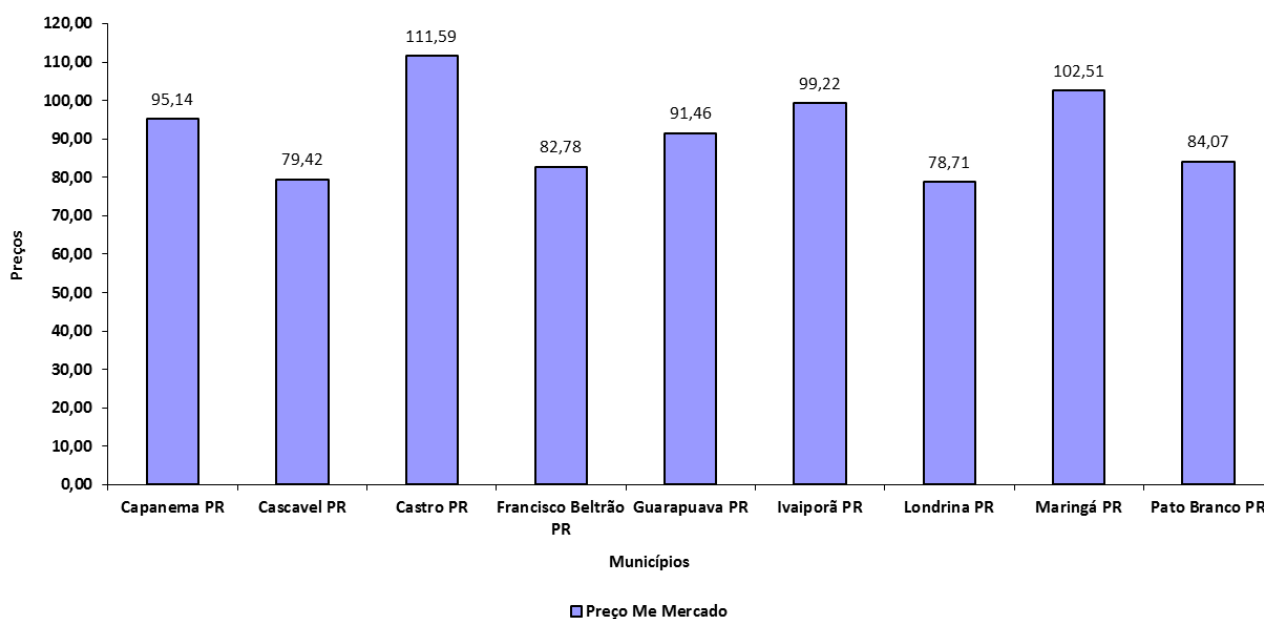
Gráfico 38 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: junho de 2014 a junho de 2015



Fonte: Conab.

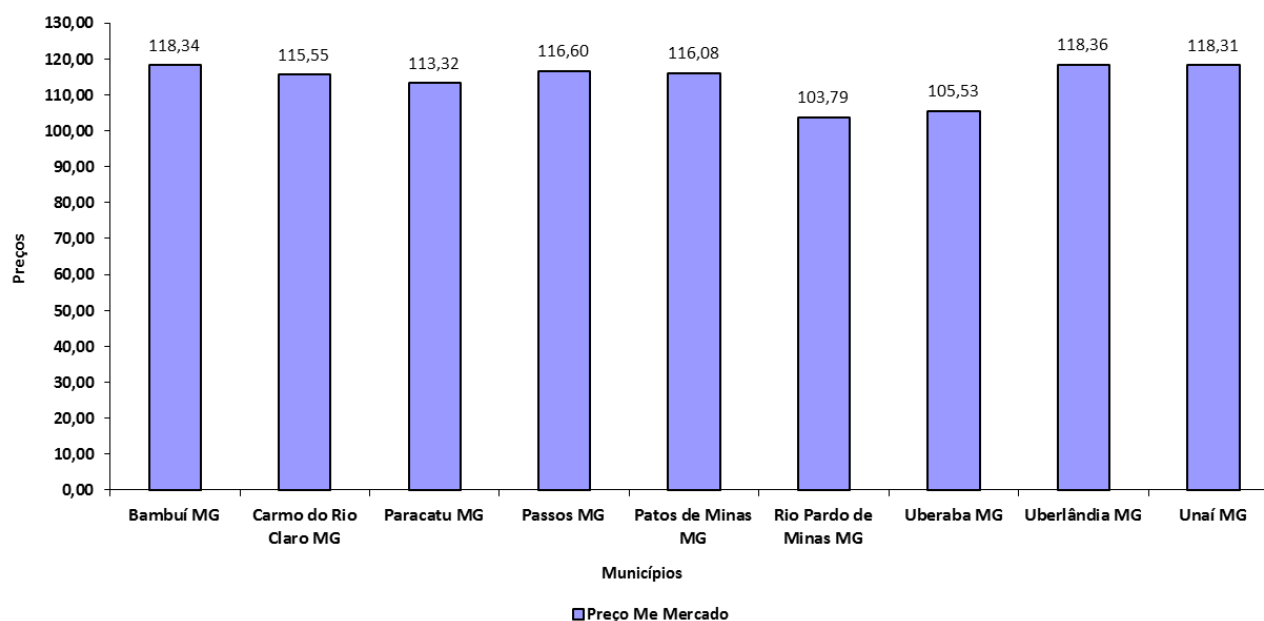


Gráfico 39 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: junho de 2014 a junho de 2015



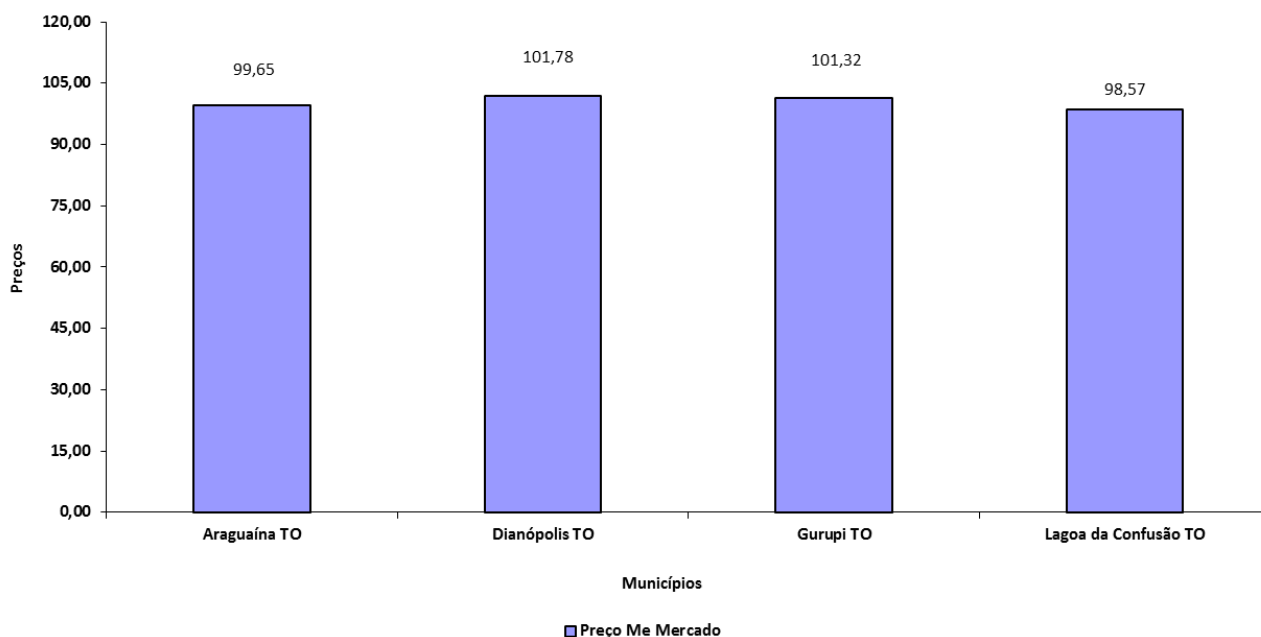
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: junho de 2014 a junho de 2015



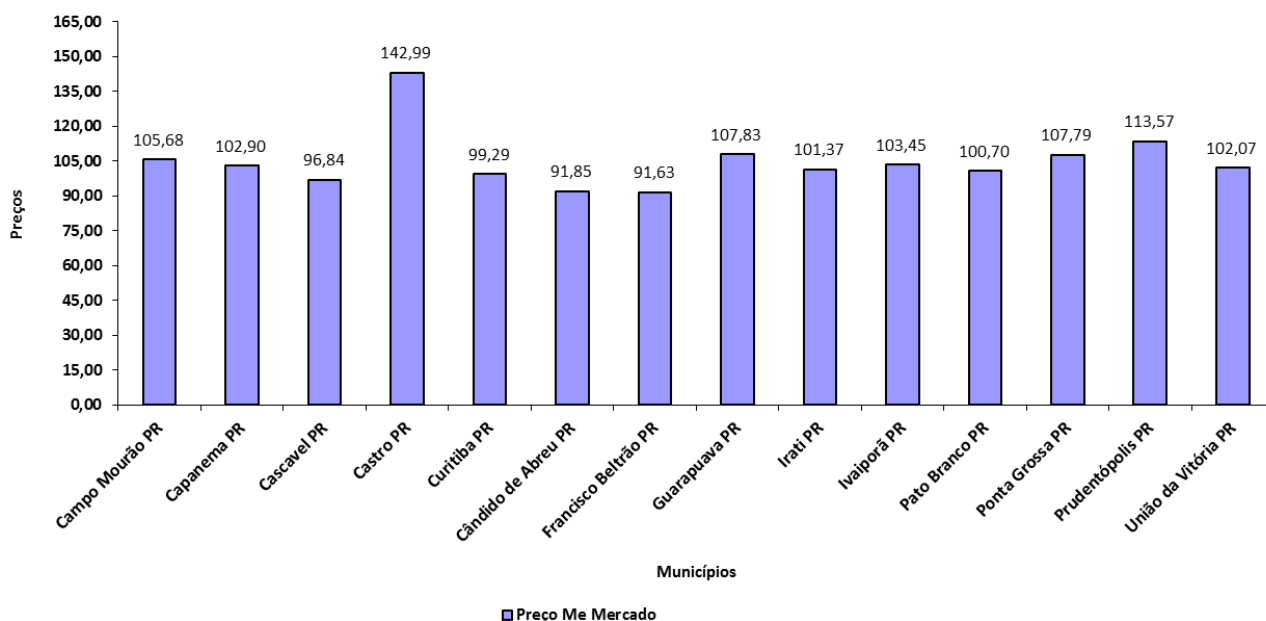
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: junho de 2014 a junho de 2015



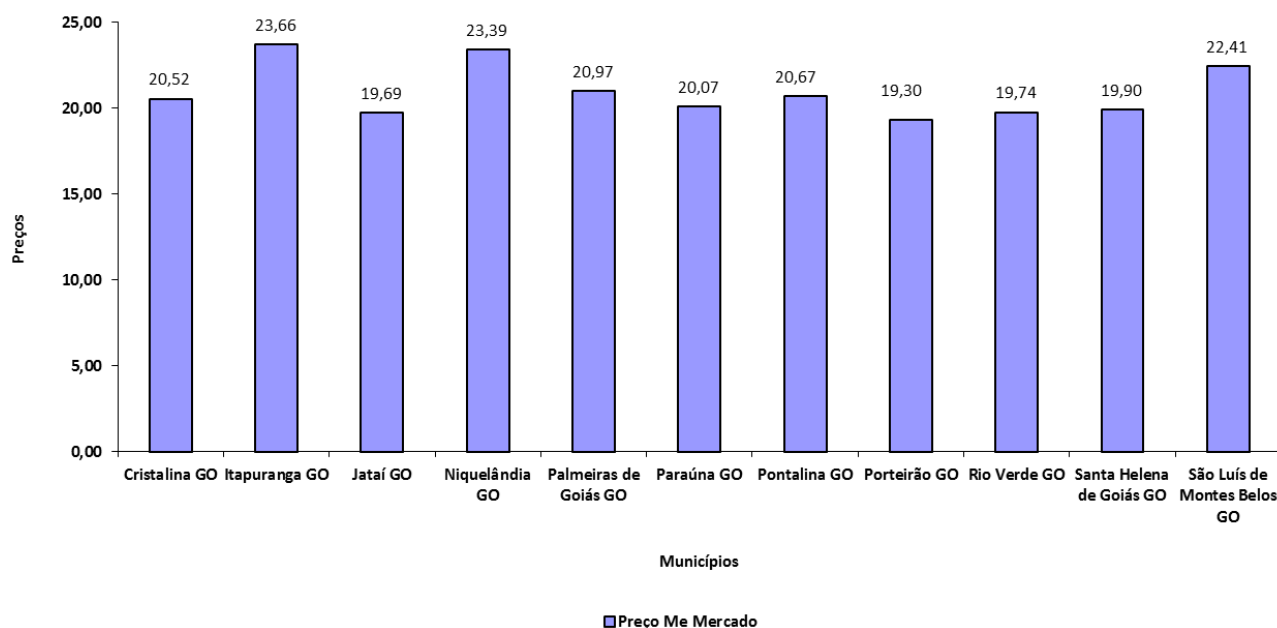
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: junho de 2014 a junho de 2015



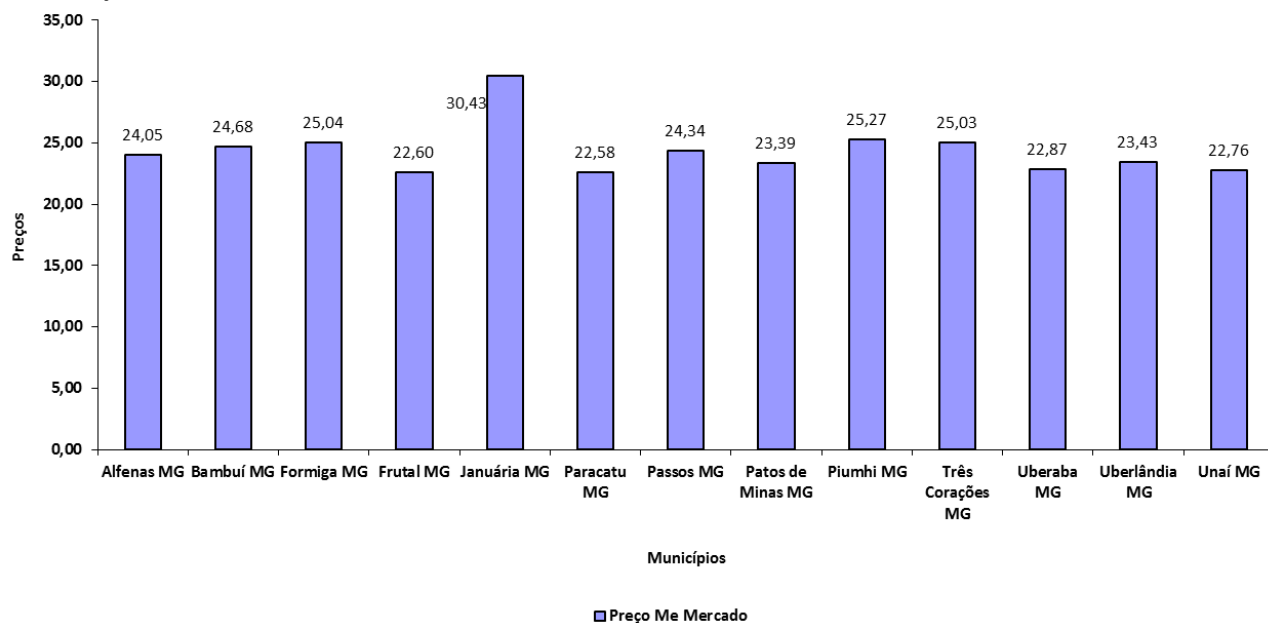
Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Goiás – Período: junho de 2014 a junho de 2015



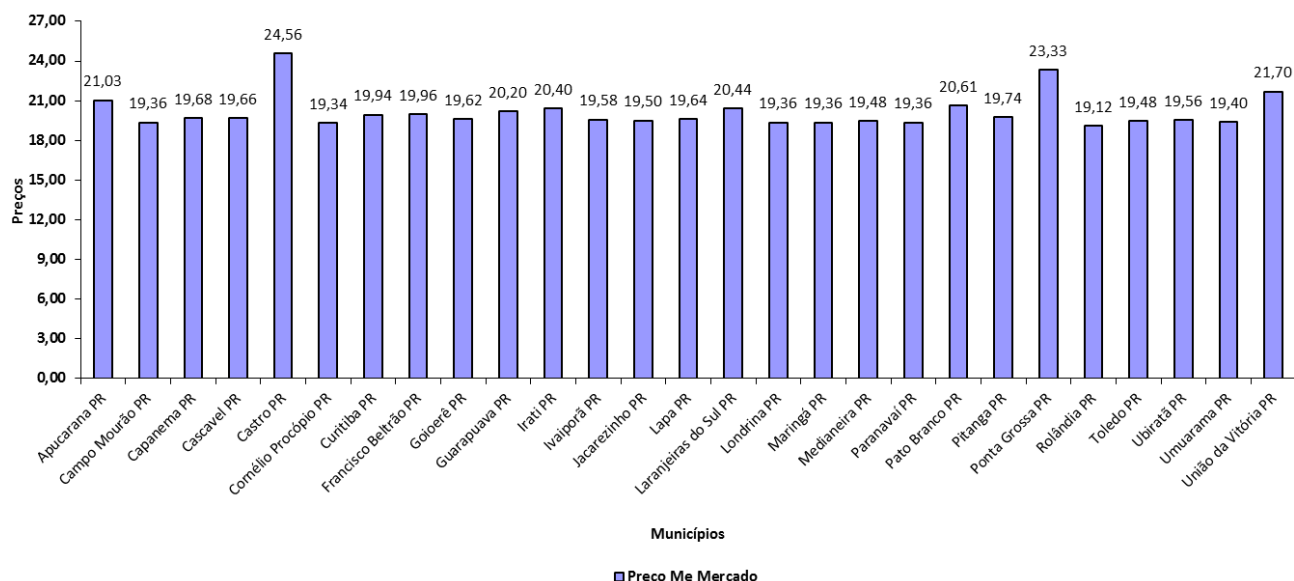
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: junho de 2014 a junho de 2015



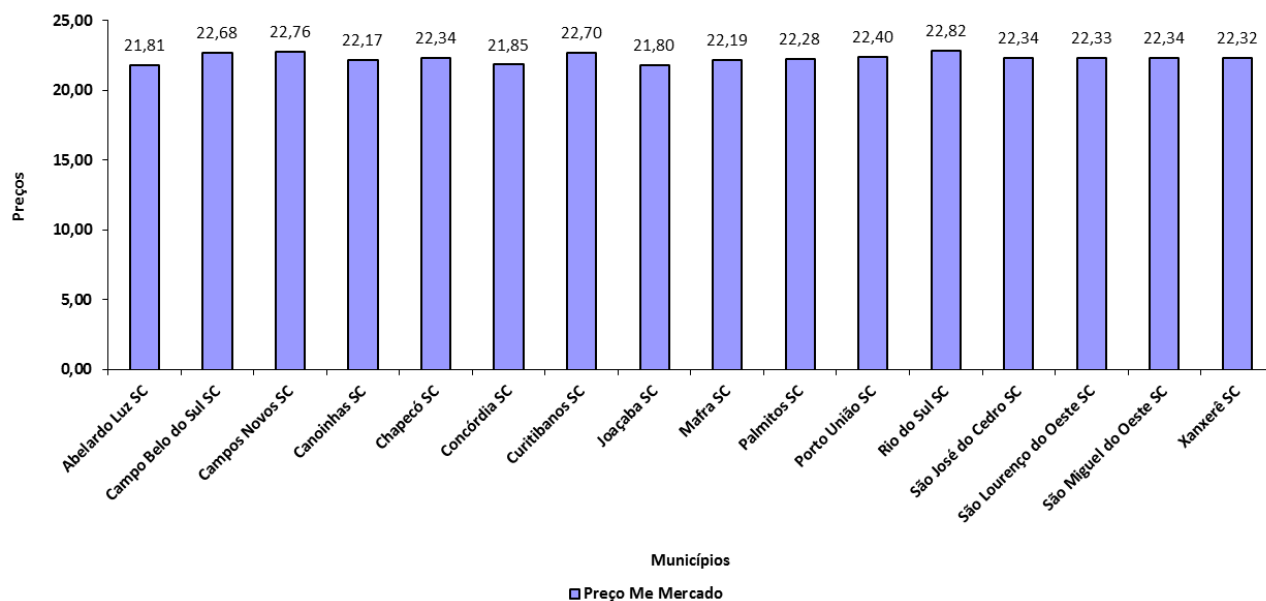
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Paraná – Período: junho de 2014 a junho de 2015



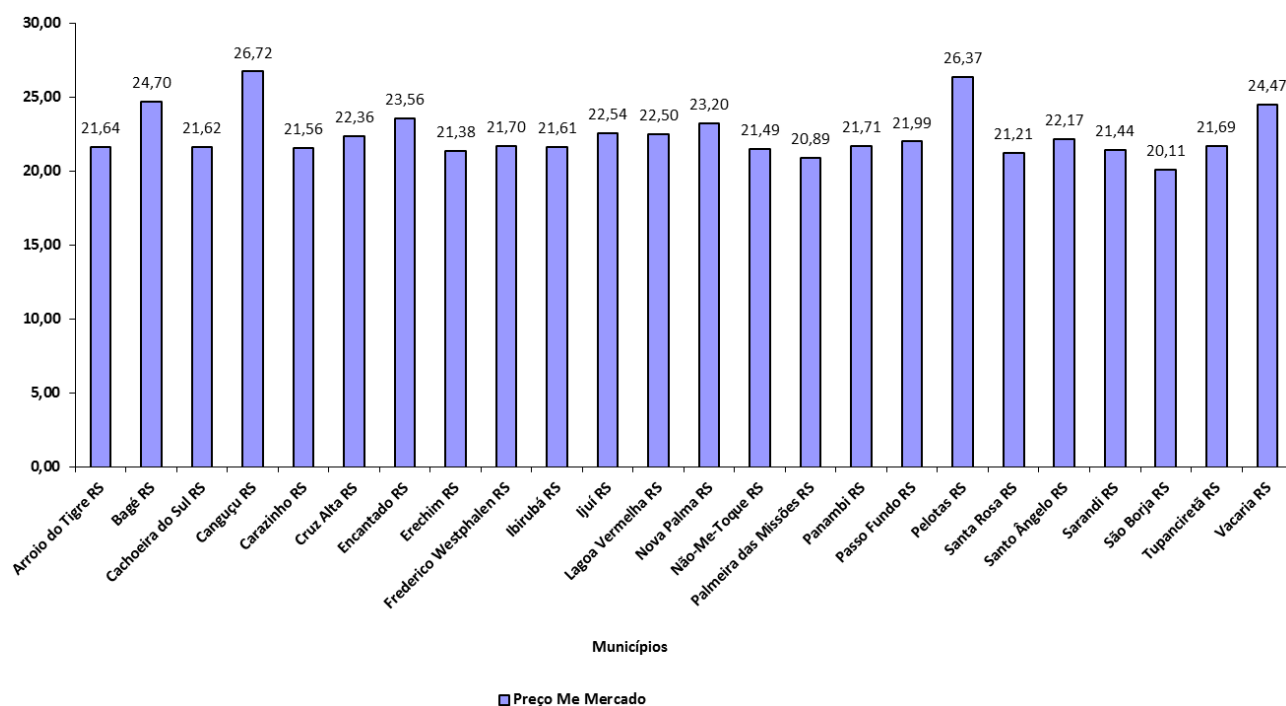
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: junho de 2014 a junho de 2015



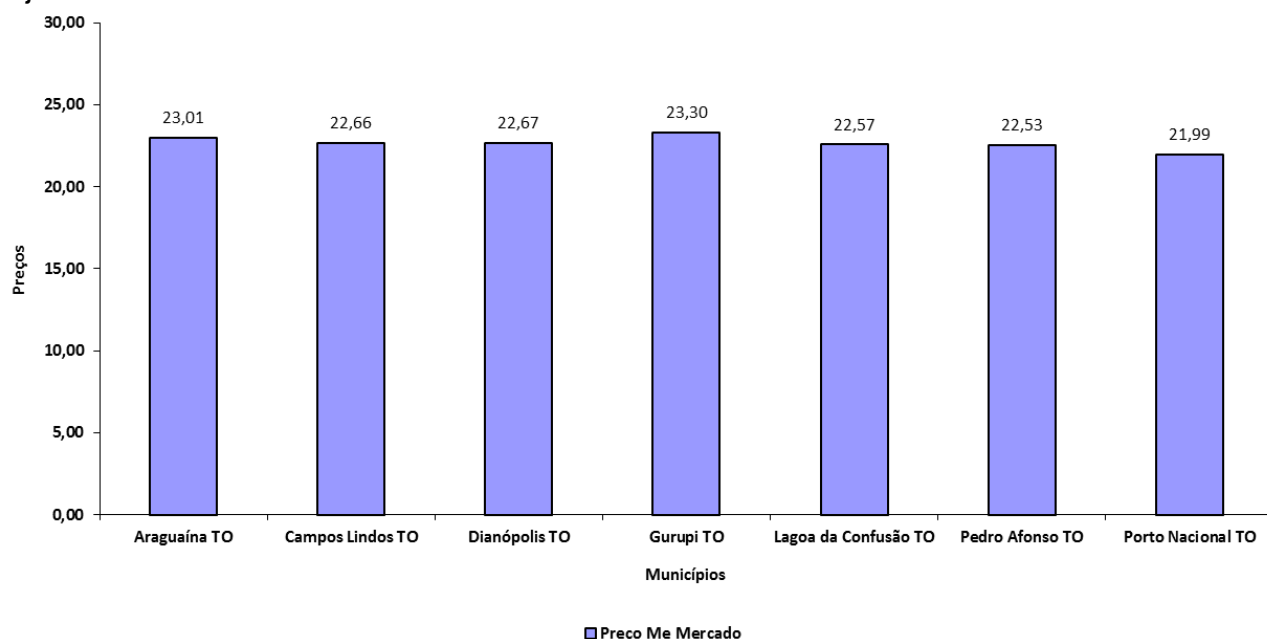
Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: junho de 2014 a junho de 2015



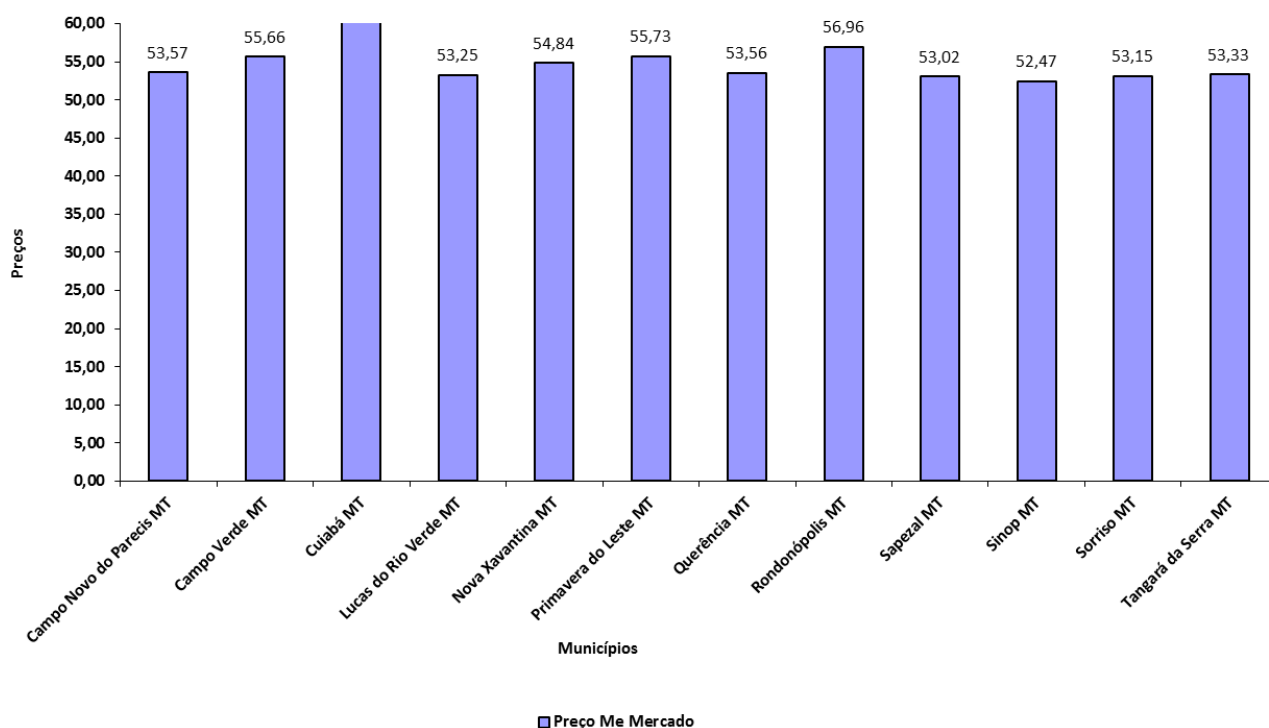
Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: junho de 2014 a junho de 2015



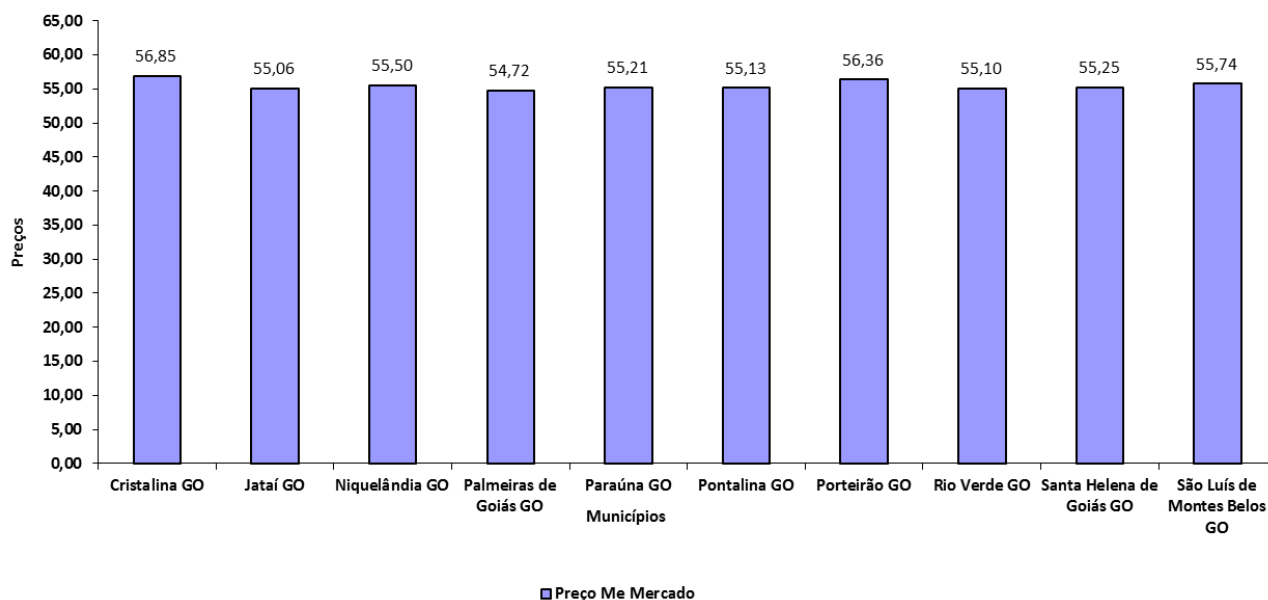
Fonte: Conab.

Gráfico 49 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: junho de 2014 a junho de 2015



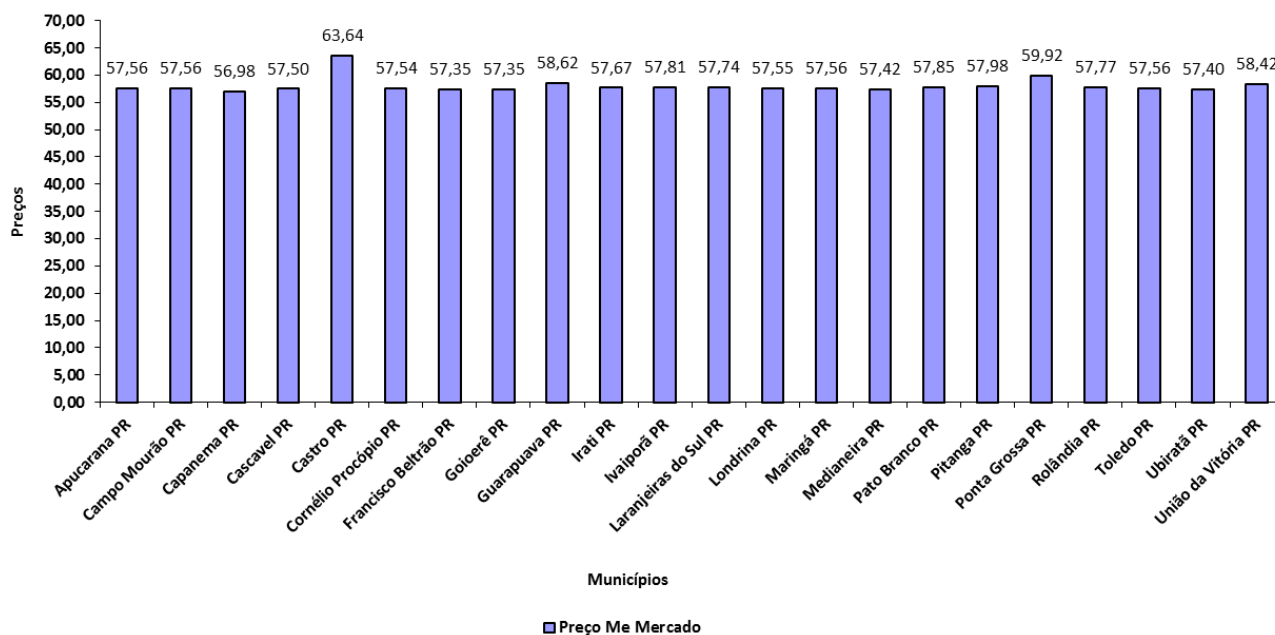
Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Goiás – Período: junho de 2014 a junho de 2015



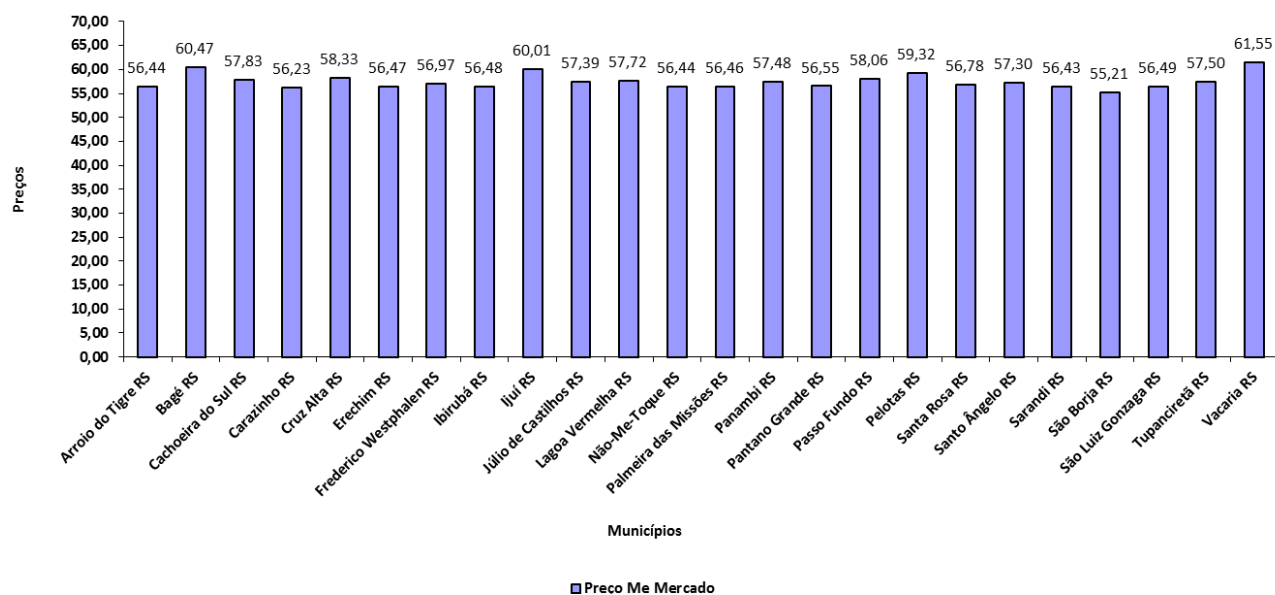
Fonte: Conab.

Gráfico 51 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Paraná – Período: junho de 2014 a junho de 2015



Fonte: Conab.

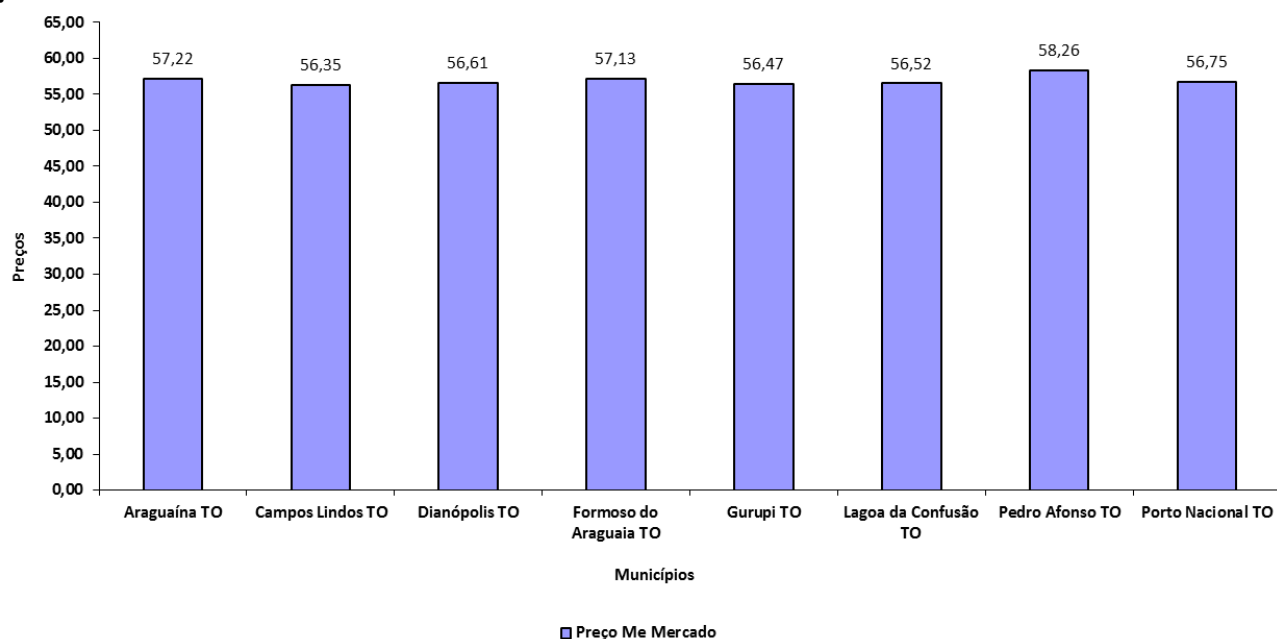
Gráfico 52 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: junho de 2014 a junho de 2015



Fonte: Conab.



Gráfico 53 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: junho de 2014 a junho de 2015



Fonte: Conab.

**SUREG AC**

Filomeno Gomes de Freitas  
Travessa do Icó, 180  
Estação Experimental  
69.901-180, Rio Branco (AC)  
Fone: (68) 3227-7959  
ac.sureg@conab.gov.br

**SUREG AL**

Elizeu José Rego  
Rua Senador Mendonça, 148  
Edifício Walmap, 8º e 9º andar  
57.020-030, Maceió (AL)  
Fone: (82) 3358-6145  
al.sureg@conab.gov.br

**SUREG AM**

Antônio Batista da Silva  
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196  
Distrito Industrial  
69.075-830, Manaus (AM)  
Fone: (92) 3182-2404  
am.sureg@conab.gov.br

**SUREG AP**

Asdrúbal Silva de Oliveira  
Avenida Hamilton Silva, 1500  
Bairro Central  
68.900-068, Macapá (AP)  
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003  
ap.sureg@conab.gov.br

**SUREG BA**

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães  
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840  
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba  
41.821-900, Salvador (BA)  
Fone: (71) 3417-8630  
ba.sureg@conab.gov.br

**SUREG CE**

Anastácio Jorge Rocha Fontelles  
Rua Antônio Pompeu, 555  
Bairro José Bonifácio  
60.040-001, Fortaleza (CE)  
Fone: (85) 3252-1722  
ce.sureg@conab.gov.br

**SUREG DF**

Sebastião Pereira Gomes  
Setor Indústria e Abastecimento Sul  
Trecho 5, Lotes 300/400  
71.205-050, Brasília (DF)  
Fone: (61) 3363-2502  
df.sureg@conab.gov.br

**SUREG ES**

Bricio Alves Santos Júnior  
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702  
Ed. Vitória Center, Centro  
29.010-904, Vitória (ES)  
Fone: (27) 3041-4005  
es.sureg@conab.gov.br

**SUREG GO**

Ludmila Brandão  
Avenida Meia Ponte, 2748  
Setor Santa Genoveva  
74.670-400, Goiânia (GO)  
Fone: (62) 3269-7400  
go.sureg@conab.gov.br

**SUREG MA**

Margareth de Cassia Oliveira Aquino  
Rua das Sabias, 4, Quadra 5  
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença  
65.071-750, São Luiz (MA)  
Fone: (98) 2109-1301  
ma.sureg@conab.gov.br

**SUREG MS**

Antônio Benedito Dota  
Avenida Mato Grosso, 1022  
Centro  
79.002-232, Campo Grande (MS)  
Fone: (67) 3383-4566  
ms.sureg@conab.gov.br

**SUREG MT**

Petrônio de Aquino Sobrinho  
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510  
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino  
78015-240, Cuiabá (MT)  
Fone: (65) 3616-3803  
mt.sureg@conab.gov.br

**SUREG MG**

Oswaldo Teixeira de Souza Filho  
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756  
Bairro de Lourdes  
30.180-150, Belo Horizonte (MG)  
Fone: (31) 3290-2800  
mg.sureg@conab.gov.br

**SUREG PA**

Moacir da Cruz Rocha  
Rua Joaquim Nabuco, 23  
Bairro Nazaré  
66.055-300, Belém (PA)  
Fone: (91) 3224-2374  
pa.sureg@conab.gov.br

**SUREG PB**

Gustavo Guimarães Lima  
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n  
Bairro Cruz das Armas  
58.085-010, João Pessoa (PB)  
Fone: (83) 3242-5864  
pb.sureg@conab.gov.br

**SUREG PE**

Roberto Pereira Lins  
Estrada do Barbalho, 960  
Bairro Iputinga  
50.690-000, Recife (PE)  
Fone: (81) 3271-4291  
pe.sureg@conab.gov.br

**SUREG PI**

Manuel Araújo da Rocha  
Rua Honório de Paiva, 475  
Sul – Piçarra  
64.017-112, Teresina (PI)  
Fone: (86) 3194-5400  
pi.sureg@conab.gov.br

**SUREG PR**

Erli de Pádua Ribeiro  
Rua Mauá, 1.116  
Bairro Alto da Glória  
80.030-200, Curitiba (PR)  
Fone: (41) 3313-3209  
pr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RJ**

Ludmila Brandão  
Rua da Alfândega, nº 91  
11º, 12º e 14º andares  
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)  
Fone: (21) 2509-7416  
rj.sureg@conab.gov.br

**SUREG RN**

João Maria Lúcio da Silva  
Avenida Jerônimo Câmara, 1814  
Bairro Lagoa Nova  
59.060-300, Natal (RN)  
Fone: (84) 4006-7619  
rn.sureg@conab.gov.br

**SUREG RO**

Anderson Conceição Gomes  
Avenida Farquar, 3305  
Bairro Pedrinhas  
78.904-660, Porto Velho (RO)  
Fone: (69) 3216-8420  
ro.sureg@conab.gov.br

**SUREG RR**

Maria Darcy de Almeida  
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A  
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana  
69.309-690, Boa Vista (RR)  
Fone: (95) 3224-7599  
rr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RS**

Glauto Lisboa Melo Junior  
Rua Quintino Bocaiúva, 57  
Bairro Floresta  
90.440-051, Porto Alegre (RS)  
Fone: (51) 3326-6400  
rs.sureg@conab.gov.br

**SUREG SC**

Sione Lauro de Souza  
Rua Francisco Pedro Machado, s/n  
Bairro Barreiros  
88.117-402, São José (SC)  
Fone: (48) 3381-7270  
sc.sureg@conab.gov.br

**SUREG SE**

Emanuel Carneiro de Lima e Silva  
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.  
Centro Adm. Augusto Franco  
49.180-180, Aracaju (SE)  
Fone: (79) 3209-1523  
se.sureg@conab.gov.br

**SUREG SP**

Alfredo Luiz Brienza Coli  
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,  
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista  
01.404-901, São Paulo (SP)  
Fone: (11) 3264-4800  
sp.sureg@conab.gov.br

**SUREG TO**

Jaibas Aires Manduca  
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado  
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul  
77.016-330, Palmas (TO)  
Fone: (63) 3218-7401  
to.sureg@conab.gov.br

**Distribuição:**

**Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

**SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF**

**(61) 3312-6277/6264/6230/2209**

**<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)**



Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento

